

FABIO ALVES
ORGANIZADOR

TEORIA DA RELEVÂNCIA & TRADUÇÃO CONCEITUAÇÕES E APLICAÇÕES



FÁBIO ALVES

(Organizador)

**TEORIA DA RELEVÂNCIA
&
TRADUÇÃO:
conceituações e aplicações**

**FALE-UFMG
Belo Horizonte
2001**

Série Estudos Lingüísticos: volume 4

**Realização: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos
Lingüísticos (FALE-UFMG)**

**Apoio: Departamento de Letras Anglo-Germânicas (FALE-
UFMG)**

Conselho Editorial

**Adriana S. Pagano
Célia Maria Magalhães
Edson Nascimento Campos
Fábio Alves da Silva Júnior
Hugo Mari
Ida Lúcia Machado
José Olímpio Magalhães
Maria Antonieta Cohen
Maria Cristina Magro
Vera Lúcia Menezes
Yara Goulart Liberato**

Ficha Catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias da FALE/UFMG

**T314 Teoria da relevância & tradução: conceituações e
aplicações / Fábio Alves (org.). - Belo Horizonte:
Faculdade de Letras, UFMG, 2001.
184p. : il. (Estudos lingüísticos; 4)**

ISBN : 85-87470-21-3

**1. Pragmática. 2. Relevância. 3. Tradução e
interpretação. I. Alves, Fábio. II. Série.**

CDD : 418.02

ÍNDICE

Agradecimentos 5

Introdução

Fábio Alves..... 7

PARTE 1: Conceituações

Capítulo 1

Teoria da Relevância e Estudos da Tradução: perspectivas e desdobramentos

Fábio Alves..... 15

Capítulo 2

Teoria da Relevância e Abordagens Conexionistas: reflexões sobre os conceitos de modularidade e processamento central na análise de processos inferenciais

José Luiz V.R. Gonçalves 35

Capítulo 3

Teoria da Relevância e Biologia do Conhecer: observações para um modelo de análise dos processos de inferência a partir de uma epistemologia biologicamente orientada

Victor Paredes 61

PARTE 2: Aplicações

Capítulo 4

Relevância em Contextos Culturalmente Marcados: a semelhança interpretativa em pauta

Fábio Alves..... 87

Capítulo 5

Processos Inferenciais Relacionados à Priorização de
Informações na Tradução de Legendas de Filmes:
o redundante e o relevante sob a ótica do Princípio
de Relevância

José Luiz V.R. Gonçalves 109

Capítulo 6

Codificações Conceituais e Procedimentais na Tradução
para o Português do Romance Alemão *A honra perdida*
de Katharina Blum: uma análise à luz da Teoria
da Relevância

Rita de Cássia Vilaça Gonçalves 131

Capítulo 7

Tradução e Teoria da Relevância: a semelhança
interpretativa na tradução *d'Os* Cadernos de
Malte Laurids Brigge

Mércia Elena de Souza Costa 157

AGRADECIMENTOS

A Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1986/1995) (TR, daqui em diante), fonte de reflexões teóricas para o presente volume, foi objeto de estudo do meu doutoramento e vêm constituindo, desde então, parte integrante de minhas pesquisas. Venho procurando aplicar a TR aos Estudos da Tradução no âmbito de uma abordagem cognitivo-pragmática que tem por objetivo integrar a análise de processos cognitivos àquelas de processos sócio-interacionistas. Até o presente momento, esses esforços geraram quatro dissertações de Mestrado e caminham para a conclusão de uma tese de Doutorado e mais duas dissertações de Mestrado. Os capítulos aqui apresentados são, em sua totalidade, resultado de minhas interações como orientador e professor, em meu trabalho com a TR. Trata-se, a meu ver, de um saldo promissor para um trabalho de pesquisa envolvendo uma teoria inovadora e emergente.

Ao concluir este trabalho, gostaria de expressar meus agradecimentos ao Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais por acreditar nas potencialidades do diálogo entre a TR e os Estudos da Tradução e pelo apoio institucional no desenvolvimento de minhas atividades de pesquisa. Com a mesma intensidade, meus agradecimentos estendem-se também ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos da FALE-UFMG pelo apoio acadêmico e pelo financiamento desta proposta editorial.

Agradeço também aos meus colegas da FALE-UFMG, sobretudo aos membros da Linha de Pesquisa em Tradução, aos professores Adriana Pagano, Carlos Gohn, Célia Magalhães, Eliana Amarante e Veronika Benn-Ibler, pelo espaço harmonioso

de trabalho, pelas inúmeras colaborações e sugestões de aperfeiçoamento em meus trabalhos como pesquisador e, principalmente, pelo carinho e cordialidade observados em nossas interações.

Agradeço também aos alunos do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos, sobretudo a José Luiz Vila Real Gonçalves, Victor Paredes, Rita de Cássia Vilaça Gonçalves e Mércia Elena de Souza, pela dedicação e pelo empenho com que se dedicam à sua formação enquanto pesquisadores em tradução e em áreas a ela correlatas, bem como pela oportunidade de trabalharmos juntos. Sem sua inestimável colaboração, não seria possível ter em mãos o livro que ora se conclui.

Finalmente, agradeço a todos aqueles que de uma forma ou outra contribuíram para a realização e o fortalecimento deste projeto editorial. São muitos e suas contribuições deixam claro que o resultado do trabalho acadêmico é sempre a somatória de colaborações individuais. Portanto, a todos, o meu muito obrigado.

Fábio Alves

Belo Horizonte, junho de 2001

INTRODUÇÃO

Os Estudos da Tradução são, hoje em dia, um campo do conhecimento que busca investigar e refletir de forma plural sobre questões correlatas ao seu objeto de estudo. Permeado por correntes lingüísticas, funcionalistas, textuais, culturais e pós-coloniais, entre várias outras, uma de suas sub-áreas ocupa-se do estudo de processos cognitivos intrínsecos ao ato de traduzir. Nesta sub-área são vários os autores que se ocupam de investigações empírico-experimentais e procuram isolar variáveis responsáveis pela configuração e operacionalização do processo de tradução. Todos eles concluem que a instância última deste processo ocorre através de processos de contextualização pragmática. A Teoria da Relevância, uma teoria que enfoca justamente a configuração e operacionalização de processos cognitivo-pragmáticos, apresenta-se, pois, como instrumento promissor para a investigação destas inter-relações. Este é o propósito que buscamos atingir com este livro.

TEORIA DA RELEVÂNCIA & TRADUÇÃO: conceituações e aplicações configura, portanto, uma tentativa de se analisar conjuntamente questões cognitivas e pragmáticas nos Estudos da Tradução. Fundamentado no trabalho de Dan Sperber e Deidre Wilson (1986/95) e nos trabalhos de Ernest-August Gutt (1991) e Fábio Alves (1995), que valeram-se da TR para a explicação de questões correlatas à tradução, o livro encontra-se dividido em duas partes, quais sejam, conceituações e aplicações.

Em sua primeira parte, busca-se refletir sobre as bases teóricas da TR e, considerando a teoria como já apresentada ao

leitor de língua portuguesa através do trabalho de Silveira e Felles (1999), discute-se possíveis desdobramentos conceituais que implicariam na necessidade de se efetuar readequações paradigmáticas e reafiliações epistemológicas dos pressupostos que subjazem à TR.

Em sua segunda parte, *TEORIA DA RELEVÂNCIA & TRADUÇÃO: conceituações e aplicações* apresenta quatro capítulos com aplicações da TR em contextos de tradução e procura demonstrar a validade destas aplicações para pesquisas sobre processos cognitivo-pragmáticos no âmbito dos Estudos da Tradução.

No capítulo 1, *Teoria da Relevância e os Estudos da Tradução: perspectivas e desdobramentos*, Fábio Alves apresenta as bases teóricas da TR e procura situá-las no contexto da Linguística e da Pragmática em meados da década de 80 quando a teoria é lançada. Alves discute o movimento conceitual que resulta no deslocamento da noção de contexto estabelecido *a priori*, postulado por Paul Grice (1975), para uma noção de contexto estabelecido *a posteriori*. Aponta também para uma outra proposta inovadora da TR que abre mão de graus variados de relevância em favor de um princípio cognitivo direcionado à maximização de relevância. Tanto a noção de contexto quanto a noção de relevância defendidas pela TR buscam a configuração de processos dinâmicos e plásticos. Nesse sentido, Alves questiona uma aparente contradição epistemológica e paradigmática inerente ao fato de que, ao se apresentar de forma cognitivista e modularista, a TR termina por suscitar questionamentos atrelados à necessidade de se vinculá-la a correntes mais emergentes e, conseqüentemente, mais dinâmicas e plásticas, nos estudos da cognição e da linguagem e, assim, configurar bases epistemológicas e paradigmáticas mais consistentes com a proposta de Sperber e Wilson.

No capítulo 2, *Teoria da Relevância e Abordagens Conexionistas: reflexões sobre os conceitos de modularidade e processamento central na análise de processos inferenciais*, José Luiz Vila Real Gonçalves aborda a questão da modularidade e do processamento central dentro da TR. O autor argumenta que

a possibilidade indicada pela TR de, mesmo indiretamente, se ter acesso ao processador cognitivo central é contraditória com os pressupostos da Teoria da Modularidade de Jerry Fodor (1983) e, portanto, incompatível com aquela proposta. Gonçalves argumenta que os pressupostos teóricos da TR explicar-se-iam de forma mais adequada através de uma abordagem conexionista e procura explorar possíveis pontos de contato entre o arcabouço teórico da TR e os pressupostos do conexionismo. O autor defende a idéia de que o conexionismo não exclui a possibilidade da existência de um certo nível de modularidade no sistema cognitivo humano, mas discorda veementemente da rigidez postulada a partir dos modelos modularistas. Gonçalves argumenta que esta parece ser também a visão da TR e questiona, portanto, a coerência de sua afiliação à Teoria da Modularidade.

Encerrando as discussões de natureza conceitual, Victor Paredes apresenta no capítulo 3, *Teoria da Relevância e Biologia do Conhecer: observações para um modelo de análise dos processos de inferência a partir de uma epistemologia biologicamente orientada*, uma reflexão sobre a natureza dos processos inferenciais e procura situá-los no âmbito das discussões sobre a linguagem enquanto ação corporificada. Paredes investiga a questão do processamento inferencial valendo-se dos pressupostos teóricos das Biologia do Conhecer e os contrapõe àqueles defendidos pela TR. Para ele, os principais problemas da TR estão ligados à noção de representação, noção esta que tem sido cada vez mais questionada por vários teóricos da linguagem. Paredes argumenta que a dissociação dos postulados da TR daqueles subjacentes a teorias representacionistas poderia contribuir para a formulação de um arcabouço teórico com a expressão de princípios mais plásticos e dinâmicos, características essas que se deixam antever com ênfase na proposta de Sperber e Wilson.

O capítulo 4, *Relevância em Contextos Culturalmente Marcados: a semelhança interpretativa em pauta*, abre a segunda parte do livro que introduz aplicações da TR em contextos de tradução. Fábio Alves apresenta uma parte dos resultados de sua tese de doutoramento através de uma análise do processo de tra-

dução de tradutores brasileiros e portugueses. Alves demonstra que os processos de tomada de decisão em tradução podem ser melhor compreendidos a partir da noção de semelhança interpretativa proposta por Ernest August-Gutt. À luz da TR, Alves acompanha o processo de tomada de decisão de tradutores brasileiros e portugueses e mostra as interfaces cognitivas e pragmáticas que os orientam em suas escolhas. Através de exemplificações, o autor deixa claro que a semelhança interpretativa, inerente à subjetividade dos tradutores, conduz à contextualização das unidades de tradução na língua e cultura de chegada.

Dando continuidade às aplicações veiculadas por intermédio deste livro, José Luiz Vila Real Gonçalves apresenta no capítulo 5, *Processos Inferenciais Relacionados à Priorização de Informações na Tradução de Legendas de Filmes: o redundante e o relevante sob a ótica do Princípio de Relevância*, os resultados de sua dissertação de Mestrado. Gonçalves investiga, através do uso da técnica de protocolos verbais, a influência de um tipo de treinamento específico sobre processos inferenciais empreendidos por tradutores, aprendizes e profissionais, durante a execução de uma tarefa de tradução que simulou algumas características da legendagem de filmes. Enfatizando o processamento de informações relevantes em oposição àquelas consideradas redundantes, Gonçalves demonstra a importância da TR para a elucidação do processo de tradução na modalidade legendagem de filmes.

No capítulo 6, *Codificações Conceituais e Procedimentais na Tradução para o Português do Romance Alemão A honra perdida de Katharina Blum: uma análise à luz da Teoria da Relevância*, Rita de Cássia Vilaça Gonçalves retoma o tema da semelhança interpretativa com uma análise das traduções do romance alemão para as variantes brasileira e europeia do português. A autora procura examinar questões relativas a casos de codificação conceitual e procedimental, conceitos centrais da TR, nas traduções brasileira e portuguesa do seu corpus e busca demonstrar que o conceito de semelhança interpretativa revela-se como uma opção teoricamente mais consistente que os conceitos

de equivalência e adequação considerados problemáticos no campo dos Estudos da Tradução.

Encerrando o livro, Mércia Elena de Souza apresenta no capítulo 7, *Tradução e Teoria da Relevância: a semelhança interpretativa na tradução d'Os Cadernos de Malte Laurids Brigge*, uma discussão complementar sobre o conceito de semelhança interpretativa. À luz da TR, Souza analisa o trabalho da tradutora Lya Luft na tradução da obra de Rilke do alemão para o português. O resultado da análise da tradução indica que, a partir dos conceitos de efeito contextual e semelhança interpretativa, centrais para a TR, tem-se uma melhor compreensão e identificação mais eficiente das diversas estratégias utilizadas pela tradutora. O trabalho de Sperber e Wilson revela-se, assim, como uma chave para a compreensão de processos de tomada de decisão em contextos de tradução.

No decorrer do processo de organização deste livro, refleti cuidadosamente sobre a necessidade de o leitor ser apresentado, em primeira instância, à TR. Esta teoria encontra-se, hoje, de tal forma consolidada, com sua apresentação em português já veiculada através de livros e artigos científicos, que acredito ser possível prescindir de uma apresentação detalhada dos pressupostos teóricos da TR e inclui-los, desde o início, no âmbito das discussões conceituais e de suas aplicações. Espero que as conceituações e aplicações aqui apresentadas ressaltem a importância da TR no campo dos Estudos da Tradução e motivem pesquisadores nesta área do conhecimento a explorar outras vertentes em busca das evidências que continuem a corroborar a profícua relação que se estabelece entre a Teoria da Relevância e a Tradução.

Fábio Alves
Organizador

PARTE I
CONCEITUAÇÕES

Capítulo 1

TEORIA DA RELEVÂNCIA E OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO: perspectivas e desdobramentos

*Fábio Alves*¹

0. Introdução

Este capítulo apresenta uma discussão sobre as bases epistemológicas e paradigmáticas da Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (TR, daqui em diante) e sobre suas implicações para a área dos Estudos da Tradução. Inicialmente, o capítulo procura situar a TR no contexto da Lingüística e da Pragmática em meados da década de 80 quando a teoria é lançada. Discute-se o movimento conceitual que resulta no deslocamento da noção de contexto estabelecido *a priori*, postulada por Paul Grice (1975), rumo a uma noção de contexto estabelecido *a posteriori* e configurado a partir da emergência de processos cognitivos e sócio-interacionistas. Apresentam-se, na seqüência, alguns dos desdobramentos conceituais formulados pela TR na década de 90, com

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos da FALE-UFMG.

ênfase particular nos conceitos de codificação conceitual e codificação procedimental. Mostra-se que, ao longo de sua obra, Sperber e Wilson defendem uma mudança paradigmática que abre mão de um processamento pragmático meramente lingüístico, em favor de uma abordagem cognitiva para o processamento pragmático dos enunciados. O capítulo aponta, neste sentido, para as características inovadoras da proposta da TR que consegue prescindir de graus variados de relevância à la Grice e se propõe a substituí-los por um princípio cognitivo direcionado à maximização de relevância. Ressalta-se que tanto a noção de contexto quanto a noção de relevância defendidas pela TR buscam a configuração de processos dinâmicos, flexíveis e plásticos. Justamente por isso, este capítulo questiona uma aparente contradição epistemológica e paradigmática inerente ao fato de que, ao se apoiar teoricamente nos pressupostos cognitivista e modularista, a TR termina por suscitar questionamentos a respeito da coerência de suas bases epistemológica e paradigmática. O capítulo ressalta, portanto, a necessidade de se vincular a TR a correntes emergentes nos estudos da cognição e linguagem humana e, conseqüentemente, a processos mais dinâmicos, flexíveis e plásticos. Argumenta-se, como conclusão, que, desta maneira, torna-se possível configurar bases epistemológicas e paradigmáticas mais consistentes para a utilização da proposta de Sperber e Wilson no âmbito dos Estudos da Tradução

1. As Bases Epistemológicas e Paradigmáticas da Teoria de Relevância

Quando a TR é apresentada em 1986, Sperber e Wilson propõem uma mudança radical na forma de se abordar o processamento inferencial e, como decorrência, os processos explicativos das trocas comunicativas entre os seres humanos. Insatisfeitos com a polarização dicotômica entre o modelo de código (cf. Shannon & Weaver, 1949) e o modelo inferencial (cf. Grice 1975), postulam, através da TR, que a comunicação humana é resultado de um processo de interação entre emissores e recep-

tores – ou seja, entre falantes e ouvintes – que, ao processarem informações lingüísticas, alteram mutuamente seus ambientes cognitivos. Afirmam, entretanto, que essas alterações não ocorrem através da simples codificação e decodificação de instruções lingüísticas. Neste sentido, rejeitam a proposta do modelo de código de que a comunicação seria explicável através de um processamento linear envolvendo a codificação e decodificação de mensagens. Argumentam que uma análise superficial das interações entre falantes e ouvintes deixa claro que os seres humanos processam e armazenam informações muito além da reprodução literal de significados. Por outro lado, Sperber e Wilson declaram-se também insatisfeitos com o modelo inferencial de Grice (1975), pilar teórico da pragmática na lingüística contemporânea. O principal ponto de divergência entre a TR e a pragmática griceana reside no princípio cooperativo proposto por Grice. De acordo com a TR, esta cooperação não é uma condição necessária nem suficiente para que a comunicação ocorra. Na verdade, muitas vezes esta cooperação é absolutamente inexistente. A tradução, por exemplo, é um processo no qual a cooperação entre o autor e o tradutor, ou seja, entre as mensagens do texto de partida e aquelas veiculadas por intermédio do texto de chegada, não são necessariamente equivalentes. São, quase sempre, semelhantes. Contudo, mesmo diante da inexistência de um princípio cooperativo, a tradução consegue estabelecer, com sucesso, trocas comunicativas entre línguas e contextos distintos.

A partir da constatação dessas limitações, a TR propõe a reformulação dos pressupostos do modelo de código e do modelo inferencial através do amálgama desses dois modelos. Chega-se, então, à proposta de um modelo de natureza ostensivo-inferencial. Para Sperber e Wilson, o processo de comunicação é assimétrico, ou seja, os pressupostos e as expectativas do falante (emissor) são completamente diferentes daquelas do ouvinte (receptor). O falante tem um comportamento basicamente ostensivo, enquanto que o ouvinte apresenta um comportamento, sobretudo, inferencial. Assim, o falante tem uma intenção comunicativa de manifestar explicitamente para o ouvinte aquilo que de-

seja comunicar-lhe. Tem também uma intenção informativa que se torna o fator determinante para configurar seu comportamento ostensivo. O ouvinte, por sua vez, pauta-se por um comportamento inferencial que lhe permitirá o processamento da intenção informativa do falante.

Suscintamente, a TR postula que este comportamento ostensivo-inferencial é orientado pelo princípio de relevância. Trata-se de um princípio que governa o gerenciamento dos processos inferenciais a partir do menor esforço cognitivo possível a fim de se obter o maior efeito contextual. Para a TR, os processos comunicativos são decorrentes de um comportamento ostensivo-inferencial que busca o maior efeito contextual através do menor esforço processual possível. Sperber e Wilson postulam que este processo, direcionado pelo princípio de relevância, atua a partir das interfaces estabelecidas entre um comportamento ostensivo por parte do falante e um comportamento inferencial por parte do ouvinte que, apoiados por manifestação mútua e situados em determinados ambientes cognitivos, geram um efeito contextual capaz de explicar o funcionamento, bem e/ou mal sucedidos, dos processos de comunicação. Trata-se da operacionalização de processos cognitivos com uma alta relação custo-benefício que busca otimizar o processamento de insumo significativo de forma a potencializar seus desdobramentos inferenciais. Em suma, o princípio de relevância possibilita, por intermédio deste comportamento ostensivo-inferencial, que seja alcançado o maior efeito contextual através do menor esforço processual possível.

Pode-se, então, propor sucintamente que o princípio de Relevância opere da seguinte forma:

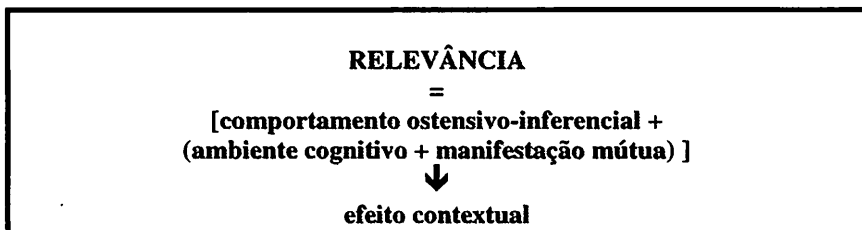


Figura 1. Fluxo do princípio de relevância

É importante ressaltar também que o princípio de relevância opera em bases totalmente diferentes daquelas propostas pela Pragmática tradicional. Enquanto a Pragmática griceana advoga que o comportamento inferencial tem bases meramente lingüísticas, a TR, através do princípio de relevância, procura demonstrar que o processamento inferencial situa-se no âmbito de processos cognitivos mais abrangentes e tem, conseqüentemente, implicações decorrentes de processos inferenciais não-demonstrativos.

Ressalta-se, nesta argumentação, o papel desempenhado pela noção de contexto nas duas correntes. Se, para Grice, o contexto é fixo e sobre ele aplicam-se diferentes graus de relevância, Sperber e Wilson postulam que a atribuição de relevância a um enunciado deve ser vista como resultante da atuação de um princípio fixo, direcionador dos mecanismos inferenciais dos seres humanos, que opera de forma consistente em contextos diferenciados. São, portanto, radicalmente opostas as concepções de contexto e de conhecimento mútuo postuladas pela TR e pela pragmática griceana. Enquanto que, para Grice, o contexto é compartilhado entre falantes e ouvintes – ou seja, entre emissores e receptores – a TR introduz a noção de ambiente cognitivo que prescinde da necessidade de conhecimento mútuo e sugere, em seu lugar, a noção de manifestação mútua. Segundo a TR, o contexto configura-se a partir das características do ambiente cognitivo de um determinado indivíduo e, portanto, encontra-se em constante modificação. Neste sentido, contexto, para a TR, é resultante da operação de processos cognitivos dinâmicos de caráter sócio-interacionista.

Exatamente por defender este caráter dinâmico, flexível e plástico, parece um tanto quanto estranha a afiliação da TR à proposta de modularidade da mente apresentada por Fodor (1983). O capítulo 2 deste livro aborda esta questão em maiores detalhes. Por ora, cabe ressaltar uma certa incoerência paradigmática entre a TR e o cognitivismo, mais especificamente em relação a postulados serialistas e modularistas. Em *Pragmatics and Modularity* (1986, apud Davis 1991), Sperber e Wilson afirmam

entender por processos pragmáticos, aqueles “processos usados para preencher a lacuna entre a representação semântica das sentenças e a interpretação dos enunciados no contexto” (op.cit.:583, tradução do autor). Afirmam ainda que a interpretação pragmática parece-lhes assemelhar-se à teorização científica em suas características essenciais. Colocam-se, desta forma, distanciados da afirmação de Fodor (1983) que “os limites da modularidade são provavelmente os limites do que vamos ser capazes de entender sobre a mente” (op.cit.:126, tradução do autor). Ao procurarem analogias entre o processamento pragmático e os processos de teorização científica e formulação de hipóteses, Sperber e Wilson advogam indiretamente a necessidade de se estudar processos centrais, processos esses que Fodor acredita não serem passíveis de investigação. Entendo também, de modo análogo, serem improcedentes as tentativas empreendidas por Silveira e Feltes (1999) com o intuito de vincular explicitamente a TR à proposta modularista de Fodor. Na conclusão de seu trabalho, as autoras afirmam que

“Fizemos, pois, uma ampla revisão das teses gerais de Fodor sobre a arquitetura da mente e sobre processos cognitivos, sua natureza computacional e a exigência teórica de uma linguagem do pensamento, analisando suas conexões com a Teoria da Relevância de Sperber e Wilson. Nossa proposta partiu de uma presunção de conexão máxima, no sentido de salientar o que entendemos ser os fundamentos fodorianos da TR, nela explícitos ou implícitos, assumidos ou não. Acreditamos que a conexão máxima foi apontada e nosso propósito alcançado.” (Silveira & Feltes, 1999:155)

Esta parece ser uma conclusão bastante coerente com a argumentação defendida ao longo da obra de Sperber e Wilson. Contudo, essas relações tornam-se insustentáveis a partir de uma análise criteriosa das próprias premissas da TR. Ao se distanciarem de Grice por assumirem que o comportamento inferencial humano não tem uma base meramente lingüística, mas sim uma base cognitiva, Sperber e Wilson procuram afiliar-se à proposta de Fodor que postula que apenas parte do processamento cognitivo é modular. Argumentam, por outro lado, que o processamento

pragmático equipara-se a processos de teorização científica e de formulação de hipóteses. Trata-se, à luz da TR, de processos centrais que, segundo Fodor, por não serem modulares, não podem ser estudados. O objeto de estudo da TR enfoca, entretanto, exatamente esses processos centrais. Ao postular o estudo indireto de processos centrais através do estudo de processos inferenciais não-demonstrativos, a TR entra em contradição com as postulações de Fodor em relação à modularidade da mente. Nas palavras de Sperber e Wilson:

“Relevância preocupa-se principalmente com a fase inferencial da compreensão: tínhamos que responder ao desafio de Fodor que, enquanto processos de decodificação são bem entendidos, processos inferenciais não são apenas incompreendidos, mas, talvez, nem sejam mesmo compreensíveis”. Sperber & Wilson (1993:1, tradução do autor)

Para tanto, Sperber e Wilson propõem-se a demonstrar que processos inferenciais não são processos meramente lingüísticos, mas sim processos que localizam os enunciados dentro de um espectro cognitivo mais amplo. Acreditam que esta abordagem possa trazer contribuições significativas a respeito das variedades de significado codificados lingüisticamente. Neste sentido, afirmam que

“os principais portadores das condições de verdade não são os enunciados mas as representações conceituais; na medida em que os enunciados têm condições de verdade, vemo-nas como herdadas das proposições que expressam.” Sperber & Wilson (1993:23, tradução do autor)

Segundo Sperber e Wilson (1993), distingue-se, nas informações veiculadas através de enunciados, entre dois tipos de processos de codificação lingüística: a codificação conceitual e a codificação procedimental. Para a TR, as informações codificadas conceitualmente são passíveis de extensão proposicional e veiculam significado conceitual; podem ser enriquecidas e contribuem para o processamento inferencial dos enunciados. Por seu

lado, as informações codificadas proceduralmente não podem ser desdobradas em termos inferenciais mas contribuem decisivamente no processamento dos enunciados ao impor-lhes restrições inferenciais.

A figura 2 retrata, segundo Sperber e Wilson (1993:3), os tipos de informação comunicada.

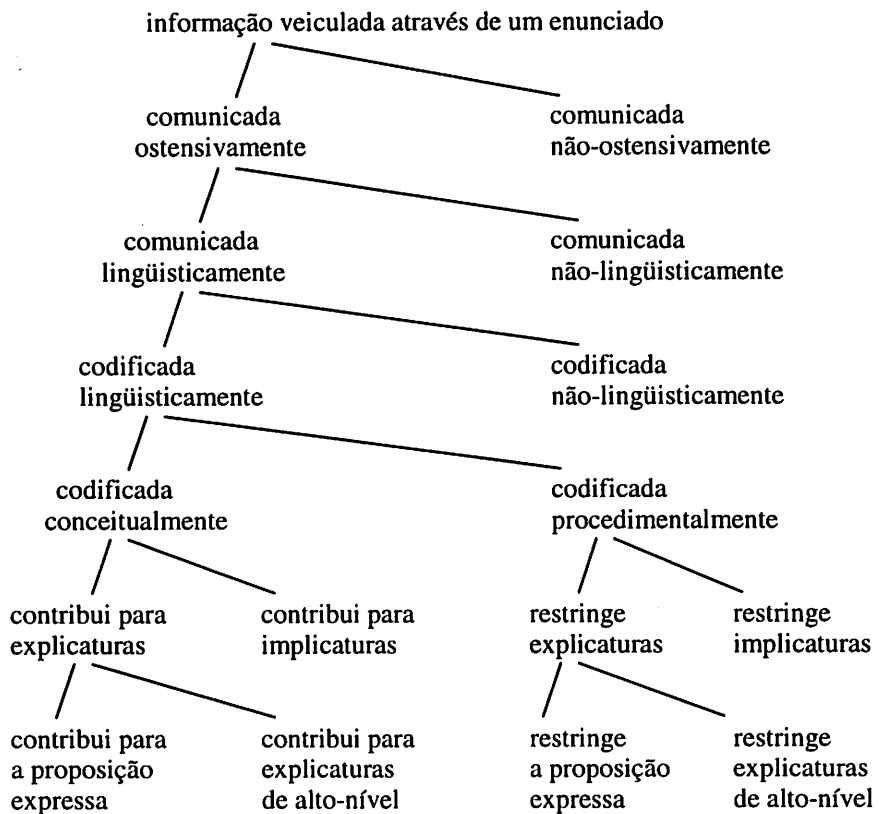


Figura 2. Tipos de informação comunicadas pelo enunciado

Sperber e Wilson (1993) argumentam que é tentador assumir como equivalentes as distinções feitas pelas abordagens lingüísticas e cognitivas no âmbito da Pragmática. Contudo, defendem a idéia que está é uma suposição equivocada. Segundo eles

“Estas duas distinções sobrepõem-se: algumas construções sem condições de verdade codificam conceitos, outras codificam procedimentos; Isto suscita uma questão geral. Qual é a relação entre essas duas abordagens? As distinções estabelecidas por uma abordagem são, de certa forma, mais básicas que aquelas estabelecidas pela outra? Por exemplo, é possível prever se uma dada construção tem condições de verdade ou não com base em uma interação sistemática entre o tipo de informação que codifica e outros fatores lingüísticos e cognitivos?” (Sperber & Wilson 1993:2, tradução do autor)

Constata-se, assim, que a TR distancia-se da concepção racionalista e conseqüentemente, do paradigma cognitivista clássico. Uma vez que seu argumento principal é que o processamento inferencial humano não segue necessariamente o padrão lógico-analítico geralmente atribuído às inferências demonstrativas, as quais, segundo Fodor, representam o paradigma para os processos cognitivos centrais, os processos postulados pela TR têm maior semelhança com processos de indução, caracterizados pela ativação simultânea e em paralelo de diferentes suposições, promovendo uma configuração resultante das múltiplas forças em atuação na interação daquelas suposições. Nota-se, a partir destas bases teóricas, uma congruência paradigmática entre a TR e processos de natureza indutiva, ou mais explicitamente, entre a TR e o conexionismo.²

1.1. A TR à luz das Abordagens Conexionistas

Por ora, cabe ressaltar a adequação que parece existir entre as propostas de Elman (1996) e os postulados da TR. O conexionismo apresenta-se como uma alternativa à serialidade e, como decorrência, à modularidade. Ao defender o processamento em paralelo, o não localizacionismo e a plasticidade na configuração das redes neurais, o conexionismo abre mão da necessidade de se postular um processador cognitivo central e passa a defender a idéia de que esses processamentos são resultantes de pré-

² Este assunto será objeto de reflexões mais detalhadas no capítulo 2.

disposições cognitivas, previamente ativadas, que se constituem a partir das interações entre o insumo, o meio e o indivíduo.

Sabe-se que, nas discussões sobre a natureza da linguagem humana, sobre seus mecanismos operacionais e, como decorrência, sobre seu uso, não é raro encontrar posições controversas, até mesmo antagônicas, sobre os princípios que a regem. Por um lado, teses nativistas enfatizam que a linguagem humana é geneticamente determinada e que seu uso se pauta por princípios e parâmetros inatos. Por outro lado, teses interacionistas, argumentam que a linguagem se constitui através da interação entre um grupo de participantes em um determinado contexto e só pode ser determinada através da experiência. Resumidamente, o primeiro grupo parte de uma posição determinada *a priori*, enquanto o segundo grupo, em sua forma mais radical, reivindica uma posição determinada *a posteriori* para investigar fenômenos lingüísticos. Essas duas posições não são verdadeiramente antagônicas se examinadas à luz de abordagens conexionistas que buscam explicar a emergência de fenômenos cognitivos, entre eles a linguagem, por intermédio de sistemas (redes) dinâmicos, flexíveis e plásticos.

Segundo os modelos conexionistas mais conhecidos (cf. Rumelhart & McClelland 1986, Elman 1996), a capacidade de aprendizagem é a força motriz dos comportamentos cognitivos, entre eles a linguagem. A partir de uma base de dados, onde existam *a priori* certas restrições operacionais, é possível conceber redes neurais, biologicamente plausíveis, capazes de levar um sistema a fazer generalizações a partir de uma quantidade adequada de insumo cognitivo. Esta é, em linhas gerais, a proposta paradigmática do conexionismo. Em suma, rejeita-se a tese da pobreza do insumo lingüístico (cf. Chomsky 1957, 1965) em favor de uma hipótese de insumo adequado e compreensível. Nas redes conexionistas a aprendizagem se dá a partir do contraste entre restrições e similaridades. A capacidade para aprender atinge seu ponto máximo quando existe ambivalência em um determinado sistema, ou seja, quando não se está absolutamente certo, quando o conhecimento não se encontra consolidado. Elman

(1996) argumenta que a maioria dos sistemas lingüísticos fornece boas evidências de que exista uma quase assistemática na linguagem. Em outras palavras, o processamento lingüístico não se dá exclusivamente a partir da busca por regularidades, mas, sobretudo, pela identificação de irregularidades no sistema e pela determinação de padrões de quase-regularidades.

As redes conexionistas podem vir a explicar como é possível processar gradativamente a língua humana com base no aumento gradativo de insumo compreensível e como este insumo é operado a partir do sistema lingüístico existente e dominante. Através de experimentos lingüísticos, procura-se demonstrar como é possível construir e operacionalizar redes neurais que consigam lidar com problemas relacionados à interface entre sintaxe e semântica, à contextualização pragmática de informações relevantes e à distinção entre quando se deve ou não fazer generalizações.

Identificam-se, portanto, algumas palavras-chave a partir das quais se orientam as reflexões sobre arquiteturas neurais e redes conexionistas. No que diz respeito à implementação da proposta conexionista, trabalha-se com os conceitos de redes dinâmicas, sistemas gradualmente (re)configuráveis, maleabilidade arquitetônica, flexibilidade e plasticidade. No que toca o funcionamento das redes neurais, são fundamentais os conceitos de restrições, quase-regularidade, tempo e espaço.

Nota-se, a partir destas observações, uma série de convergências entre os postulados paradigmáticos da TR e do conexionismo. Sperber e Wilson parecem-me muito mais próximos à formulação de uma arquitetura cognitiva descentralizada, operando em paralelo, e configurando-se a posteriori a partir da relação estabelecida entre o insumo, o meio e o indivíduo. Gonçalves discute estas inter-relações em maiores detalhes no decorrer do capítulo 2.

1.2. A TR à luz da Biologia do Conhecer

Remetendo novamente a discussão às características de processamento inferencial postuladas pela TR, nota-se em Sperber

e Wilson uma preocupação fundamentalmente relacionada aos processos cognitivos do indivíduo. Ressalta-se o fato de que, ao conceber o significado como sendo construído a partir de interações, a TR reforça o caráter dinâmico, flexível e plástico destes processos. Contudo, ao pressupor a existência de mecanismos cognitivos internos ao indivíduo e imputar-lhes a responsabilidade “inata” pelo sucesso e/ou fracasso das trocas comunicativas, a TR apresenta algumas contradições conceituais. Questiona-se, basicamente, como é possível, ao mesmo tempo em que se postulam processos dinâmicos, flexíveis e plásticos, conciliar epistemológica e paradigmaticamente uma perspectiva sócio-interacionista com pressupostos rigidamente inatistas e modularistas. Paredes propõe no capítulo 3 deste livro uma rediscussão destes pressupostos, sugerindo que esses problemas podem ser contornados desde que abordados sob a perspectiva epistemológica constituída pela Biologia do Conhecer de Humberto Maturana³.

Vimos ao longo deste capítulo que a principal mudança teórica realizada por Sperber e Wilson foi a mudança explicativa do processo de compreensão que assume um caráter inferencial não-demonstrativo, restringido cognitivamente, ao invés de estar sujeito às restrições lógicas postuladas anteriormente. Para a TR, o significado não decorre exclusivamente do enunciado lingüístico e do seu processamento lógico-analítico, mas emerge como produto de interações dinâmicas entre os participantes das trocas comunicativas.

De forma correlata, a partir dos questionamentos anteriores, coloca-se também em discussão a noção de relevância pressuposta pela TR como fator orientador dos processos inferenciais. Paredes argumenta, no capítulo 3, que, entre as vantagens constituídas pela explicação da noção de relevância através da Biologia do Conhecer, encontra-se a possibilidade de se escapar do dualismo mente/corpo. Paredes argumenta, ainda, que este redirecionamento, ao incorporar as características individuais de

³ Para um aprofundamento dessas questões ver referências ao trabalho de Humberto Maturana em Magro & Paredes (2001) e Magro, Graciano & Vaz (1997).

cada participante do processo de comunicação, incorpora em si o aspecto emocional inerente a esses participantes no que diz respeito à construção de significado e, desta forma, possibilita a inserção do princípio de relevância no âmbito de um quadro teórico que inclui o conceito de cultura como um derivado do conceito de conversação (cf. Maturana, 1997). Em outras palavras, Paredes sugere que este redirecionamento do princípio de relevância possibilita que aspectos cognitivos e culturais da linguagem sejam relacionados à emergência de fenômenos cognitivos e, portanto, melhor compreendidos no espaço de uma perspectiva que postula o estudo da linguagem enquanto ação situada.

Neste sentido, cabe também repensar a noção de representação veiculada pela TR. Paredes argumenta que esta noção revela-se inadequada para a descrição de fenômenos cognitivos concernentes à interação entre organismo e meio. Os conceitos de contexto, manifestação mútua e ambiente cognitivo postulados pela TR configuram processos emergentes correlatos a experiências mentais específicas, observados a partir das interações do indivíduo com o insumo lingüístico e o ambiente cognitivo no qual se encontra inserido. Parece, portanto, interessante, examinar a correlação existente entre os postulados teóricos da TR e as relações de atividade da rede neuronal observados nos indivíduos. Paredes argumenta que esta mudança de foco no conceito de representação é congruente com as mudanças propostas pela TR para a reformulação dos conceitos de cooperação mútua, conhecimento mútuo e contexto. Assim, poder-se-ia refletir sobre a contribuição que os pressupostos teóricos da Biologia do Conhecer podem oferecer às discussões em curso no sentido de configurarem uma economia conceitual nos postulados da TR. O capítulo 3 deste livro aborda esta questão em maiores detalhes.

2. As Bases Epistemológicas e Paradigmáticas da TR em Contextos de Tradução

As observações levantadas na seção anterior apontam para a necessidade premente de se rediscutir a afiliação da TR aos

pressupostos racionalistas e cognitivistas sobre os quais Sperber e Wilson alicerçaram suas argumentações. É interessante notar que a aplicação bem sucedida da TR a contextos de tradução (cf. a segunda parte deste livro) reforça o caráter sócio-interacionista da abordagem cognitiva formulada pela TR. Discutindo o papel da codificação conceitual e procedimental em contextos de tradução, Alves (2000) afirma que

“Enquanto falantes nativos adquirem a capacidade de manipulá-las [codificações conceituais e procedimentais] inconscientemente, os tradutores precisam aprender a manipular informações codificadas conceitual e procedimentalmente de forma que possam identificar as restrições inferenciais inerentes a um dado enunciado.” (Alves 2000:2, tradução do autor)

Alves argumenta que, uma vez que essas restrições sejam identificadas com sucesso na língua de partida, o tradutor encontra-se em condições de transferir para o texto de chegada as informações codificadas conceitual e procedimentalmente no texto de partida, e estendê-las inferencialmente a fim de incorporar as expectativas do círculo receptor no contexto do texto de chegada. Agindo desta forma, o tradutor é capaz de alcançar um nível de adequação que integra as restrições conceituais e procedimentais válidas para a língua de chegada.

Desta forma, a tradução deixa de ser considerada dicotomicamente como sendo, ou um problema exclusivamente lingüístico, ou, então, uma questão meramente subjetiva, decidida com base nas preferências individuais do tradutor. A TR reafirma que, ao traduzir, o tradutor busca atingir um efeito contextual entre uma forma proposicional na língua de partida e sua contra-partida na língua de chegada, qual seja, uma forma proposicional semelhante àquela veiculada através da língua de partida. Com base nas figuras 1 e 2 deste capítulo, pode-se argumentar que o que leva o tradutor a decidir por uma determinada opção de tradução, em lugar de várias outras também possíveis, é a manipulação consciente e habilidosa das informações lingüísticas codificadas conceitual e procedimentalmente no texto de partida com

vistas à sua veiculação no texto de chegada. Pode-se, assim, supor que esta manipulação possibilita que o tradutor consiga expressar no texto de chegada, com a menor perda de significado possível, todas as explicaturas e implicaturas presentes no texto de partida.

Para fins de uma breve análise⁴, consideremos a seguinte sentença em inglês:

(1) *She worked for them less as a governess than a friend.*

e três diferentes alternativas de tradução para o português.

(2) *Trabalhou para eles menos como governanta que como amiga.*

(3) *Trabalhou para eles mais como amiga que como governanta.*

(4) *Trabalhou para eles como se fosse da família.*

Nota-se que (2) revela uma observância estrita à ordem vocabular da sentença (1), em inglês, quando de sua tradução para o português. Contudo, o procesamento sintático, correto no que diz respeito às informações codificadas procedimentalmente em inglês, produz uma sentença que, em português, é conceitualmente fraca nas suposições contextuais que pretende veicular. A estrutura *less as something than as something else* não é comum em contextos de tradução não marcada para o português. Por outro lado, a sentença (3) revela uma decisão de tradução em português que privilegia a estrutura inglesa *more as something than as something else* no lugar de *less as something than as something else*. Esta decisão pauta-se pela observância às informações codificadas procedimentalmente em (1) e veicula as informações codificadas conceitualmente de forma mais adequada no contexto da língua de chegada. De forma distinta, a sentença (4) mostra uma abordagem funcionalista para a tradução através da opção *trabalhou para eles como se fosse da família*. Esta decisão

⁴ Os dados apresentados a seguir nos exemplos de (1) a (8) foram obtidos através de protocolos verbais e são parte dos corpora das análises desenvolvidas em Alves (1995; 1996; 1997; 2000).

de tradução carrega consigo um enriquecimento conceitual, resultado de características processuais bastante individualizadas, que, contudo, ignora as marcas procedimentais existentes em (1). Independente de uma avaliação qualitativa, percebe-se que as traduções em (2), (3) e (4) explicam-se através da manipulação das informações lingüísticas codificadas conceitual e procedimentalmente em (1). À luz da TR, postula-se que a decisão final sobre uma dessas possibilidades, ou sobre outras entre várias opções possíveis, encontra-se respaldada cognitivamente pela atuação do princípio de relevância.

Dando continuidade à breve análise aqui desenvolvida, consideremos, a seguir, a seguinte sentença em alemão:

(5) *Wenige andere Städte können Bochum das Wasser reichen.*

e três diferentes alternativas de tradução para o português:

(6) *Poucas outras cidades conseguem alcançar a água de Bochum.*

(7) *Poucas outras cidades conseguem chegar às barbatanas de Bochum.*

(8) *Poucas outras cidades conseguem chegar aos pés de Bochum.*

Como em (2), nota-se que (6) revela uma observância estrita à ordem vocabular alemã em sua tradução para o português e procura ser fiel aos itens lexicais presentes em (5). Contudo, esta observância estrita às informações lingüísticas codificadas conceitual e procedimentalmente em (5) produzem uma sentença que, em português, não é apenas conceitual e procedimentalmente fraca, mas completamente inadequada nas suposições que procura veicular. Por sua vez, a sentença (7) recupera a informação codificada procedimentalmente em (5), mas decide enriquecê-la contextualmente, extendendo-a conceitualmente de forma que *Wasser* (água) transforma-se em uma contra-partida interpretativamente semelhante a *barbatana* (fin). Esta decisão de tradução é pouco usual no contexto da língua de chegada e produz um efeito contextual fraco segundo os pressupostos teóricos da TR. Finalmente, a sentença (8) respeita as informações lingüís-

ticas codificadas procedimentalmente em (5) e veicula as informações codificadas conceitualmente dentro do contexto da língua de chegada, enriquecendo-a contextualmente de forma que *Wasser* (água) transforma-se numa extensão metafórica para *pés* (feet). À luz da TR, poder-se-ia dizer que as sentenças (6), (7) e (8) são processadas de forma a veicular as informações linguísticas codificadas conceitual e procedimentalmente em (5).

Ao explicar decisões de tradução como correlatas aos pressupostos teóricos formulados pela TR, Alves (2000) indica também a necessidade de se repensar a adequação das bases epistemológicas e paradigmáticas da TR com o intuito de refiná-las à luz de reflexões de natureza dinâmica, flexível e plástica. Neste sentido, cabe remeter o leitor ao trabalho de Ernest-August Gutt (1991) e à noção de semelhança interpretativa. Este tópico será assunto de discussão detalhada nos capítulos que compõem a segunda parte deste livro e, em especial, no capítulo 4, que enfoca o conceito de semelhança interpretativa em contextos culturalmente marcados.

3. Conclusão

Passados mais de quinze anos desde sua apresentação, ressalta-se a importância crescente da TR como instrumento explicativo das interfaces que a linguagem humana estabelece com outros mecanismos cognitivos. Consegue-se, assim, explicar o sucesso das trocas comunicativas entre seres humanos, incluindo, entre elas, a tradução. Ao longo de análises críticas, observa-se, contudo, a necessidade de se adequar as formulações da TR a pressupostos epistemológicos e paradigmáticos mais emergentes e, a meu ver, mais congruentes com sua proposta teórica. Este é o propósito deste capítulo e dos que se seguem a ele na primeira e segunda parte deste livro.

Com base nas reflexões aqui apresentadas, parece-me razoável concluir que, desde que devidamente compreendidos, o princípio de relevância, assim como as demais postulações que formam o corpo teórico da TR, podem desempenhar um papel

fundamental na explicação consistente de processos de tomada de decisão observados ao longo do processo tradutório. Neste sentido, aprender a manipular consciente e habilidosamente as informações lingüísticas codificadas conceitual e procedimentalmente no texto de partida com vistas à sua veiculação no texto de chegada torna-se um elemento essencial no desenvolvimento da competência tradutória. Como demonstrado através das análises desenvolvidas na segunda parte deste livro, são processos que, sem dúvida, conseguem ser explicados com sucesso pela TR.

4. Referências Bibliográficas

ALVES, F. *Zwischen Schweigen und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke? – eine psycholinguistisch orientierte Untersuchung von Übersetzungsvorgängen zwischen brasilianischen und portugiesischen Übersetzern*. Hamburgo: Dr. Kovac, 1995.

_____. Veio-me um ‘Click’ na Cabeça: the theoretical foundations and the design of a psycholinguistically oriented empirical investigation on German-Portuguese translation processes. *Meta*, Montréal, v.41, n.1, p.33-44, 1996.

_____. Lançando anzóis: uma análise cognitiva de processos mentais em tradução. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p.71-90, jul./dez. 1996.

_____. Tradução e Conscientização: por uma abordagem psicolingüística com enfoque processual na formação de tradutores. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, vol.6, n.2, p.674-686, 1997.

_____. A formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino. *Revista TradTerm*, São Paulo, vol.4, n.2, p.19-40, 1997.

_____. As Traduções de Substantivos Compostos do Alemão para o Português: examinando a inter-relação entre o processamento algorítmico e a contextualização pragmática. In: *Anais do XIII Encontro Nacional da ANPOLL*, CD-ROM, 6p., Niterói: ANPOLL, 2000.

_____. Establishing Criteria for a Definition of Translation Competence. In: *Proceedings of the 12th World Congress of the International Association of Applied Linguistics*, CD-ROM, 5p., Tóquio: AILA Committee, 2000.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. Cambridge: MIT Press, 1957.

_____. *Aspects of a Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

ELMAN, J. et al. *Rethinking Innateness: a connectionist perspective on development*. Cambridge: MIT Press, 1996.

FODOR, J. A. *The Modularity of Mind*. Cambridge: MIT, 1983.

GRICE, H.P. *Logic and Conversation*. In: COLE, P. and MORGAN, J. (eds.) *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*, New York, p.41-58, 1975.

GUTT, E.-A. *Translation and Relevance: Cognition and Context*. London: Blackwell, 1991.

SHANNON, C. & WEAVER, W. *The Mathematical Theory of Communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

RUMMELHART, D. & MacCLELLAND, J. *Parallel Distributed Processing: Explorations in the Microstructure of Cognition*. vol. 1/2, Cambridge: MIT Press, 1986.

SPERBER, D. & WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. Oxford: Blackwell, 1986/1995.

WILSON, D. & SPERBER, D. Pragmatics and Modularity. In: DAVIS, S. (ed.) *Pragmatics: a Reader*, Oxford: Oxford University Press, p.583-595. 1991.

_____. Linguistic form and relevance. *Lingua* 90, vol. 1, n. 2, p.1-25, 1993.

MATURANA, H. Ontologia do conversar. In: MAGRO, C., GRACIANO & VAZ, N. (orgs.), *A ontologia da realidade*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, p. 167-181, 1997.

_____. Biologia do Conhecer e Epistemologia. In: MAGRO, C. & PAREDES, V. (orgs.). *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

SILVEIRA, J. & FELTES, H. *Pragmática e Cognição: a textualidade pela relevância*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1999.

Capítulo 2

TEORIA DA RELEVÂNCIA E ABORDAGENS CONEXIONISTAS: reflexões sobre os conceitos de modularidade e processamento central na análise de processos inferenciais

José Luiz Vila Real Gonçalves⁵

0. Introdução

Vimos no capítulo 1 deste livro que a Teoria da Relevância (TR, daqui em diante) utiliza fundamentos modularistas (Fodor, 1983) no que se refere à descrição de certos mecanismos cognitivos relacionados à implementação da comunicação verbal. Entretanto, este capítulo pretende argumentar que o princípio postulado pela TR não está limitado aos pressupostos modularistas, apresentando, por outro lado, congruência com a perspectiva conexionista (Elman, 1996) nos estudos da cognição.

Para o desenvolvimento desta discussão, apresenta-se inicialmente uma breve descrição das implicações da proposta modularista sobre a TR. Em seguida, pretende-se desenvolver um confronto entre princípios teóricos e epistemológicos da modulari-

⁵ Professor Assistente do Departamento de Letras do ICHS/UFOP e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG.

dade e do conexionismo. Posteriormente, serão discutidos aspectos relativos aos conceitos de codificação procedimental e codificação conceitual, além do conceito de informações contextuais, desenvolvidos a partir de desdobramentos da TR. Finalmente, almeja-se abordar os dois tipos de codificação e as informações contextuais, utilizando como objeto de análise um excerto do *corpus* da pesquisa de mestrado de Gonçalves (1998). Ao desenvolver a análise proposta, este capítulo pretende ensaiar o enfoque de parâmetros da TR sob uma perspectiva conexionista.

1. A Concepção da TR no Contexto Racionalista

Nos anos 80, quando a TR é concebida, observa-se a supremacia das correntes racionalistas em detrimento das empiristas no contexto científico, em especial nas Ciências Cognitivas e na Linguística, o que pode ser ilustrado pela grande representatividade e influência obtidas pela proposta de modularidade da mente, apresentada por Fodor (1983), e também pelo progressivo desenvolvimento da gramática gerativo-transformacional, por Chomsky, a partir de 1959. Nesse contexto de hegemonia racionalista, pois, é gerada a TR, que se apresenta como alternativa aos modelos da pragmática tradicional (cf. Grice, 1975; Searle, 1965; Austin, 1962).

Viu-se anteriormente neste livro que a teoria de Sperber e Wilson propõe um modelo de comunicação que faz o amálgama do modelo de código (Shannon & Weaver, 1949) com o modelo inferencial (Grice, 1975). O primeiro baseava-se exclusivamente no pressuposto da codificação e decodificação da forma linguística para a existência da comunicação humana, o que o tornava inadequado para lidar com a linguagem contextualizada. O modelo inferencial, por sua vez, subestimava alguns aspectos formais da comunicação, concentrando-se excessivamente no seu aspecto funcional. Os proponentes da TR discutem as limitações dos dois modelos e elaboram a sua teoria fundindo aspectos de ambos. Do modelo de código, reconhecem o componente formal da linguagem e o vinculam à face modular do processamento cognitivo da comunicação verbal. Do modelo griceano, ressaltam

a importância dos processos inferenciais na produção e interpretação da linguagem, mas, em lugar do Princípio Cooperativo proposto por Paul Grice, postulam o Princípio de Relevância, que pode ser resumido como um otimizador de processos inferenciais durante as interações comunicativas e que pressupõe um comportamento ostensivo por parte do emissor e um comportamento inferencial por parte do receptor, diferentemente da exigência de cooperação e igualdade de objetivos entre interlocutores, postulada pelo modelo griceano. Reportando ao capítulo 1, observa-se que outros aspectos que também diferenciam a pragmática de Grice da TR são a concepção de contexto e a de conhecimento mútuo: para Grice, o contexto é comum (concebido como o ambiente situacional no qual se inserem os interlocutores), além de pressupor a existência de conhecimento mútuo para emissor e receptor, o que torna possível a comunicação através de um processo de “decodificação” de intenções; já para a TR, o contexto é definido como o ambiente cognitivo de cada indivíduo, ou seja, é diferente de um interlocutor para o outro e, até mesmo, para um mesmo interlocutor em diferentes momentos. Por isto mesmo é que a TR discorda da existência de conhecimento mútuo, preferindo propor a manifestação mútua, o que representa uma interseção relativa entre os conhecimentos/ambientes cognitivos de cada um dos interlocutores. Portanto, a TR não concebe a comunicação de forma cartesiana, mas, muito mais, como uma interação entre ambientes cognitivos, que se modificam mútua e continuamente. Neste aspecto, tratar-se-á mais à frente do caráter de plasticidade observado na formulação da teoria, já que concebe a cognição humana como um sistema representacional em constante mutação.

Retomando o contexto de gênese da TR, observa-se que esta se ancora na proposta de modularidade da mente, apresentada por Fodor. Entretanto, o próprio Fodor postula que apenas parte do processamento cognitivo é modular; segundo ele, os módulos mentais (ou *sistemas de input*) são responsáveis pelo fornecimento de insumos para o processador cognitivo central, que não é modular. Para aquele autor, não é possível ter acesso a processos não modulares, por isto mesmo não se pode estudar o processador

central. A TR concorda com a postulação da modularidade dos sistemas de *input* e também com a não modularidade do sistema central, mas discorda que não se possa investigar o que ocorre neste último. E propõe-se exatamente a focar a parte do processamento que seria não modular – o processamento inferencial, que se poderia definir como a face pragmática do processamento lingüístico, ou, de uma perspectiva modular, seria a interface entre linguagem e cognição. Entretanto, este trabalho preferirá reavaliar esse recorte ao longo do seu desenvolvimento.

Abaixo, é apresentada uma passagem de Sperber e Wilson que explicita o caráter não modular/ não localista na concepção do processamento inferencial.

“Em outras palavras, supomos que o processo de compreensão inferencial é ‘global’, em oposição a ‘local’, sendo que um processo local (e.g. raciocínio dedutivo a partir de premissas fixas ou percepção auditiva) é independente do contexto, ou sensível apenas a informações contextuais de algum domínio definido, enquanto processos globais (e.g. raciocínio científico empírico) têm acesso livre a todas as informações conceituais na memória.” (Sperber & Wilson, 1986:65; tradução do autor; aspas como no original)

Em resumo, a TR ancora-se na proposta de modularidade dos *sistemas de input*, mas propõe-se a investigar justamente o que não é modular nem localizado, ou seja, os processos inferenciais relacionados à linguagem, a face contextualizada do processamento lingüístico. Diante disto, pode-se dizer que a TR não vai necessariamente depender de postulados modularistas para explicar o funcionamento dos processos inferenciais; aqueles servem muito mais como uma explicação *ad hoc* de um objeto que está além do foco da teoria.

1.1. O Processamento Inferencial segundo a TR

A TR vale-se de um construto teórico, denominado *dispositivo dedutivo*, para explicar o “gerenciamento” dos processos inferenciais humanos. Tal dispositivo, de uma perspectiva

modularista, poderia ser descrito como um “módulo pragmático”, que processaria as informações novas (vindas dos sistemas de *input*) e dadas (provenientes dos vários tipos de memória), gerando novas suposições (informações) que seriam acrescentadas às várias memórias do indivíduo. Neste caso, o termo *módulo* não é explicitamente usado pelos autores, mas a proposição do *dispositivo* e a descrição do seu funcionamento parecem buscar uma adequação à arquitetura modular. A princípio, esta descrição acomoda-se extremamente bem à perspectiva “compartimentalista” da modularidade e, ainda que os processos nele implementados tenham a característica de serem globais e apontarem para o processamento simultâneo/em paralelo das suposições, a idéia do “módulo central” reforça a perspectiva de um sistema que recebe e gerencia os insumos de e para todos os módulos. Por outro lado, apesar dos rótulos extremamente orientados para a conceituação modularista, pode-se perceber uma concepção congruente com a proposta conexionista, como demonstra a definição abaixo.

“Inferência é o processo através do qual uma suposição é aceita como verdadeira, ou provavelmente verdadeira, com base na força de verdade ou provável verdade de outras suposições. Esta é, portanto, uma forma de fixação de crenças. Existem outras formas: a percepção, por exemplo, é um processo pelo qual uma suposição é aceita como verdadeira, ou provavelmente verdadeira, com base na força de uma experiência cognitiva não-conceitual.” (Sperber & Wilson, 1986:68; tradução do autor)

Dois importantes aspectos podem ser destacados a partir do trecho acima: em primeiro lugar, a “construção” do ambiente cognitivo do indivíduo ocorre em função da “força de verdade ou provável verdade de outras suposições”, isto é, a noção racionalista dicotômica, que estabelece a falsidade ou verdade de uma suposição ou premissa, é relativizada nesta perspectiva; e, em seguida, a noção de reforço ou enfraquecimento de suposições sinaliza para uma semelhança ou paralelismo com aquela postulada na constituição de redes conexionistas. Procurar-se-á

desenvolver este aspecto mais adiante. Gonçalves (1998) destaca esta perspectiva funcionalista observável na TR, como se pode perceber no trecho abaixo.

“O que o modelo de Relevância propõe, então, é que a força de verdade de uma suposição não implica nenhuma representação extra vinculada a esta suposição. A força é determinada pelo processo de inserção da suposição no ambiente cognitivo do indivíduo. Assim, uma quantidade de processamento grande na formação de uma suposição implica em “ligações” fortes com outras suposições do ambiente cognitivo do indivíduo, ou da sua memória de longo prazo. Também a frequência com que uma suposição é acessada determinará a sua força: quanto mais a suposição for acessada, maior será sua força de verdade; no caso de ser pouco acessada, sua força será reduzida, podendo até ficar inacessível em alguns casos. Assim, a força das suposições existentes no ambiente cognitivo, ou na memória de longo prazo, é algo que está em constante transformação ao longo da vida do indivíduo, além de não ter um caráter representacional, mas funcional. Por isto, o modelo de Relevância propõe que “a força de uma suposição é um subproduto do modo como é formada e usada, um subproduto, em particular, do modo como é dedutivamente processada.” (Sperber & Wilson, 1986:117; tradução do autor).

Com relação à atribuição de maior ou menor força de verdade às suposições envolvidas no processo inferencial, Sperber e Wilson afirmam que o dispositivo dedutivo trabalha essa “força” em termos comparativos, o que, em termos de uma teoria lógica, é falho, mas, em relação a um modelo cognitivo, parece adequado. Chamam também a atenção para o fato de que a força das suposições envolvidas no processo dedutivo contribuirá para a força das suposições resultantes. Propõem, além disso, o modo como os efeitos contextuais alteram o ambiente cognitivo do indivíduo, apresentando os seguintes tipos de efeitos contextuais: implicações contextuais, reforços e contradições (estas últimas podem resultar no apagamento de determinadas suposições do ambiente cognitivo).” (Gonçalves, 1998: 32)

Outro fator que distanciaria a TR da concepção racionalista é o argumento de que o processamento inferencial humano não segue necessariamente o padrão lógico-analítico que se costuma atribuir às chamadas inferências demonstrativas, as quais, segundo Fodor, representam o paradigma para os processos

cognitivos centrais. Para Sperber e Wilson, este tipo de inferências, no nível macro-processual, obedece a um padrão dedutivo que não retrata os micro-processos inferenciais ordinários. Estes últimos têm muito mais semelhança com os processos de indução, que se caracterizam pela ativação de várias suposições simultaneamente e em paralelo, promovendo uma configuração resultante das múltiplas forças em atuação na interação daquelas suposições. Percebe-se, assim, uma congruência entre a TR e o conexionismo.

Na próxima seção, será apresentado um confronto entre modularidade e conexionismo, observando-se algumas implicações epistemológicas de suas diferenças no contexto das Ciências Cognitivas e da Lingüística.

2. Modularidade *versus* Conexionismo

Como principais características apresentadas por Fodor em relação aos módulos mentais, podem-se destacar as seguintes: rapidez de operação; não-voluntariedade/ automaticidade; inacessibilidade à consciência; independência e especificidade de operações (opera com *inputs* e *outputs* específicos, *i.e.*, encapsulamento de informações); relação com estruturas neuronais específicas (localizacionismo) e operação em série. Além disso, Fodor não se interessa por questões diacrônicas ou de caráter evolutivo no tocante à cognição humana – para ele, a mente humana tem esta configuração modular, não importando a partir do quê e de onde ela tenha se desenvolvido ou para onde e como se desenvolverá no futuro.

Por sua vez, o conexionismo apresenta como principais pontos de divergência em relação à modularidade o processamento em paralelo, o não localizacionismo e a plasticidade na construção e reconstrução das redes cognitivas (possibilidade de caminhos alternativos para o desenvolvimento de processos cognitivos que levem a resultados equivalentes). Além do mais, o conexionismo abole a concepção de um centro gerenciador das atividades cognitivas, preferindo relacionar estados mentais a

configurações de ativação do sistema nervoso. Em relação ao processamento da linguagem, os postulados do conexionismo rejeitam a posição dominante nos estudos da linguagem, que estabelece a necessidade de regras explícitas (ainda que inacessíveis à consciência) para a sua produção e interpretação; Rumelhart (1977) e McClelland (1987) afirmam que, para o conexionismo, “a linguagem é um processo de satisfação de restrições sensível a fatores semânticos e contextuais, assim como a restrições sintáticas.” (McClelland, 1999. In: MITECS; minha tradução).

Para Elman (1996), a modularidade não é necessariamente uma proposta antagônica e incompatível com o conexionismo. Aquele autor concorda que existem fases do processamento cognitivo que podem ser mais ou menos modulares. Com isto, não nega a modularidade – mas questiona algumas de suas premissas. Discorda também da afirmação de que as redes conexionistas operam independentemente de regras; para ele, tais sistemas, efetivamente, implementam várias regras, só que estas não permanecem “intactas” ao longo da vida do sistema, mas são “apuradas”, o que derruba a tese de que não existe recursividade nas redes conexionistas e, por outro lado, abre espaço para a possibilidade do aprendizado, o que é dificilmente explicado através da rigidez dos algoritmos encapsulados nos sistemas modulares. Um argumento empírico para a flexibilidade e mutabilidade das regras de processamento cognitivo, incluindo as lingüísticas, é a mudança e variação lingüística – para que a concepção inata da linguagem, como um sistema pré-configurado nos seres humanos, tivesse maior sustentação empírica, seria necessário que houvesse maior rigidez em relação a mudanças e variações na implementação de cada língua. Talvez as mudanças tivessem que acompanhar mutações genéticas, o que efetivamente não se observa.

A posição complementar, e não simplesmente oposta, entre modularidade e conexionismo, defendida por Elman, pode ser observada no trecho abaixo.

“Parece-nos que as perguntas apropriadas são: primeiramente, em que medida a estrutura pré-existente é modular, em oposição a emergente; e, segundo, qual é o conteúdo funcional dos módulos? As res-

postas para estas perguntas variarão, dependendo dos módulos envolvidos. A retina é um módulo cuja estrutura é altamente pré-determinada e cuja função está estritamente relacionada a um domínio específico. O córtex visual e o auditivo, por outro lado, são módulos parcialmente pré-determinados, mas de um modo bastante indireto. Sabemos, através de resultados envolvendo patologias naturais e induzidas, [...] que tanto a estrutura quanto o conteúdo dessas áreas é altamente dependente de insumos apropriados durante o desenvolvimento. Para nós, a pergunta que interessa não é se o cérebro é ou não modular (**ele claramente o é**), mas como e por que ele vem a funcionar deste modo. Há uma enorme diferença entre *começar* modular e *tornar-se* modular. Uma das importantes contribuições dos modelos connexionistas tem sido sugerir respostas para estas questões. [...]” (Elman, 1996: 101; tradução do autor, grifo acrescentado)

2.1. Pontos de Contato entre a TR e o Conexionismo

Supõe-se aqui que as restrições sintáticas, semânticas e contextuais, citadas acima por McClelland, têm relação com os codificadores conceituais e procedimentais, que serão abordados na seção seguinte deste capítulo. Para a TR, os codificadores conceituais e procedimentais fazem parte da memória de longo prazo como entradas lógicas e lexicais, respectivamente. Para todas as suposições existentes na memória de longo prazo (entradas enciclopédicas, lógicas e lexicais), a TR concebe um processo de construção a partir da interação com o meio, ou seja, inicialmente não haveria regras prontas para processar os *inputs* fornecidos ao dispositivo dedutivo; elas seriam constituídas a partir de processos sócio-interativos. O que é dado como inerente a qualquer ser humano, para a TR, é a existência do Princípio de Relevância, que não é um algoritmo, mas uma predisposição filogenética de processamento cognitivo (especialmente lingüístico), desenvolvida a partir de processos evolutivos da espécie.

Dado que a TR não postula a rigidez de regras, mas a sua construção e relativa mutabilidade/flexibilidade ao longo do desenvolvimento do indivíduo, constata-se uma promissora congruência entre a TR e o connexionismo, ambos demonstrando que a plasticidade é uma característica intrínseca da cognição e

da condição humana. Além disso, observou-se na proposição de Elman, citada anteriormente, que o conexionismo não elimina a concepção de uma arquitetura com um certo nível de modularidade, o que implica a possibilidade de processos de codificação/decodificação. O que o conexionismo propõe é o não determinismo ou a pré-configuração expressa dos módulos; a sua constituição será resultado de processos de interação com o meio, isto é, dependerá, em maior ou menor medida, dos estímulos recebidos.

Observa-se, portanto, que existem diversos pontos de confluência entre a TR e o conexionismo, o que faz com que valha a pena reavaliar postulados e perspectivas da primeira, já que a modularidade e o inatismo intrínseco têm apresentado lacunas significativas no estudo da cognição e da linguagem e, cada vez mais, distanciam-se das constatações feitas no campo da neurofisiologia humana, apresentando pouca congruência com o funcionamento do sistema nervoso humano.

3. Codificações Conceituais e Procedimentais e Informações Contextuais segundo a TR

Nesta seção serão abordados e discutidos os conceitos de codificação conceitual e codificação procedimental, desenvolvidos a partir de desdobramentos da TR (Wilson & Sperber, 1993, e de alguns trabalhos apresentados no *Relevance Theory Workshop*, 1998). Além disso, será também abordado o papel das informações contextuais, que não são propriamente um tipo de codificação, mas que têm, assim como os outros codificadores, o papel de desencadear a ativação de suposições e esquemas de suposições.

Moeschler (1998), com base na TR, apresenta uma definição para os dois tipos de codificação em questão:

“Na Teoria da Relevância (TR), é feita uma distinção importante entre os dois tipos de informação codificada linguisticamente: informações conceituais e procedimentais (Sperber & Wilson 1993a). A distinção conceitual/procedimental é motivada tanto lingüística quanto cognitivamente.

1. As informações conceituais são codificadas principalmente através de categorias lexicais (substantivo, verbo, adjetivo), isto é, categorias que definem classes lexicais abertas. As informações procedimentais são codificadas através de categorias não lexicais (negação, tempos, determinantes, conectivos, certos advérbios), isto é, categorias que definem classes morfológicas não abertas. Portanto, a distinção conceitual/procedimental cobre principalmente aquela distinção entre categorias lexicais e não lexicais.
2. A motivação cognitiva para a distinção procedimental/conceitual é a seguinte: as informações conceituais são aquelas através das quais as representações mentais são acessadas, enquanto as informações procedimentais codificam instruções relativas ao modo como tais representações devem ser processadas.” (Moeschler, 1998: 3; tradução do autor)

Considerando a conceituação acima, verifica-se que, no plano cognitivo, a distinção entre codificação procedimental e conceitual equivaleria à oposição instrução (algoritmo) *versus* informação (suposição) respectivamente; já no plano lingüístico, este paralelismo equivaleria à dicotomia classe lexical *versus* classe gramatical. Em termos de processamento lingüístico contextualizado, pode-se dizer que a codificação conceitual possibilita a construção de formas lógicas, enquanto que a codificação procedimental é responsável pelo direcionamento dos processos inferenciais que culminam em formas proposicionais.

Este capítulo pretende explorar a dicotomia conceitual *versus* procedimental, reavaliando, tanto quanto possível, alguns aspectos da sua postulação sob uma perspectiva orientada pela abordagem conexionista. Acredita-se, aqui, que tais processos de codificação estejam efetivamente operando na linguagem verbal, mas que a sua separação não é necessariamente realizável no nível lexical. Sugere-se que os dois tipos de codificação sejam componentes ortogonais de uma mesma “força”, que estariam presentes no processamento de itens lexicais. Assim, a resultante vetorial terá um caráter mais conceitual ou mais procedimental, dependendo do valor de cada componente. Neste aspecto, é importante ressaltar que a construção desses “vetores” no ambiente cognitivo de cada indivíduo terá muito de comum e convencional, que é o que geralmente se espera da linguagem verbal, mas poderá

refletir variações desde o nível dialetal até o idioletal. Tais variações fazem com que, até mesmo nos níveis de codificação mais concretos, expressos pelos codificadores conceitual e procedimental, possa ocorrer a geração de formas lógicas e/ou proposicionais não pretendidas pelo emissor do enunciado. Na figura 1, procura-se representar exemplos de resultantes vetoriais dos codificadores de força procedimental e conceitual. No eixo vertical, encontra-se o componente procedimental da força resultante, e no eixo horizontal, o componente conceitual. Portanto, no exemplo (a), encontra-se um codificador **mais** procedimental, enquanto que em (b), um **mais** conceitual.

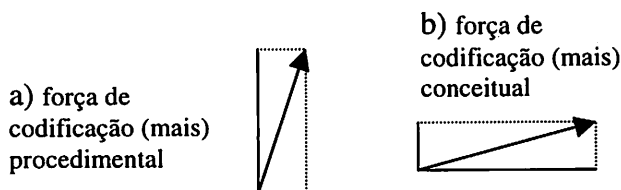


Figura 1

A título de exemplificação, consideremos o uso de artigos definidos no português e no inglês. A princípio, afirmar-se-ia que são elementos não-lexicais, isto é, codificam procedimentos. Em relação ao aspecto lingüístico, o artigo definido serve como determinante de um substantivo, ou seja, antecede/introduz algo que já é conhecido pelo interlocutor ou que já tenha sido mencionado anteriormente no discurso em questão. Considerando o aspecto cognitivo, o processamento está sendo direcionado para o acesso a uma informação/suposição já anteriormente manifesta para ambos (ou todos) os interlocutores.

Entretanto, no português, verifica-se que os artigos definidos codificam mais do que somente este procedimento; codificam também número e gênero, já que devem concordar com o substantivo ao qual estão relacionados. No inglês, por outro lado, tais marcações não existem no artigo, manifestando-se somente nos substantivos. Deste modo, no português, os artigos definidos

trazem também características da codificação conceitual, enquanto que no inglês esta só se manifesta nos substantivos. Em termos de representação vetorial, o artigo definido **the** do inglês seria uma seta vertical, já que não apresenta nenhum componente de codificação conceitual, enquanto a representação do vetor do artigo **as** do português, por exemplo, seria aproximadamente equivalente àquela apresentada na figura (1a).

É interessante notar que no uso oral/informal do português do Brasil, muitas vezes, esta marcação – redundante na utilização prescrita pela norma culta – desaparece no substantivo na realização de algumas variantes. Por exemplo, é comum na variante informal/popular a não marcação de número no substantivo ou no adjetivo, como se observa no exemplo (1) abaixo. Em algumas variantes populares estigmatizadas⁶, tal marcação não aparece nem mesmo no verbo, como em (2).

(1) Os menino chato chegaram.

(2) Os menino chato chegou.

Há casos de registro oral, no dialeto mineiro, por exemplo, em que até a marcação de gênero de alguns substantivos é apagada, o que deixa a marca de gênero exclusivamente no artigo, e, na variante estigmatizada, até a marca de número é apagada do verbo, deixando toda essa codificação no artigo, como se pode observar nos exemplos abaixo.

(3) Os meninø chegaram/chegou.⁷

(4) As meninø chegaram/chegou.

Levando-se em consideração a relação de máximo efeito contextual para mínimo esforço cognitivo, postulada pelo Princípio de Relevância, seria razoável concluir que a tendência natural de economia levaria a eliminação da redundância de mar-

⁶ Da perspectiva de falantes da norma culta.

⁷ Neste exemplo e no seguinte, são feitas transcrições aproximadas do registro oral, com a possibilidade do verbo concordar ou não com o sujeito.

cação de número e gênero no artigo, no substantivo e no adjetivo, uma vez que isto estaria representando um dispêndio desnecessário de esforço cognitivo tanto na codificação quanto na decodificação de marcadores conceituais. Entretanto, o tipo de redundância em questão deve ter surgido na língua, provavelmente, com alguma função de codificação procedimental. Atualmente, a utilização de uma variante ou outra representa um “codificador” que pode ser denominado de **contextual**, aquele responsável pela implementação de implicaturas que não têm necessariamente relação com as formas lógica ou proposicional do enunciado.

Esta marca nem sempre é deliberadamente realizada, mas pode ser eventualmente inferida pelo receptor e tem relação direta com o que Levinson (1983) denominou **formas preferidas/despreferidas**, ao tratar da organização preferencial na conversação (seção 6.3, p.332-345). Assim, a utilização de uma forma preferida (isto é, previsível ou que esteja cognitivamente manifesta ou mais manifesta para o receptor) facilitará o processamento do enunciado. No caso das variantes relativas à concordância nominal, no português do Brasil, a escolha da variante padrão ou de outra(s), se for interpretada pelo receptor como uma forma despreferida, isto é, inadequada⁸ ao contexto, desencadeará implicaturas que podem desviar o foco da interpretação do conteúdo para a forma, fazendo com isso que o efeito contextual pretendido pelo emissor seja prejudicado, ou até mesmo anulado.

Observa-se, então, a existência de três níveis de “codificação/decodificação”: o conceitual, o procedimental e o contextual. Este último, como foi mencionado acima, não seria propriamente um processo de codificação/decodificação, mas muito mais um caso de ativação de esquemas de conhecimentos e de enquadramentos que implica na ativação de unidades de informação (ou de redes cognitivas) mais extensas que aquelas ativadas pelos codificadores conceituais e procedimentais. Voltando ao esque-

* A utilização da forma prescrita pela norma culta, em determinados contextos, pode soar tão inadequada quanto a sua não utilização em contextos nos quais é um pré-requisito.

ma proposto na Figura 1, o componente contextual poderia ser representado como um terceiro eixo, perpendicular aos outros dois, o que faria com que a força resultante fosse tridimensional. Assim, cada item lexical seria composto por estes três “codificadores”, que resultariam em um vetor que seria responsável pelo direcionamento da ativação da rede cognitiva. O progresso de tal ativação será sempre a somatória da seqüência de vetores resultantes do encadeamento das unidades do enunciado. Tais vetores estarão reforçando algumas conexões em relação a outras, por tornarem algumas vias neuro-sinápticas mais usuais que outras.

Pode-se argumentar, portanto, que a TR vê a construção do significado de uma perspectiva relativa e de mão-dupla, que resultará na e da ativação de determinados conceitos e esquemas de conhecimento em detrimento de outros. No nível sincrônico, esta ativação pode ser vista como uma inferência, isto é, o resultado de um processo inferencial – uma conclusão, uma idéia, uma resposta, uma pergunta, uma premissa intermediária, etc. No nível diacrônico, esta ativação equivale ao processo de aprendizagem e à modificação do ambiente cognitivo do indivíduo, uma vez que a ativação de determinadas conexões torna os caminhos até elas mais “confiáveis”⁹, ou seja, reforçam as respectivas conexões, o que resulta na diminuição do esforço cognitivo relativo para a sua posterior ativação.

A sugestão de representação espacial de um vetor responsável pelo processamento lingüístico/pragmático dos enunciados, aqui apresentada, não é, em absoluto, a proposta de um modelo definitivo que enquadre a TR no campo do conexionismo. É, muito mais, uma busca da transição e complementaridade entre os componentes modulares e conexionistas no processamento cognitivo e lingüístico e, eventualmente, um ponto de partida para futuros desdobramentos.

Em resumo, o fato de se conceberem as dimensões conceitual, procedimental e contextual como componentes de um

⁹ Nos termos da TR, isto representaria um aumento da força de verdade de uma suposição.

vetor, com determinada força na interpretação da linguagem verbal, desloca o processamento lingüístico do nível exclusivamente modular/seqüencial/encapsulado e o coloca no nível das conexões em paralelo, da complementaridade e simultaneidade, já que a construção da forma lógica e da forma proposicional não acontecem separada ou independentemente. Nem mesmo a ampliação dos esquemas de conhecimento é posterior a tais processos lingüístico-pragmáticos; ela é simultânea, complementar e ocorre em função destes últimos.

A seguir, buscar-se-á a aplicação dos conceitos até aqui discutidos a partir da análise de alguns aspectos em um trabalho de pesquisa desenvolvido na área da tradução.

4. Análise dos Codificadores a partir de uma Pesquisa em Tradução

Para efeito da análise desenvolvida neste capítulo, parte-se de um excerto do *corpus* da pesquisa de Gonçalves (1998). Aquele trabalho investigou a influência de um determinado tipo de treinamento aplicado a tradutores, profissionais e aprendizes, sobre a execução de uma tarefa relacionada à tradução de legendas de filmes e suas implicações para a competência tradutória. A fundamentação teórica utilizada foi a TR, e a metodologia para a coleta de dados foi a técnica de protocolos verbais ou protocolos de pensamento em voz alta (e.g. Færch & Kasper, 1987).

No experimento desenvolvido, os sujeitos foram divididos em dois grupos e submetidos às mesmas tarefas em duas etapas distintas (um pré-teste e um pós-teste). Somente um dos grupos recebeu um certo tipo de treinamento voltado para a tradução de legendas de filmes entre as duas etapas. As tarefas dos sujeitos resumiram-se à tradução de dois pequenos trechos (um em cada uma das etapas) da versão original de um filme obedecendo a determinados parâmetros daquela modalidade de tradução; enquanto traduziam, deveriam verbalizar, tanto quanto possível, todas as suas decisões, dúvidas e procedimentos, ou até mesmo opiniões subjetivas, não necessariamente relacionadas à

tarefa em questão. Tais verbalizações foram gravadas durante a execução da tarefa e posteriormente transcritas para análise. Deste modo, o *corpus* daquela pesquisa constituiu-se: a) do texto original, b) das respectivas traduções e c) da transcrição das verbalizações dos sujeitos.

A pesquisa utilizou como unidades de análise cada um dos turnos conversacionais das personagens do filme, transcritos para o experimento. O excerto aqui analisado foi retirado aleatoriamente do *corpus* e apresenta o texto de partida (no cabeçalho da tabela menor), o texto de chegada (na linha TC, da tabela maior) e a transcrição da respectiva verbalização (na linha Vb, abaixo da do TC). A primeira tabela indica o desempenho de cada um dos dez sujeitos em relação à extensão (número de caracteres) da unidade de análise em foco. Para a análise, foram selecionados os sujeitos que produziram, respectivamente, o menor e o maior texto de chegada.

IX. *He's always finishing your thoughts. That's awful.*

Informante	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Caracteres	56	48	53	60	41	31	60	38	63	60

Inf.	6.1	9.1
TC	-Completando prá você. Notável.	-Ele está sempre concluindo os seus pensamentos. Isso é horrível.
Vb	<p><u>E teve outra parte com He's always finishing... Né. Que é ainda a ouvinte um. [...]</u></p> <p>[...] [borracha]</p> <p><u>(Ainda não vou traduzir o (?)). Eu vou ver o que que cabe aqui. ... Vou procurar no dicionário (?)[...]</u></p> <p><u>Aqui eu vou ter que mudar porque não vai... não vai caber. ... Então vou ter que desmanchar. [borracha]</u></p> <p>[...]</p> <p><u>Não, vou traduzir... [som do filme]</u></p> <p><u>É... Eu tenho pouco espaço pra traduzir o That's awful como... Que horrível isso! ... Eu acho que... que ia... ia dar um sentido, né. Porque ele tá tão... ele tá tão interessado no que ela tá falando, né. ... Sei lá, também tem um pouco daquela coisa... Oh, louco! Né, que deixa a gente... (?). ... Né, é uma coisa que se espanta, mas ao mesmo tempo a gente não tá nem aí, não. Não tem nada com isso, né. Eu até traduziria assim. ... Só que o "Oh, louco!" é muito paulista, né. Tem que arranjar alguma coisa mais... nacional, digamos. ... Então... vamos pensar um pouco. ... Vamos ver se eu acho alguma coisa aqui no (?), [dicionário] [...]</u></p> <p><u>É... um, dois, três, quatro, cinco, seis. ... Seis letras, [conta sussurrando] ... Não dá com seis letras. [...] Bem, eu vou tentar... Eu tinha traduzido; Concluindo a frase Mas... "Concluindo" tá ocupando muito espaço. ... Não vai caber a palavra que eu quero traduzir, That's awful. [...] (?)... (?)... O significado pra palavra... (?) [dicionário] [...]</u></p>	<p><i>He's always finishing... ...</i></p> <p>Ele... está... sempre... terminando.../I concluindo.</p> <p>Ahm... Concluindo... finishing your thoughts. ...</p> <p>Ele está sempre... ahm... concluindo... os meus/ terminando/ concluindo os meus pensamentos. ... Isso, ... Concluindo... Que ela também não conclui. ... Jack Lucas também se comporta como o marido dela. <i>He's always finishing your thoughts. ... Então... repito tudo de novo: Ele está... sempre... concluindo... concluindo... os seus... pensamentos. ... Ponto. That's awful. ... Isso... é... horrível. Ih... Não coube "horrível" ali. [borracha] Isso é horrível. ... O fato de não ter cabido "horrível" ali é horrível. ... Ponto.</i></p>

<p>[...] [som do filme] <u>É... Eu traduzi... Ele está sempre... Ah, ele completa. Por ser uma frase, por ser um diálogo, uma... uma conversa em cima da outra, então eu cortei algumas coisas. Pelo fato do espaço mesmo, então ficou mais ou menos assim: Ele está sempre... Completando pra você. ... Notável! Né... Esse <i>That's awful!</i> dele não chega (num tom) horrível, né. (?) horrível. Né, ele... coloca isso porque ela mesma não tá passando essa... (?) falar. Então... ele como o marido dela sempre completando a... uma frase. E eu suprimi o... a frase, né. Completando pra você. Né... é uma conversa informal... oral. (?)... Então dá pra essa noção mesmo. ... Eu acredito que sim. ... Está sempre completando pra você. Notável! [...]</u></p>	
--	--

(Gonçalves, 1998:87)

4.1. Discussão

Antes de partir para a análise dos codificadores, é importante contextualizar o enunciado em questão. Este se insere em uma conversação ao telefone entre um locutor de rádio e uma ouvinte (início do filme *The Fisher King*, de R. LaGravanes, s/d.). A personagem do locutor caracteriza-se por ter uma personalidade extremamente crítica e debochada em relação à ouvinte, não deixando que ela terminasse as frases e satirizando a reclamação que esta fazia sobre o marido. O turno de fala anterior, que era da ouvinte e havia sido interrompido, é o seguinte: “*He’s always finishing...*”. Portanto, o locutor retomou a frase iniciada pela ouvinte e a termina, além de acrescentar um comentário em tom irônico (*That’s awful!*)¹⁰.

Neste excerto, o sujeito (informante) número 6 foi o que produziu o texto de chegada mais conciso em termos de extensão, enquanto o número 9 produziu o mais longo. Percebe-se que o sujeito 9 optou pela tradução literal, na qual se pode observar uma correspondência palavra-por-palavra entre o texto de partida (TP) e o TC, o que demonstra que o processo de tradução dessa unidade de análise foi, em grande medida, determinado pela correspondência formal, além do fato de, na transcrição da respectiva verbalização, observarem-se poucos comentários relativos a aspectos contextuais. Deste modo, pode-se supor que a tradução ficou bastante restrita aos codificadores procedimentais e conceituais, não havendo uma ativação significativa de informações contextuais.

¹⁰ Ver, no Anexo, a transcrição completa do trecho utilizado na tarefa.

Alves (1996) desenvolve uma definição de tradução a partir da proposta da TR e de seus desdobramentos em Gutt (1991).

“[...] o processo tradutório é caracterizado como a busca mental de uma semelhança interpretativa para uma dada representação semântica através de duas formas proposicionais – uma na língua de chegada e outra na língua de partida. Essas duas formas proposicionais dividem entre si uma semelhança interpretativa.” (Alves, 1996:86)

Considerando a definição acima, verifica-se que o processo de tradução implica a comparação de duas formas proposicionais e a atribuição de um nível ótimo de **semelhança interpretativa** entre elas (cf. capítulo 4, neste livro). Este nível ótimo é obtido quando os **efeitos contextuais** das duas formas proposicionais alcançam a maior congruência possível com o mínimo de dispêndio cognitivo, como determina o Princípio de Relevância. Retomando a concepção dos vetores de codificação tridimensional, proposta na seção anterior, poder-se-ia dizer que o processo de atribuição de semelhança interpretativa entre duas formas proposicionais seria a comparação das respectivas resultantes vetoriais na ativação de determinadas conexões e nódulos.

De volta à análise da tradução do sujeito 9, como foi comentado acima, verifica-se uma tradução bastante literal. Por exemplo, na tradução do pronome *He* por *Ele* em português, observa-se uma equivalência de efeitos de codificação procedimental e conceitual: nos dois casos, o pronome codifica o procedimento de remeter a um antecedente já manifesto no ambiente cognitivo do receptor, e tem a função conceitual de representar um ente humano do gênero masculino. Pode-se dizer que a tradução da expressão *is always finishing* também segue o padrão de correspondência um-para-um, cujo efeito dos componentes conceitual e procedimental encontram uma semelhança altamente satisfatória. No entanto, a transcrição da verbalização demonstra uma certa indecisão entre as opções *terminando/concluindo*, que é resolvida optando-se pela segunda. Nesse momento, pode-se dizer que as duas formas proposicionais já estão estabelecidas e

devidamente contrastadas em termos de efeitos contextuais – o sujeito atribui um nível de efeitos contextuais satisfatório à semelhança interpretativa obtida com a tradução literal – entretanto, prefere a realização no TC de *concluindo seus pensamentos* ao invés de *terminando seus pensamentos*. Em termos de codificação conceitual, *finishing* apresenta um nível de semelhança satisfatória tanto com *concluindo*, quanto com *terminando*, mas o sujeito, verificando restrições procedimentais do item lexical seguinte do TC, *pensamento*, encontra maiores efeitos contextuais na colocação *concluindo seus pensamentos*. Tal decisão, relacionada no nível macro-lingüístico a uma questão estilística, pode ser explicada de uma perspectiva conexionista: o item lexical *pensamento* apresenta ligações mais fortes com *concluir* do que com *terminar*, provavelmente porque a primeira é mais usual que a última. Como ligações mais fortes implicam menor dispêndio no processo de compreensão, o tradutor tomou uma decisão direcionada pelo Princípio de Relevância, que representa a obtenção de um efeito contextual aproximadamente equivalente ao que seria obtido fazendo-se a opção pela outra forma, cujo dispêndio cognitivo seria menor. Esta decisão do tradutor não garante que o dispêndio será realmente menor no processo de compreensão do receptor; será preciso que a rede de codificação deste último tenha uma estrutura semelhante à do tradutor em relação a esse aspecto. Ou seja, se para o receptor da tradução a forma mais usual for *terminar pensamentos*, o efeito pretendido pelo tradutor, ao fazer a opção por *concluir pensamentos*, se perderá. Isto não quer dizer que a comunicação não se efetivará, ou que a forma proposicional na língua de chegada ficará incongruente com a da língua de partida, mas poderá ter efeitos diferenciados dos pretendidos.

Comentou-se acima que a atuação do componente contextual na tradução dessa unidade, observada no sujeito 9, parece ter sido bastante reduzida devido à literalidade do TC e também à quase nula menção a aspectos contextuais na respectiva verbalização. Basicamente, são feitos dois comentários. Em um deles, o sujeito demonstra a compreensão da ironia no discurso do locu-

tor – “Que ela também não conclui. ... Jack Lucas também se comporta como o marido dela.”. No outro, ele faz um comentário bem humorado sobre o fato de a última palavra da frase traduzida, que estava sendo inserida no formulário, não ter cabido na linha: “That’s awful. ... Isso... é... horrível. Ih... Não coube “horrível” ali. [borracha] Isso é horrível. ... O fato de não ter cabido “horrível” ali é horrível. ... Ponto.” Apesar do (suposto) reduzido nível de atuação do componente contextual na tradução da unidade em questão, pode-se afirmar que a tradução literal consegue gerar efeitos contextuais bastante semelhantes aos do TP; através das codificações conceitual e procedimental, resultantes da interpretação do TC, consegue-se o efeito de ironia.

O sujeito 6, por sua vez, utiliza muito mais informações contextuais, não se apoiando somente nos codificadores conceituais e procedimentais. Ele opta por não repetir a frase toda ao traduzir esta unidade, já que, em termos de efeito contextual, o que é mais relevante é a produção da ironia através da interrupção da ouvinte pelo locutor, e a conclusão da frase. A atitude do locutor, por si só, constitui-se em ironia por representar uma contradição – critica o marido da ouvinte por ele interrompê-la, mas ao mesmo tempo ele a interrompe ostensivamente. A opção pela não repetição do início da frase é extremamente pertinente no contexto de tradução de legendas de filmes, uma vez que a exigência de concisão é um dos fatores que mais interfere nas decisões do tradutor, em especial nos momentos em que a densidade verbal é grande. Por outro lado, no plano formal, verifica-se que houve perda na realização do TC, já que “Completando prá você.” apresenta uma lacuna, devido a uma instrução procedimental não atendida no item lexical *completar*. Neste aspecto, poder-se-ia até argumentar que o contexto forneceria subsídios para o preenchimento de tal lacuna, já que a frase do locutor é auto-explicativa, isto é, comenta que o marido interrompe e completa as frases da ouvinte, interrompendo-a e completando-lhe uma frase. Entretanto a codificação procedimental explícita verificada na regência do verbo em questão, direcionando para a busca de um complemento, gera uma incongruência de processamento cognitivo que pode

levar a um dispêndio de esforço que comprometa a geração da forma proposicional pretendida. Se, nesse caso, o sujeito utilizasse o verbo *concluir*, talvez a falta de um complemento não comprometesse tanto a geração da semelhança interpretativa, já que este último é mais convencionalmente aceito na forma intransitiva. Mais uma vez, considerando-se a perspectiva conexionista, conclui-se que a escolha lexical adequada na tradução contribuirá enormemente para a obtenção de um vetor que atuará na direção mais adequada no processo de compreensão. Em relação à escolha do item lexical “Notável.” como tradução do TP “That’s awful.”, verifica-se uma inadequação no nível estilístico. O item lexical *notável*, em português, é usado em contextos mais formais, o que não é o caso da situação em questão. Tal incongruência pode também desencadear a geração de implicaturas indesejadas, isto é, o vetor resultante no processo de compreensão desta unidade poderá ativar conexões e nódulos que representem efeitos contextuais incongruentes com aqueles observados através da interpretação do TP. Ao se observar a transcrição das verbalizações do sujeito 6, constata-se a supremacia das instruções de nível contextual sobre as procedimentais e conceituais. Nota-se, pois, uma tendência para uma tradução mais funcional, em oposição a formal (observada no sujeito 9). A atuação de entradas lógicas sinalizando para a concisão do TC mostra-se muito mais manifesta no ambiente cognitivo do sujeito 6 que do sujeito 9, e essas entradas entrarão no componente contextual do vetor da força de ativação das redes cognitivas.

5. Conclusão

Este capítulo procurou apresentar argumentos que mostrassem a existência de pontos de congruência/compatibilidade entre a Teoria da Relevância e a proposta do Conexionismo. Apesar de a TR fundamentar-se em pressupostos modularistas, observou-se que ela apresenta características e princípios bastante flexíveis, que permitem uma reavaliação e uma re-inserção dos paradigmas modularistas estritos no contexto do conexionismo.

Este último, por sua vez, também não exclui a possibilidade da existência de um certo nível de modularidade no sistema cognitivo humano, entretanto discorda da rigidez postulada a partir dos modelos modularistas.

Ainda que a proposta aqui apresentada possa ser considerada um tanto quanto superdimensionada para os limites da discussão desenvolvida, e ainda que não tenha implementado uma análise suficientemente detalhada, que efetivamente coadune os parâmetros de codificação da TR com a arquitetura conexionista, deseja-se que este seja o ponto de partida para o aprofundamento dessas questões, que se demonstram extremamente promissoras para o entendimento da cognição, da linguagem e, especificamente, da tradução.

6. Referências Bibliográficas

ALVES, F. Lançando anzóis: uma análise cognitiva de processos mentais em tradução. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p.77-90, jul./dez. 1996.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: s/ed.1962.

CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. Cambridge: MIT Press, 1957.

_____. *Aspects of a theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

_____. *Language and problems of knowledge*. Cambridge: MIT Press, 1988.

_____. *The minimalist program*. London: MIT Press, 1995.

ELMAN, J. et al. *Rethinking innateness: a connectionist perspective on development*. Cambridge: MIT Press, 1996.

FÆRCH, C. & KASPER, G. From product to process: introspective methods in second language research. In: _____ (ed.). *Introspection in second language research*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1987. p. 3-23.

FODOR, J. A. *The modularity of mind*. Cambridge: MIT, 1983.

GONÇALVES, J. *Processos inferenciais relacionados à priorização de informações na tradução de legendas de filmes: o redun-*

dante e o relevante sob a ótica do princípio de relevância. Belo Horizonte: 1998. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais.

GRICE, P. Logic and conversation. In: MARTINICH, A. P. (ed.). *The philosophy of language*. Oxford: Oxford University Press, 1975. p. 159-170.

_____. Meaning. *Philosophical Review*, s.l. n. 66, p. 377-388, 1957.

GUTT, Ernst-August. *Translation and relevance: cognition and context*. Cambridge: Blackwell, 1991.

LaGRAVANESE, R. *The Fisher King*. (filme dirigido por Terry Gilliam, produzido por Debra Hill e Linda Obst) s.l. Tri-Star Pictures, s.d.

LEVINSON, S. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

McCLELLAND, J. L. The case for interactionism in language processing. In COLTHEART, M. (ed.). *Attention and performance XII: the psychology of reading*. London: Erlbaum, 1987. p. 1 - 36.

_____. Cognitive modeling, connectionist. In: MITeCS, 1999. http://cognet.mit.edu/MITECS/Abstracts/lewis_r.html.

MOESCHLER, J. Directional inferences and the conceptual/procedural encoding distinction. In: 2nd RELEVANCE THEORY WORKSHOP, 1998, Luton/Inglaterra. *Programme and abstracts* (não publicado). p. 3-8.

RUMELHART, D. E. Toward an interactive model of reading. In DORNIC, S. (ed.). *Attention and Performance VI*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1977.

SEARLE, J. R. What is a speech act? In: BLACK, M. (ed.). *Philosophy in America*, s/l. s/ed. 1965. p.221-239.

SHANNON, C. & WEAVER, W. *The mathematical theory of communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

SPERBER, D. & WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. Oxford: Blackwell, 1986/1995.

WILSON, D. & SPERBER, D. Linguistic form and relevance. *Lingua* 90, 1/2, p.1-25, 1993.

ANEXO

(transcrição utilizada no experimento desenvolvido por Gonçalves, 1998)

FILME: *The Fisher King* (Escrito por Richard LaGravanese, dirigido por Terry Gilliam, produzido por Debra Hill e Linda Obst)

Trecho inicial (00'00" - 01'50")

1ª cena

(Conversas com as ouvintes da rádio no ar)

Jack: Hey. It's Monday morning and I'm Jack Lucas.

Ouvinte 1: Hi!

Jack: Hello!

Ouvinte 1: Uh, this is about my husband.

Jack: Yes?

Ouvinte 1: Uhm, well, he drives me crazy. I'll be talking and he'll never let me finish a sentence.

Jack: Uhm!

Ouvinte 1: He's always finishing...

Jack: He's always finishing your thoughts. That's awful.

Ouvinte 1: It... it absolutely drives me...

Jack: It drives you crazy. He does it.
He's a scoundrel.

Ouvinte 1: Jack, you've... hit the nail...

Jack: Hit the nail on the head.

Ouvinte 1: Yeah, on the head.

Jack: Yeah, somebody ought to hit you on the head!

Jack: So, uh, tell us, how long have you and Senator Payton been having this, uh, this sleazy affair?

Ouvinte 2: Oh, great, great. This is disgusting. I am so tired of the public thinking that they have the right to invade a person's private life, ok.

Jack: Please, come on... You've had sex with a United States Senator in the parking lot of Sea World. You're telling me you're a private kind of person, no... You are a spotlight celebrity!

Ouvinte 2: [...] you ever...

Jack: We wanna hear about the backseats of limos sweetheart, about the ruined lives of people we wanna be!

Ouvinte 2: Oh!

Jack: New and exotic uses for champagne corks!

Ouvinte 2: Listen, I've been humiliated enough already, ok.

Jack: Oh no, perhaps not. We need those details.

Ouvinte 2: You're a pig, Jack.

Jack: Oh, man!

Capítulo 3

TEORIA DA RELEVÂNCIA E BIOLOGIA DO CONHECER: observações para um modelo de análise dos processos de inferência a partir de uma epistemologia biologicamente orientada

*Victor Paredes*¹¹

0. Introdução

Como pesquisador interessado em compreender como se dão as relações interpessoais e como se constituem as estruturas de ordem coletiva, as perguntas que me levaram a buscar um entendimento científico dos processos lingüísticos surgiram principalmente da observação de que a realidade que vivemos constitui-se de forma indelevelmente marcada pelas interações conversacionais pelas quais passamos, e por nossa compreensão dos enunciados lingüísticos que escutamos ou lemos. Participando de estudos de levantamento de dados sócio-econômicos e de pesquisas sobre conflitos agrários e sobre a reforma no sistema estadual de ensino básico, pude observar que a maneira como eu formulava uma pergunta direcionava a sua compreensão por parte da pessoa entrevistada, e conseqüentemente, a resposta dada

¹¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos da FALE-UFMG.

por esta. Pessoas que trabalham com entrevistas e/ou aplicação de questionários estão acostumadas ao fato de que, com frequência, uma pergunta supostamente formulada de maneira “objetiva” não é absolutamente compreendida, e uma reformulação transformada possibilita que ela seja entendida e respondida, ou leva a uma mudança na resposta antes proferida.

Embora a situação deste tipo específico de conversação seja – pela disposição de se chegar à definição de uma resposta consistente para a pergunta feita – um foro privilegiado para a observação dos processos de (in)compreensão, os aspectos apontados acima não são exclusivos dela e de fato se encontram em qualquer situação de interação comunicacional. Assim, um entendimento adequado de como acontecem as relações interpessoais que resultam na constituição das estruturas de ordem coletiva requer, entre outras coisas, uma explicação satisfatória de como se dá o processo de compreensão lingüística.

Dentre as propostas explicativas do processo de compreensão atualmente disponíveis na Lingüística, uma que me parece das mais interessantes é a Teoria da Relevância de Dan Sperber e Deirdre Wilson. Ao tratar o processo de inferência do significado como fundamentalmente relacionado aos processos cognitivos do indivíduo e conceber o significado como resultado construído interacionalmente, esta proposta teórica consiste em um importante avanço sobre a ortodoxia dos estudos lingüísticos, que tratava o significado basicamente como resultado de processos de decifração direta realizados por um indivíduo solitário e descontextualizado às voltas com um enunciado lingüístico e um código. Constitui ainda um aperfeiçoamento em relação à tradição de estudos sobre a inferência inaugurada por Paul Grice, tornando mais plausíveis alguns aspectos da explicação proposta por este último.

Entretanto, a Teoria da Relevância apresenta também problemas conceituais ligados aos fundamentos da forma de pensamento ocidental que pressupõe a existência necessária de mecanismos cognitivos (portadores de um cerne lógico-matemático) internos ao indivíduo que lhe permitem sobreviver num mundo

externo e independente dele. É interessante notar que esses problemas se dissolvem na perspectiva epistemológica constituída pela Biologia do Conhecer de Humberto Maturana, em função de sua maneira peculiar de rephrasear questões clássicas de nossa tradição científica. Deste modo, neste capítulo tenho por objetivo, após elencar o que me parecem ser os principais ganhos explanatórios possibilitados pela Teoria da Relevância (daqui em diante, TR), examinar mais detidamente como uma reformulação desta última à luz da compreensão dos fenômenos humanos trazida pela Biologia do Conhecer (daqui em diante, BC) pode nos fornecer um aparato explicativo dos processos inferenciais conceitualmente mais consistente e empiricamente mais plausível. Por razões devidas ao próprio escopo deste texto, assumirei nesse exame que o leitor conhece a explicação dos processos biológicos (incluindo os cognitivos) fundada basicamente nas noções de determinismo estrutural e fechamento operacional, isto é, a explicação da BC. (Para uma primeira aproximação a esta proposta teórica ver Maturana, 2001).

1. Mudanças importantes introduzidas pela TR na concepção dos processos de inferência de significado

Um dos pontos de partida teóricos no desenvolvimento da TR é o modelo inferencial de Grice. A idéia básica subjacente a este modelo (e que consiste em uma mudança fundamental em relação à tradição dos estudos sobre o significado) é a de que existe um hiato entre a construção lingüística do enunciado por parte do falante e a sua compreensão por parte do ouvinte. Grice propôs que este hiato é preenchido não por decodificação – como tradicionalmente se concebia – mas por inferência (Sperber & Wilson, 1996:461). Entretanto, seu modelo se baseia em processos regidos por regras lógicas. A principal mudança teórica realizada por Sperber e Wilson foi a de propor o processo de compreensão como possuindo um caráter basicamente inferencial não-demonstrativo, restringido não logicamente mas cognitivamente (Silveira & Feltes, 1999:13). Desta forma, o modelo da TR res-

ponde a uma preocupação nascida de investigações recentes sobre o significado oriundas de áreas como as diferentes correntes de Análise do Discurso e a Filosofia da Linguagem, ao focar um aspecto crucial na determinação do significado de enunciados lingüísticos: as circunstâncias da construção desse significado.

A consideração das circunstâncias cognitivas da inferência de significado implica em outra diferença da TR em relação à ortodoxia disciplinar e ao próprio modelo griceano: em sua proposta analítica, ganha evidência o caráter interacional da construção do significado, pela importância atribuída ao comportamento do falante. Aqui, o significado não é uma função apenas do enunciado lingüístico e de regras lógicas e/ou máximas de cooperação fixadas na mente do ouvinte, mas surge como resultado de uma dinâmica interacional que pode levar a uma transformação dos fatores iniciais do processo inferencial. “Há, em geral, no curso do processamento, a construção de premissas” (Silveira & Feltes, 1999:31).

Outra consequência implicada pelo foco nas circunstâncias cognitivas do processo inferencial constitui uma diferença fundamental em relação à concepção griceana: nesta, o contexto do significado é postulado como sendo único para falante e ouvinte, bem como o grau de relevância desse contexto para os envolvidos na comunicação. Na abordagem proposta por Sperber e Wilson, o contexto da inferência é construído separadamente por cada indivíduo a partir dos elementos mais relevantes de sua experiência cognitiva particular, o que resulta em um importante ganho analítico que é a possibilidade de explicar pela aplicação da mesma lógica conceitual o processo da comunicação tanto quando esta é bem-sucedida, como quando é mal-sucedida.

Outro avanço da TR em relação à proposta de Grice resulta de uma mudança de perspectiva que também leva a uma economia conceitual e maior consistência teórica:

“O princípio de cooperação e as máximas de Grice são normas que comunicadores e audiência devem conhecer a fim de se comunicarem adequadamente. (...) O princípio de relevância, em contraste, é

uma generalização sobre a comunicação ostensivo-inferencial. (...) os comunicadores não ‘seguem’ o princípio de relevância, e não o poderiam violar ainda que o quisessem.” (Sperber & Wilson, 1996:473)

Desta maneira, a proposta de Sperber e Wilson dissolve a distinção estabelecida por Grice entre implicaturas convencionais e conversacionais. Para eles, na comunicação de significados ditos implícitos não há violação de qualquer norma comunicativa, já que a compreensão verbal se dá através da busca de relevância. Os autores apontam problemas no mecanismo dedutivo inferencial proposto por Grice, uma vez que ele não explica a natureza e a origem do princípio de cooperação e das máximas a ele associadas (cf. Silveira & Feltes, 1999:23 – nota de pé de página). Já a origem do Princípio de Relevância é explicada postulando-se que a relevância é “uma propriedade natural da cognição humana” (idem, *ibidem*). Este, entretanto, é um postulado que vejo como um dos fundamentos problemáticos da TR e que se deve justamente ao fato de ser a psicologia cognitiva o outro ponto de partida teórico seguido por Sperber e Wilson em sua proposta. Como os próprios autores reconhecem,

“[v]isto que a Teoria da Relevância é, entre outras coisas, uma tentativa de fundamentar os modelos de comunicação humana no quadro da psicologia cognitiva, ela não pode apenas tirar vantagens das intuições da psicologia cognitiva, deve também compartilhar suas fraquezas.” (Sperber & Wilson, 1995:170)

Passo então, no próximo tópico, a examinar algumas dessas “fraquezas” – que identifico com traços característicos da tradição do pensamento ocidental.

2. Alguns problemas conceituais da TR e propostas de solução pela reformulação de questões à luz da BC

Conta-se que durante uma conferência, Pierre Weil pediu às pessoas da platéia que apontassem uma direção onde estivessem vendo algum elemento que fizesse parte da natureza. A maio-

ria apontou pelas janelas para fora do auditório, indicando as árvores e pássaros no jardim em que esse se localizava, ou para o sol e as nuvens no céu; algumas apontaram para as plantas nos vasos que decoravam o salão. Ninguém apontou para si mesmo, ou para as outras pessoas ali presentes.

Este episódio costuma ser relatado para exemplificar um aspecto típico das formas de pensamento predominantes no mundo ocidental: a concepção de que o ser humano é essencialmente distinto dos outros animais, e que a fenomenologia observada no mundo humano surge através de processos que seguem uma lógica própria, diferente daquela dos processos naturais. Esta concepção, que em nossa história cultural remonta às idéias formuladas por filósofos da Grécia Antiga, expressa-se em dicotomias conceituais clássicas tais como cultura/natureza, razão/emoção, mente/corpo etc., e subjaz a praticamente todas as teorias que pretendem explicar os fenômenos exclusivos do viver humano – notadamente, os fenômenos lingüísticos (cf. Magro, 1999).

Uma dos principais aspectos de tal forma de pensamento é sua perspectiva essencialista, segundo a qual as características que observamos em um objeto revelariam uma essência abstrata que define as qualidades e propriedades intrínsecas ao objeto – em vez de explicar tais características como resultado da existência dinâmica do objeto como sistema constituído de determinada forma. Esse essencialismo está intimamente ligado a uma ontologia transcendente, que pretende que os objetos que observamos possuem uma existência independente das operações de distinção que realizamos (cf. distinção entre ontologias transcendent e constitutivas em Maturana, 1997c). Nesta perspectiva, a explicação dos fenômenos cognitivos necessita da criação de conceitos que permitam formular a mediação entre o observador e o mundo. No dizer de Donald Davidson, as abordagens dicotomizadoras requerem “intermediários epistêmicos” para solucionar as dificuldades conceituais por elas levantadas; no caso dos fenômenos relacionados à interação entre o indivíduo e o meio (por exemplo, fenômenos cognitivos e lingüísticos) são intermediári-

os epistêmicos clássicos as noções de informação, representação e suas derivações tais como esquemas mentais (Davidson, 1974).

A psicologia cognitiva está firmemente enraizada nesta tradição e a TR, sendo dela tributária, também apresenta os mesmos fundamentos conceituais. Assim, na própria colocação inicial de sua proposta de explicação dos processos de compreensão, Sperber e Wilson evidenciam essa orientação epistemológica:

“Comunicação é um processo envolvendo dois dispositivos processadores de informação. Um dispositivo modifica o ambiente físico do outro. Como resultado o segundo dispositivo constrói representações similares às representações já armazenadas no primeiro dispositivo.” (Sperber & Wilson, 1996:461)

Esta descrição do fenômeno da comunicação por si mesma determina a forma como os autores formulam a questão que julgam principal com relação à explicação dos processos comunicativos:

“A questão é: como um estímulo físico pode provocar a similaridade requerida quando não há qualquer similaridade entre os estímulos (e.g. padrões sonoros) de um lado e as representações (e.g. pensamentos humanos) que esses colocam em correspondência, de outro?” (idem, ibidem).

Os autores dizem que tal pergunta tradicionalmente tem sido respondida através do modelo de código, e posteriormente irão apresentar sua própria explicação alternativa, mas o que interessa notar aqui é que a pergunta evidencia justamente o tipo de dificuldade mencionada por Davidson, e que sua formulação toma como dado que a comunicação envolve representação, e mais, similaridade entre as representações de ouvinte e falante. No entanto, se seguimos o caminho de uma ontologia constitutiva, isto é, se nos perguntamos sobre as operações de distinção que realizamos como observadores para dizer algo sobre o mundo, vemos que quando dizemos que observamos comunicação entre duas pessoas, estamos conotando uma operação em que distinguimos um certo tipo de coordenação entre as ações dessas pes-

soas – e, portanto, a noção de comunicação prescinde de qualquer referência a uma suposta similaridade entre processos internos às pessoas envolvidas.

Um trecho imediatamente seguinte aos citados acima, “...dispositivos processadores de informação (organismos *ou máquinas*) ...” (grifo meu), ao igualar os processos operados por seres vivos e por máquinas evidencia que a TR parte do princípio de que a comunicação envolve a captação de elementos do mundo externo que transmitem características desse mundo exterior para dentro do organismo do ouvinte. A idéia de representação envolve a suposição de que esses elementos externos, após serem internalizados, são fixados e armazenados de algum modo. Nesta perspectiva faz sentido a concepção de inferência como um processo que “toma um conjunto de premissas como input e produz como output um conjunto de conclusões que seguem logicamente das premissas, ou são pelo menos justificados por elas” (idem, *ibidem*). Porém, se assumimos o fechamento operacional como a característica definidora dos seres vivos – diferentemente das máquinas – fica claro que não há nenhuma entrada de informações no organismo. Também não há processos cognitivos que resultem em produtos estáticos que possam ser armazenados. Em vez disso, na perspectiva da BC o conceito de informação precisa ser reformulado na direção da definição de Gregory Bateson, segundo a qual informação é a “diferença que faz diferença” (Bateson, 1972); ou seja, pensando o organismo como estrutura dinâmica operacionalmente fechada, *informação* é o resultado de qualquer perturbação interacional que acarrete uma mudança no estado de relações de atividade entre os componentes da estrutura do organismo (incluindo uma rede neuronal operacionalmente imbricada nesse organismo). Esta diferença de concepção tem conseqüências cruciais na compreensão dos processos comunicacionais. Se considerarmos a comunicação como interação entre sistemas operacionalmente fechados, deixamos de vê-la como transmissão de informação de um sistema a outro, e passamos a vê-la como um mútuo desencadeamento de transformações cognitivas determinadas em cada sistema pela sua dis-

posição estrutural naquele momento. Esta visão é consoante com propostas contemporâneas na área das teorias da linguagem. Barbara Smith, por exemplo, afirma que não há comunicação no sentido de tornar comum algo (por exemplo, “conhecimento”) previamente possuído pelo falante ou no sentido de uma transferência de algo do falante para o ouvinte (cf. Andresen, 1992). Em vez disso, ela vê a comunicação verbal como “interação diferencialmente conseqüente”: cada parte age em relação à outra diferentemente, e com diferentes conseqüências para cada uma.

“É inevitável que haja disparidades entre o que é ‘transmitido’ e o que é ‘recebido’ em qualquer troca simplesmente em virtude dos diferentes estados e circunstâncias do ‘emissor’ e do ‘receptor’, inclusive sempre haverá diferenças – algumas vezes bastante significativas – produzidas por suas histórias de vida inevitavelmente diferentes como criaturas verbais” (Smith, 1988:109 apud Andresen, 1992:298-299).

Nesta perspectiva, a comunicação é possível porque as pessoas envolvidas têm histórias congruentes de interações verbais mutuamente estabilizadoras – o que ocorre quando “falam a mesma língua” – e pode falhar se as circunstâncias vividas por falante e ouvinte no momento da interação forem incongruentes. Note-se que na explicação da TR a falha comunicativa também ocorre por incongruência de circunstâncias cognitivas, porém devido a uma seleção diferenciada dos elementos cognitivos relevantes que constituirão os respectivos contextos inferenciais, sendo que a diferença está na relevância atribuída a eles e não na maneira como são configurados.

Note-se ainda que a abordagem proposta por Smith relaciona-se à concepção da atividade lingüística como comportamento originado por condicionamento operante – na acepção de Skinner – e não como atuação intencional sobre os pensamentos do ouvinte, como proposto na TR e expresso, por exemplo, no seguinte trecho: “...todo comunicador ordinário que quer modificar os pensamentos de sua audiência mas pode afetar diretamente apenas seu ambiente cognitivo” (Sperber & Wilson, 1996:465).

Esta passagem evidencia uma posição que se fundamenta na dicotomia mente/corpo, concebidos como duas substâncias que existem independentemente uma da outra, e na orientação intencionalista (teleológica) habitualmente seguida para explicar os comportamentos humanos. Com relação ao mentalismo, é curioso observar que tradicionalmente não se explica de maneira satisfatória como uma entidade abstrata (a mente) e outra concreta (o corpo) podem se afetar mutuamente, e apenas toma como postulado que operações sensoriais (isto é, corporais) podem determinar mudanças no domínio mental. Esta é uma das mais flagrantes e classicamente insolúveis dificuldades conceituais geradas pela dicotomia mente/corpo, e Sperber e Wilson seguem a posição tradicional a respeito – isto é, usam conceitos baseados nesta dicotomia sem pôr em questão tais problemas conceituais.

Já na perspectiva colocada pela BC, a mente é concebida não como uma entidade, mas como o domínio fenomênico das relações e interações do organismo (Maturana, 1997a:113). Aqui, a relação entre corpo e mente é de natureza gerativa e recursiva, de modo que os fenômenos mentais que podemos observar em nossa experiência ocorrem de maneira modulada por nossa fisiologia, e esta última pode ser afetada pelo fluir de nossos processos mentais.

“Em outras palavras, o operar do sistema nervoso de um animal, ainda que ocorra como uma dinâmica fechada de mudanças de relação de atividade em um operar que é incomensurável com o operar do organismo em seus espaços de relações, tem sentido nesse último espaço, e se dá de uma maneira que se mantém fazendo sentido nesse espaço no fluir de sua contínua mudança. Assim, o operar de nosso sistema nervoso como animais que existimos na linguagem é tal que dá origem a correlações senso-efetoras que fazem sentido na linguagem, porque nosso sistema nervoso e seu operar se transformaram, durante nosso viver, de uma maneira congruente com nosso viver na linguagem. É por tudo isso que, embora nosso pensar sem palavras ocorra no fluir das mudanças de relação de atividade que constitui o operar do sistema nervoso, esse pensar ocorre de modo que a conduta que surge dele como um fluir em correlações senso-efetoras é

uma conduta na linguagem, como se houvesse havido todo um raciocinar discursivo seguindo as normas da lógica do raciocinar no discurso. Esse último operar, entretanto, não ocorre.” (Maturana, 1997a: 114)

A concepção expressa no trecho que acaba de ser citado tem várias implicações para nossa compreensão dos processos mentais (incluindo os processos inferenciais). Interessa-me apontar aqui principalmente o fato de que ela possibilita explicar de maneira consistente a relação entre os domínios corporal e mental, e explicar a dinâmica mental que resulta em comportamento comunicacional (tanto “ostensivo” quanto “inferencial”, para mencionar os termos em que a TR se refere à enunciação e à interpretação) sem nenhuma necessidade de recorrer a conceitos como representação e armazenagem de informações captadas, ou processamento computacional de representações simbólicas. Se recordarmos que Maturana define linguagem como uma forma específica de conduta (“coordenações consensuais de conduta de coordenações consensuais de conduta”, cf. Maturana, 1997b:168), perceberemos que sua perspectiva é compatível com a visão de comportamento lingüístico presente no trabalho de Skinner (cf. Skinner, 1957), duramente criticada por Chomsky e por toda uma geração de lingüistas formados nas primeiras décadas das ciências cognitivas, e recentemente reabilitada nos trabalhos de vários pesquisadores da linguagem (cf. Andresen, 1992). Esta última posição teórica implica em renunciar à busca da revelação dos processos mentais que originariam o comportamento lingüístico, e em vez disso leva a buscar a explicação desse comportamento na história de mudanças estruturais do organismo em interação com seu meio.

Neste aspecto, a concepção da BC sobre a relação entre mente e corpo evidenciada no trecho citado também se compatibiliza com a orientação explicativa não-teleológica da análise de comportamento. Note-se que na TR a origem do comportamento ostensivo está ligada à previsão de seus efeitos sobre o ouvinte, idéia que se sustenta na crença arraigada em nossa cultura de que a habilidade da fala é parte intrínseca de nossa essência humana;

“um axioma central na concepção dessa humanidade é particularmente difícil de abandonar: a saber, que o ser humano é um agente, em vez de uma localidade” (Andresen, 1990:149). A meu ver, está claro que esta é origem da carga de intencionalidade atribuída na TR ao comportamento do falante. Em contrapartida, a visão constitutiva dos processos biológicos proposta pela BC leva à concepção do ser humano como uma localidade onde se desenrolam processos que, conjugados, resultam no surgimento dos fenômenos comportamentais. É importante ressaltar que essa perspectiva, na qual também se insere a análise de comportamento proposta por Skinner, permite a explicação do comportamento lingüístico com uma notável economia conceitual e consistência teórica, pois não separa os comportamentos humanos dos comportamentos dos outros animais e propõe uma continuidade do comportamento verbal com todos os outros comportamentos humanos (Andresen, 1990:151). Como propôs Skinner no primeiro parágrafo de *Verbal Behavior*:

“Os homens agem sobre o mundo, e o modificam, e são por sua vez modificados pelas conseqüências de sua ação. Certos processos, que o organismo humano compartilha com outras espécies, alteram o comportamento de modo que este efetiva um intercâmbio mais seguro e mais proveitoso com um ambiente particular. Quando um comportamento adequado é estabelecido, suas conseqüências atuam por processos similares mantendo sua força. Se por acaso o ambiente muda, formas antigas de comportamento mudam, enquanto novas conseqüências constroem novas formas.”(Skinner, 1957:1)

Na opinião de Andresen (idem, ibidem), este é um dos *insights* duradouros de Skinner: o da “seleção por conseqüências”, na qual os comportamentos (tanto para a espécie quanto para os indivíduos) são selecionados e mantidos pelos seus efeitos, em uma dinâmica processual darwiniana. É preciso esclarecer que essa perspectiva de explicação do comportamento verbal não implica em que não haja enunciações originadas de uma reflexão sobre seus possíveis efeitos interacionais; o que se advoga, entretanto, é que tais casos resultantes de raciocínio sobre o futuro constituem apenas uma fração menor na totalidade de atos de conduta

verbal, que acontecem normalmente como reações irrefletidas no curso das interações conversacionais. A propósito, o conceito de *conversa*ção como definido na BC (Maturana, 1997b) mostra-se especialmente produtivo para abordar os processos de interação verbal, ao configurar linguajar e emocionar (este segundo sendo o fluir de disposições corporais dinâmicas que definem específicos domínios de ações possíveis ao indivíduo) como processos que se modulam reciprocamente sem se intersectarem (o que implica em que não há isomorfismo entre eles).

3. Problemas analíticos colocados por duas noções centrais da TR: *relevância e representação*

As considerações tecidas até aqui incluem algumas reformulações de definições conceituais da TR a partir da mudança de orientação teórica implicada na perspectiva da BC. Para facilitar a visualização das vantagens de caráter explicativo decorrentes dessa mudança, passo a um exame mais organizado de como alguns conceitos-chave da explicação de processos inferenciais fundada nas noções de relevância e de representação podem ser reformulados de maneira congruente com a compreensão dos processos biológicos oferecida pela conjugação da teoria de Maturana com as intuições provenientes da análise do comportamento.

a) Relevância

Em primeiro lugar, consideremos a noção mesma de *relevância* como fator orientador dos processos inferenciais. Segundo Alves, Sperber e Wilson partem “do princípio de que existe uma intuição do que seja relevância e que o ser humano tem como característica inerente à espécie a capacidade de distinguir cognitivamente entre informações relevantes e não relevantes” (Alves, 1996:188). Esta concepção é nitidamente essencialista, tomando a atribuição de relevância a elementos cognitivos simplesmente como uma capacidade dada. Uma alternativa a esta

visão é supor a sensibilidade à relevância não como algo inatamente inerente à mente humana, mas como efeito ontogenicamente desenvolvido resultante de uma história continuada de experiências em que inferências realizadas de certo modo específico foram seguidas por reações dos interlocutores que corroboraram tais suposições inferenciais – ou seja, resultaram em “um intercâmbio seguro e proveitoso” – reforçando assim essa maneira de selecionar elementos cognitivamente configurados. Esta explicação fundada na lógica da seleção por conseqüências permite ainda evitar a metafísica teleológica que fundamenta a noção de relevância:

“[A cognição humana] visa a incrementar a quantidade, qualidade e organização do conhecimento do indivíduo. Para realizar esta meta tão eficientemente quanto possível, o indivíduo deve a cada momento tentar alocar seus recursos de processamento à informação mais relevante: (...) informação provável de provocar maior incremento de conhecimento ao menor custo de processamento.” (Sperber & Wilson, 1996:465)

Como fica claro por esta citação, tal noção de relevância implica na postulação de uma avaliação sobre o grau de relevância de cada informação, que os autores assim descrevem:

“É altamente implausível que os indivíduos *calculem* o tamanho de efeitos cognitivos e esforços mentais. Em vez disso assumimos que a mente avalia seus próprios esforços e os efeitos destes monitorando mudanças psicoquímicas [sic] no cérebro.” (Sperber & Wilson, 1996:471)

A este respeito é flagrante a vantagem explanatória constituída pela explicação da BC, uma vez que esta – além de evitar a orientação teleológica recém mencionada – possibilita escapar do dualismo mente/corpo que obriga os autores a malabarismos conceituais sem nenhuma consistência empírica, como é o caso de se postular operações “psicoquímicas” (outro intermediário epistêmico) que ocorreriam no cérebro.

A explicação da seleção de comportamentos pelas suas conseqüências possibilita ainda rever o noção de “presunção de relevância ótima” ao nos permitir compreender a ocorrência de um comportamento verbal não como resultado de uma avaliação sobre sua relevância, mas da estabilização de formas específicas de comportamento ao longo da história de interações do falante. Isto tem importância fundamental no âmbito da explicação da TR, já que “o Princípio de Relevância é a tese de que todo ato de comunicação ostensiva comunica a presunção de sua própria relevância ótima” (Sperber & Wilson, 1996:472). Se a) compreendermos a origem do comportamento ostensivo da maneira argumentada acima, e se b) considerarmos que o fechamento operacional da estrutura física de falante e ouvinte acarreta que não há necessariamente isomorfismo entre seus respectivos processos mentais, podemos prescindir da presunção de relevância ótima e reformular tal Princípio de Relevância como sendo a tese de que:

- i) todo ato de comunicação ostensiva origina-se da seleção dos elementos cognitivos mais relevantes para o falante em função de sua história particular de interações verbais e de seu presente estrutural;
- ii) todo ato de comunicação inferencial origina-se da seleção dos elementos cognitivos mais relevantes para o ouvinte em função de sua história particular de interações verbais e de seu presente estrutural; e
- iii) o grau de efetividade comunicativa será função do grau de congruência entre suas histórias de interações verbais e entre suas disposições estruturais naquele instante.

Note-se que esta definição, ao fazer referência à disposição estrutural de cada participante da comunicação, traz à mão a inescapável presença do aspecto emocional na determinação das circunstâncias dos processos de significação, e deste modo permite inserir a análise da relevância no mesmo quadro teórico que inclui o conceito de cultura como um derivado do conceito de conversação (cf. Maturana, 1997b). Em outras palavras, esta reformulação do Princípio de Relevância inscreve-o de maneira precisa em um aparato teórico que possibilita a abordagem pro-

cessual de aspectos cognitivos e culturais da linguagem relacionando-os de uma forma conceitualmente bem definida e empiricamente consistente.

b) Representação

Consideremos agora as formulações de conceitos da TR derivados da noção de *representação*. Como já foi argumentado, essa noção é inadequada para a descrição de fenômenos cognitivos concernentes à interação entre organismo e meio; a proposta aqui defendida é, portanto, a de correlacionar experiências mentais específicas com estados de relações de atividade do sistema nervoso deflagrados ou de forma perturbacional nas interações do organismo, ou devido à própria dinâmica interna do sistema nervoso (cuja estrutura é operacionalmente imbricada com o restante da estrutura corporal). Ou seja, as reformulações propostas a seguir decorrem, entre outras modificações, da substituição do conceito de representação pelo de padrão de relações de atividade da rede neuronal. De saída já se pode notar que essa substituição implica uma mudança de um conceito de caráter estático, fixo, para outro de caráter dinâmico processual.

Em sua intenção de explicar os processos inferenciais pela referência às circunstâncias em que acontecem, Sperber e Wilson utilizam os conceitos de **contexto** e de **suposições contextuais**: “O conjunto de premissas usado na interpretação de um enunciado constitui o que é geralmente conhecido (...) como o contexto. Um contexto é um construto psicológico, um subconjunto das suposições do ouvinte sobre o mundo.” (Sperber & Wilson, 1996:462); uma suposição “é um conjunto estruturado de conceitos”, que por sua vez são os menores constituintes de natureza mental que representam o mundo (idem, 1995:85). Nestas passagens fica evidente a concepção representacionista originada do dualismo mente/corpo. Entretanto, se reformularmos tais noções à luz da concepção de mente e organismo proposta pela BC, podemos tratar os conceitos como as configurações de obje-

tos cognitivos, as suposições como correspondendo à experiência mental de disposições interacionais em relação a esses mesmos objetos, e o contexto inferencial como domínio de ações, como o conjunto de circunstâncias surgido da conjugação das suposições relativas a todos os objetos configurados no momento em que se processa a inferência ou interpretação de um enunciado. Esta redefinição permite explicar como as suposições e o contexto podem se modificar ao modificarem-se as circunstâncias cognitivas do indivíduo, a partir de mudanças em sua estrutura corporal (por exemplo, por uma alteração ocorrida em seu emocional, ou por efeito de substâncias psicotrópicas, ou ainda por alterações na estrutura de seu sistema nervoso devidas a lesões neurológicas). Ela implica também na compreensão de que o contexto inferencial não é escolhido (*chosen*) como afirmam os autores (Sperber & Wilson, 1996:471) – o que novamente sugere atribuição de intencionalidade ao comportamento comunicativo – e sim configurado de acordo com o determinismo estrutural e modulado pelas circunstâncias das operações cognitivas de distinção.

O conceito de **efeito contextual** – “essencial para uma caracterização da relevância (...) Uma suposição é relevante em um contexto se, e apenas se, tem algum efeito contextual nesse contexto” (idem, ibidem) – é proposto por Sperber e Wilson para descrever a variação observada nas suposições e contextos inferenciais:

“[Caracterizamos] três tipos de *efeito contextual* que o processamento de nova informação pode provocar: o primeiro (...) é a derivação de novas suposições como implicaturas contextuais; o segundo é o fortalecimento de suposições antigas; e o terceiro é a eliminação de suposições antigas em favor de novas suposições que as contradizem.” (Sperber & Wilson, 1996:470)

Os autores propõem explicações para cada um destes tipos, todas elas baseadas na noção de computações representacionais; comento inicialmente a relativa aos dois últimos. Esta explicação parte de uma “visão funcional” segundo a qual

“[a] confiança com que [uma] suposição é mantida – que chamaremos sua *força* – é um resultado de sua história de processamento (...) A força inicial de uma suposição depende da maneira pela qual esta é adquirida. Por exemplo, suposições baseadas em uma nítida experiência perceptual tendem a ser bastante fortes; suposições baseadas na aceitação da palavra de alguém têm uma força compatível com a confiança que se tem no falante; a força de suposições a que se chega por dedução depende da força das premissas das quais são derivadas. Além disto, pode ser que a força de uma suposição seja aumentada toda vez que ela ajude a processar nova informação e seja diminuída toda vez que ela torne o processamento de nova informação mais difícil. De acordo com esta visão, a força de uma suposição é uma propriedade funcional...” (Sperber & Wilson, 1996:468)

Esta explicação é interessante na medida em que se refere a aspectos de experiências mentais que nos são bastante familiares no curso de nossas interações; uma análise mais rigorosa, porém, levanta dificuldades conceituais importantes. Se suposições são representações mentais, como se constitui sua força ou fraqueza? Decorrem de diferentes tipos de processos representacionais? (Se sim, como se constitui cada um desses processos?) Devem-se a uma “gravação mental” mais “profunda” ou mais “superficial”? (Se sim, o que significam operacionalmente estes termos?) Note-se que aqui se evidencia novamente a inevitável imprecisão conceitual nascida do dualismo mente/corpo. Se, em vez desta explicação, lembrarmos a proposta da BC de compreensão desses dois conceitos, podemos supor que, em decorrência de condições estruturais do sistema nervoso (por exemplo, diferenças de organização processual entre estruturas neuronais ligadas a superfícies sensoriais e estruturas neuronais localizadas em tecidos cerebrais; e nestes últimos, diferenças entre estruturas neuronais ligadas a áreas predominantemente relacionadas às emoções – como o hipotálamo – e estruturas neuronais ligadas a áreas predominantemente envolvidas em atividades como o raciocínio lógico), um estado de relações de atividade da rede neuronal deflagrado por intensas perturbações cognitivas corresponda à experiência mental de uma suposição mais influente na configuração do contexto inferencial do que uma suposi-

ção correspondente a um estado de atividade neuronal ocasionado pela inferência realizada sobre enunciados verbais de outra pessoa, e que o grau de influência deste último possa variar em função da disposição interacional (emoção) que se tem em relação a tal pessoa. É uma explicação empiricamente plausível, constituída conceitualmente com a recursividade característica dos processos constitutivos dos seres vivos – o que inclui os fenômenos neuronais.

Já o primeiro tipo de efeitos contextuais mencionado no trecho citado – a derivação de novas suposições como implicaturas contextuais – pode ser explicada pela mesma recursividade estrutural dos processos neuronais. A noção de implicatura para Sperber e Wilson refere-se àquelas inferências realizadas sobre comportamentos ostensivos que não podem resultar apenas de traços conceituais “lingüisticamente decodificados” ou contextualmente inferidos. Assim, na terminologia proposta aqui, uma implicatura contextual consiste na experiência mental correspondente a um estado de relações de atividade neuronal resultante de um operar recursivo a partir de um padrão instável de atividade – incapaz, este último, de gerar uma experiência mental de compreensão inferencial. Essa instabilidade seria devida ao fato de o padrão estrutural do processo de sucessão de estados de atividade neuronal deflagrado pela audição de um enunciado não apresentar similaridade suficiente com outros padrões processuais neuronais já ocorridos no passado ontogênico da pessoa – numa descrição relativa ao domínio mental: a pessoa não identificar nenhum padrão lógico conhecido – e ao fato de as perturbações de origem cognitiva não acarretarem mudanças nas relações de atividade neuronal que, conjugadas àquelas decorrentes da audição do enunciado, resultassem num padrão estável de relações de atividade – numa descrição relativa ao domínio mental: os elementos percebidos no contexto não auxiliarem na compreensão do enunciado. A implicatura, nesta perspectiva, surgiria de um processo recursivo de derivações de suposições a partir de suposições, até o ponto em que se alcançasse um resultado inferencial cognitivamente estável. Ressalto que a habilidade de inferir

implicaturas é aprendida conversacionalmente, como quando uma criança aprende a interpretar ironias através de seguidas experiências nas quais configura salientes discrepâncias cognitivas entre o significado “literal” do enunciado interpretado e outros elementos circunstanciais a este associados (por exemplo, o tom de voz, ou “o estado de coisas no mundo” no momento em que o enunciado é proferido).

Esta explicação, incidentalmente, permite reformular também a distinção presente na TR entre o que Silveira e Feltes (1999) descrevem como “três níveis representacionais hipotetizados”:

- (i) nível da *forma lógica*, na dependência da decodificação lingüística;
- (ii) nível da *explicatura*, em que a forma lógica é desenvolvida através de processos inferenciais de natureza pragmática; e
- (iii) o nível da *implicatura*, que parte da explicatura para a construção de inferências pragmáticas.

(Silveira & Feltes, 1999:56)

De acordo com a descrição que propus acima, os níveis inferenciais elencados nesta citação podem ser explicados não como níveis representacionais mas como diferentes tipos de processos mentais correspondentes a diferentes níveis de recursividade no operar do sistema nervoso, como fluxo de transformações dos padrões de relações de atividade entre seus componentes. Tal perspectiva prescinde da postulação de diferentes módulos mentais para explicar as diferenças dos distintos modos de compreensão de significado, permitindo utilizar um mesmo aparato conceitual onde a perspectiva da TR leva à proliferação de conceitos. Pois segundo esta última, a comunicação verbal envolve dois tipos de processos: um baseado em codificação e decodificação envolvendo representações semânticas que são formas lógicas que nunca chegam à consciência, e o outro baseado em ostensão e inferência e tendo como *input* as formas lógicas produzidas no processo de decodificação (Sperber & Wilson, 1996: 474). Assim, a aplicação dos recursos teóricos da BC à explica-

ção dos processos em questão permite também neste aspecto uma desejável economia conceitual, possibilitando explicar a comunicação por uma teoria unificada, enquanto Sperber e Wilson, criticando Grice, argumentam que não se justifica a elevação de um modelo inferencial a uma teoria geral da comunicação, já que também participam da comunicação processos de decodificação que não têm base inferencial, mas servem de base para os raciocínios inferenciais (cf. Silveira & Feltes, 1999:26).

4. Conclusão

A Teoria da Relevância é um dos desenvolvimentos teóricos contemporâneos mais expressivos no campo dos estudos da comunicação e do significado. Sua proposta de uma análise circunstancializada dos processos inferenciais compatibiliza-se com preocupações atualmente presentes nesta área disciplinar, ao levar em consideração os aspectos cognitivos envolvidos na compreensão de enunciados lingüísticos e o caráter interacional da construção do significado. Desta maneira, introduz mudanças significativas em relação às propostas analíticas tradicionais.

No entanto, como procurei argumentar ao longo deste capítulo, a TR apresenta problemas diversos decorrentes de sua filiação epistemológica à tradição do pensamento ocidental. Estes problemas são solucionáveis através da reformulação de alguns de seus conceitos centrais e da lógica subjacente a eles. As principais dificuldades estão ligadas à noção de representação, que tem sido cada vez mais questionada por teóricos da linguagem, assim como a idéia de gramáticas formais mentalmente representadas; tais gramáticas são vistas por esses autores como projeções hipostatizadas ou abstrações reificadas do discurso construídas retrospectivamente, mas postuladas como pré-condições necessárias ao discurso (cf. Andresen, 1992). Lingüistas desejosos de descrever seus dados de maneira diferente da tradicional têm encontrado um caminho no tratamento da linguagem como comportamento, em vez de concebê-la como expressão de processos mentais. Esta mudança de abordagem tem conseqüências impor-

tantes, pois uma descrição não-representacional da linguagem leva a diminuir a ênfase sobre “estratégias cognitivas”; ao desaparecerem as representações, desaparecem também o mentalismo e o dualismo que tantas dificuldades conceituais têm historicamente colocado no caminho dos estudos científicos e filosóficos ocidentais (idem, ibidem).

É interessante notar que Skinner, o mais célebre (e, ao mesmo tempo, mais execrado) teórico do comportamento, fundamentalmente concordava com a abordagem do significado proposta pela TR: para ele, o significado não é uma propriedade de palavras ou proposições, e nem mesmo do comportamento verbal, mas das circunstâncias nas quais um comportamento ocorre (idem, ibidem). Como procurei demonstrar neste capítulo, um intercâmbio com a perspectiva comportamentalista pode se mostrar bastante fecunda para os estudos da compreensão comunicacional. “O primeiro desafio é, obviamente, construir pontes entre a terminologia lingüística e a terminologia de análise comportamental” (Andresen, 1992:303).

Neste sentido, meu principal objetivo aqui foi o de adiantar alguns pontos sobre como o emprego do aparato teórico da Biologia do Conhecer no exame das dificuldades conceituais presentes na TR pode ser um poderoso recurso na construção de uma dessas pontes. A proposta explicativa desenvolvida por Humberto Maturana possui pelo menos duas qualidades que a habilitam para ser utilizada neste trabalho de redescrição: a plausibilidade biológica (cada vez mais buscada por pesquisadores da linguagem) a ela conferida pela impecável aplicação de seu mecanismo explicativo básico – a autopoiese como definidora do fenômeno da vida – conforme um princípio de origem experimental – o determinismo estrutural – na explicação recursiva dos fenômenos observados no viver humano; e o seu grau de refinamento teórico que lhe permite abordar o comportamento sem os problemas tradicionalmente atribuídos à linha skinneriana. Com efeito, a BC tem sido chamada ora de teoria comportamentalista, ora de teoria da corporeidade – entretanto, o que ambas as denominações nos impedem de ver é justamente que o fulcro da BC con-

siste em mostrar como os domínios fisiológico e interacional estão relacionados, e derivar daí todas as suas explicações.

Para terminar estas considerações, cito ainda uma vez Sperber e Wilson:

“Ao avaliar uma nova abordagem da comunicação humana (...) as perguntas seguintes deveriam ser mantidas em mente. Como ela se compara com outras abordagens atuais em termos de explicitude, plausibilidade, generalidade e poder explicativo? Ela joga nova luz sobre os ricos e variados dados disponíveis a todos nós como indivíduos envolvidos na comunicação e nos dados mais estritos porém mais confiáveis coletados por pesquisadores? Ela sugere novas pesquisas empíricas? Ela é relevante para mais de uma das muitas disciplinas envolvidas no estudo da comunicação humana – lingüística, pragmática, filosofia, psicologia cognitiva, inteligência artificial, psicologia social, estudos literários, antropologia e sociologia – e poderia fomentar interações frutíferas entre elas?” (Sperber & Wilson, 1996:483)

Por todos os motivos expostos ao longo destas linhas, considero que uma abordagem analítica surgida da reformulação das questões de interesse central para a Teoria da Relevância à luz da perspectiva epistemológica constituída pela proposta explicativa da Biologia do Conhecer nos levaria a responder de maneira positiva à maior parte destas perguntas, se não a todas elas.

5. Referências Bibliográficas

- ALVES, Fábio. (1996) D. Sperber & D. Wilson, E.-A. Gutt e F. Alves: a Teoria da Relevância aplicada aos estudos da tradução. In: VIEIRA, Else (org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 1996.
- ANDRESEN, Julie. (1990) Skinner and Chomsky thirty years later. *Historiographia Linguistica*. Amsterdam, v. XVII, n. 1/2, p. 145-165.
- _____. (1992) The behaviorist turn in recent theories of language. *Behavior and Philosophy*. [s.l.], v. 20, n. 1.

- BATESON, Gregory. (1972) *Form, substance and difference*. In: *Steps to an ecology of mind*. New York: Ballantine Books.
- DAVIDSON, Donald. (1974) On the very idea of a conceptual scheme. In: *Inquiries into truth and interpretation*. Oxford: Claredon Press.
- MAGRO, Cristina. (1999) *Linguajando o linguajar: da biologia à linguagem*. Campinas: Instituto de Estudos Lingüísticos da UNICAMP. (Tese, Doutorado em Lingüística).
- MATURANA, Humberto. (1997a) Biologia do psíquico: onde está a mente? In: MAGRO, GRACIANO & VAZ (orgs.). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. p. 107-121.
- _____. (1997b) Ontologia do conversar. In: MAGRO, GRACIANO & VAZ, *op. cit.*, p. 167-181.
- _____. (1997c) Realidade: a busca da objetividade, ou a procura de um argumento coercitivo. In: MAGRO, GRACIANO & VAZ, *op. cit.*, p. 243-325.
- _____. (2001) Biologia do Conhecer e Epistemologia. In: MAGRO & PAREDES (eds.). *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- SILVEIRA, Jane & FELTES, Heloísa. (1999) *Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- SKINNER, B.F. (1957) *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- SMITH, Barbara. (1988) *Contingencies of value: alternative perspectives for critical theory*. Cambridge: Harvard Press.
- SPERBER, Dan & WILSON, Deirdre. (1995) *Relevance: communication and cognition*. Cambridge: Harvard University Press. 2 ed.
- _____. (1996) *Précis of Relevance: communication and cognition*. In: GEIRSSON, H. & LOSONSKY, M. (eds.) *Readings in language and mind*. Oxford: Blackwell.

PARTE 2

Aplicações

Capítulo 4

RELEVÂNCIA EM CONTEXTOS CULTURALMENTE MARCADOS: a semelhança interpretativa em pauta

Fábio Alves¹²

0. Introdução

Este capítulo apresenta parte das discussões, resultados e conclusões desenvolvidas no trabalho de doutorado de Alves (1995) intitulado *Zwischen Schweigen und Sprechen: wie bildet sich eine transkulturelle Brücke?*¹³. A pesquisa parte de uma revisão da vasta literatura que discute a dicotomia produto vs. processo no campo dos Estudos da Tradução (cf. Alves 1995, Bell 1991, Danks 1997, Königs 1987; 1990) e propõe uma análise do processo de tradução envolvendo informantes brasileiros e portugueses de forma a contrastar as semelhanças e diferenças de suas características cognitivas inseridas em contextos culturalmente marcados, quais sejam, no Brasil e em Portugal.

Citando controvérsias entre os conceitos de equivalência (cf. Catford 1965, Nida & Taber 1969) e funcionalidade (cf. Nord 1988, Reiß & Vermeer 1984), constata-se que nenhum deles conseguiu consolidar um conceito geral para fundamentar uma Teoria Geral da Tradução. Na revisão da literatura, percebe-se que este impasse conceitual remete a uma já célebre discussão entre lingüistas e antropólogos que procura identificar se é a cultura

¹² Professor do Departamento de Letras Anglo-Germânicas e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos da FALE-UFMG.

¹³ Entre o Silêncio e a Fala: como se constrói uma ponte transcultural?

que condiciona a linguagem ou se é a linguagem que determina a cultura¹⁴. Situado em território fronteiroço entre línguas e culturas diferenciadas, o campo dos Estudos da Tradução carece, ainda hoje, de um substrato epistemológico que consiga delimitar e definir as bases de seu objeto de estudo. Com o objetivo de discutir e ilustrar essas questões, este capítulo busca analisar a influência de contextos culturalmente marcados no processamento cognitivo de tradutores. Através da análise processual do desempenho de tradutores brasileiros e portugueses, procura-se verificar empiricamente como textos de chegada em português são influenciados – ou não – pela situação de recepção na qual encontram-se inseridos (cf. Alves 1995). Para tanto, faz-se uso da técnica de protocolos verbais com o intuito de investigar a ocorrência de semelhança interpretativa, como proposta por Gutt (1991), como força direcionadora dos padrões de tomada de decisão em curso durante o processo de tradução de textos do alemão para o português por parte de falantes nativos das variantes brasileira e européia do português.

1. Fundamentação Teórica

Ao fazer uma revisão sobre a literatura em tradução nas últimas três décadas, Alves (1995) cita Gutt (1991) e sua observação de que não existe um consenso em relação ao conceito de equivalência entre os teóricos da tradução. Complementando as análises feitas por Snell-Hornby (1988), Gutt argumenta que, em termos de uma teoria que explique os fenômenos tradutórios em geral, o conceito de equivalência é completamente inadequado, ou seja, não se pode postular que a tradução ocorra a partir da busca por equivalências uma vez que decisões de tradução sofrem uma influência direta de informações contextuais que, por sua vez, só se configuram com base em processos de cunho pragmático e sócio-interacionista. Por outro lado, Gutt também questiona a validade do conceito de adequação. Formulado por teóri-

¹⁴ Remete-se aqui o leitor aos trabalhos Benjamin Lee Whorf (1956) no que toca ao Princípio da Relatividade Lingüística.

cos funcionalistas, tais como as propostas feitas tanto por House (1981) quanto por Reiß & Vermeer (1984), os postulados do conceito de adequação baseiam-se em estruturas hierárquicas que transformam a tarefa de teorização em um trabalho quase impossível dado o enorme número de variáveis envolvidas. Gutt conclui que todos esses teóricos não chegam, portanto, a apresentar um conceito, seja ele lingüístico ou funcional, que realmente explique o que realmente venha a ser a tradução.

O impasse entre os conceitos de equivalência e adequação levou outros teóricos da tradução (cf. Bell 1991, Lörscher 1991, Krings 1986, Königs 1987, entre outros) a procurar investigar a natureza do processo tradutório como forma de preencher essa lacuna conceitual. Através deles, os Estudos da Tradução progrediram muito por meio de uma mudança paradigmática que, ao invés de analisar o produto de uma tradução, passou a focar o seu processo. Em outras palavras, os Estudos da Tradução passaram por uma mudança de foco ao trocarem uma abordagem descritivo-classificatória em favor de uma abordagem processual. Desta forma, tornou-se possível prosseguir com a investigação científica na área buscando uma abordagem que investigasse aspectos cognitivos do processo de tradução.

Contudo, a abordagem cognitiva não conseguiu, isoladamente, explicar adequadamente processos de contextualização pragmática em situações de tradução. Fazia-se, portanto, necessária uma abordagem que fundisse a análise de processos cognitivos com a investigação de questões correlatas à Pragmática, agrupando fatores cognitivos e sócio-interacionistas e incorporando-os às especificidades dos Estudos da Tradução. Os trabalhos de Gutt (1991) e Alves (1995), baseados na Teoria de Relevância para a comunicação proposta por Sperber e Wilson (1986), oferecem propostas de análise possibilitando que este objetivo possa a ser alcançado.

1.1. A Noção de Semelhança Interpretativa

Insatisfeito com o impasse teórico verificado através do antagonismo conceitual entre equivalência e adequação, Gutt

(1991) propõe-se a apresentar uma solução alternativa ao problema. Para tanto, desenvolve o conceito de semelhança interpretativa para a tradução a partir da noção de uso interpretativo para a comunicação, proposta a partir da Teoria de Relevância. Viu-se no capítulo 1 deste livro que, segundo o princípio de Relevância, em termos de representações mentais a comunicação humana configura-se através de dois tipos de uso lingüístico, quais sejam, o uso descritivo e o uso interpretativo. O uso descritivo verifica-se através da relação entre uma representação mental ou um conjunto de representações mentais e relações materiais. Por sua vez, o uso interpretativo das representações mentais decorre das relações entre duas dessas representações, quais sejam, relações que compartilhem propriedades lógicas. Conseqüentemente, Gutt postula que o uso interpretativo pode gerar uma semelhança entre formas proposicionais distintas que tenham propriedades lógicas em comum. Esta é a base do conceito de semelhança interpretativa, que pode ser definido como sendo o resultado do efeito contextual resultante das interfaces entre duas formas proposicionais que compartilhem de algumas propriedades. Neste sentido, Gutt afirma que:

“Uma propriedade essencial das formas proposicionais é que elas têm propriedades lógicas: em virtude dessas propriedades lógicas, podem se contradizer, implicar-se mutuamente ou estabelecer outras relações lógicas entre si. Uma vez que todas as formas proposicionais têm propriedades lógicas, duas formas proposicionais podem ter algumas propriedades lógicas em comum. Conseqüentemente, podemos dizer que as representações mentais cujas formas proposicionais compartilhem algumas propriedades lógicas *assemelham-se* em virtude dessas propriedades lógicas compartilhadas por elas. Esta semelhança entre formas proposicionais é chamada de *semelhança interpretativa*.” (Gutt 1991:34, tradução do autor)

Segundo a TR, um enunciado consiste de explicaturas e implicaturas. As explicaturas de um enunciado correspondem às formas proposicionais derivadas daquele enunciado. Após o processamento lexical, sintático e semântico de um enunciado, este passa a configurar em uma representação mental. A TR cha-

ma este tipo de representação mental de forma proposicional. No nível pragmático, a forma proposicional corresponde à explicatura, ou seja, é equivalente ao componente linguisticamente explícito de um enunciado. Por outro lado, as implicaturas de um enunciado correspondem às suposições derivadas da interação entre a forma proposicional daquele enunciado, ou seja, de sua explicatura, com o conjunto de suposições disponíveis nos ambientes cognitivos dos interlocutores, vindo a configurar o que a TR classifica de contexto inferencial. Cabe ressaltar que as inter-relações estabelecidas entre explicaturas e implicaturas são extremamente importantes na proposta feita por Gutt. Levando-se em consideração que uma tradução tem de ser expressa necessariamente através de enunciados que veiculem no texto de chegada tanto as explicaturas quanto as implicaturas presentes no texto de partida, Gutt afirma que:

“(...) considerando-se ainda que o principal objetivo dos enunciados é veicular um conjunto de suposições que o comunicador intenciona veicular, parece razoável definir semelhança interpretativa entre enunciados em termos das suposições compartilhadas pelas interpretações pretendidas por esses enunciados. Uma vez que o conjunto de suposições que um enunciado intenciona veicular consiste de explicaturas e/ou implicaturas, podemos dizer que dois enunciados, ou ainda mais generalizadamente, dois estímulos ostensivos, assemelham-se interpretativamente na extensão das explicaturas e/ou implicaturas que compartilham.” (Gutt 1991:44, tradução do autor)

À luz dessas considerações, torna-se importante destacar que o conceito de semelhança interpretativa, proposto por Gutt, não se restringe apenas ao processo de tradução, mas aplica-se a processos comunicativos em geral. O processo de atribuição de semelhança interpretativa a um enunciado, ou a uma tradução, extrapola o âmbito dos processos tradutórios, ocorrendo também em processos de comunicação em geral. Observa-se também que a existência de duas formas proposicionais, uma na língua de partida e outra na língua de chegada, é condição necessária, mas não suficiente para a realização do processo de tradução. A síntese, a análise e a busca e atribuição de semelhança interpretativa

entre tais formas ocorrem dentro de um contexto em que as suposições derivadas dos “enunciados não-verbais” têm uma influência determinante nos processos mais gerais.

Em contextos de tradução, o princípio de Relevância, respaldado pela noção de semelhança interpretativa, orienta tanto a configuração do contexto quanto a produção de implicaturas. Ao regular o limite das suposições através da otimização da relação entre o maior efeito contextual com o menor esforço processual, Gutt propõe que a tradução caracteriza-se pelo uso interpretativo interlingual. Em outras palavras, a essência do processo tradutório é a busca e atribuição de semelhança interpretativa entre duas formas proposicionais derivadas de dois sistemas lingüísticos distintos.

Completando as afirmações de Gutt, Alves (1996:85) ilustra este processo através da figura 1 abaixo:

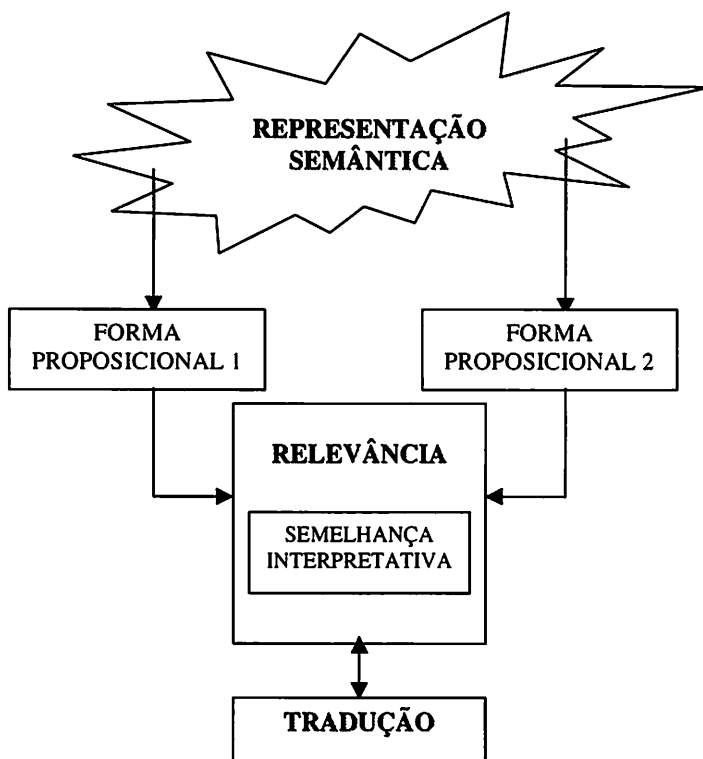


Figura 1

A partir desta proposta gráfica, Alves argumenta que:

“A decisão tradutória explica-se, então, não pela busca de equivalentes funcionais ou pela definição de objetivos hierárquicos, mas sim pela noção de semelhança interpretativa. Partindo do princípio de que as diferentes unidades de um dado texto de partida são representações mentais que se dividem em representações semânticas e formas proposicionais, o processo tradutório é caracterizado como a busca mental de uma semelhança interpretativa para uma dada representação semântica através de duas formas proposicionais – uma na língua de chegada e outra na língua de partida. Essas duas formas proposicionais dividem entre si uma semelhança interpretativa. A decisão tradutória ocorre quando o tradutor, dentro de suas características individuais de proficiência lingüística e experiência profissional, ‘toma a decisão’ de ter encontrado, não no nível da funcionalidade ou de objetivos hierárquicos, mas em um nível mais profundo, a semelhança interpretativa entre duas formas proposicionais oriundas de uma mesma representação semântica.” (Alves 1986:85)

Com base na TR, poder-se-ia dizer, portanto, que o tradutor busca um efeito contextual entre uma forma proposicional 1 na língua de partida e sua provável contrapartida na língua de chegada, qual seja, uma forma proposicional 2. Detona-se, assim, um processo de tomada de decisão. Em outras palavras, o que faz um tradutor decidir-se por uma determinada tradução em favor de outras possíveis alternativas pode ser explicado como o resultado de uma semelhança interpretativa de um grau subjetivamente mais elevado entre a unidade de tradução na língua de partida e uma alternativa favorável na língua de chegada. Para o tradutor, a decisão adotada é aquela que, subjetivamente, possui a semelhança interpretativa mais forte capaz de expressar tanto as explicaturas quanto as implicaturas presentes no texto de partida com a menor perda de significado quando comparada a outras possíveis alternativas.

Poder-se-ia, então, afirmar que os processos cognitivos de tradutores são direcionados de duas maneiras distintas que se sobrepõem, como interfaces, para otimizar os processos de solução de problemas e tomada de decisão ao longo de uma tradução. De um lado, opera-se linguisticamente através de algoritmos

computacionais; de outro lado, opera-se contextualmente através de restrições pragmáticas culturalmente marcadas. No estabelecimento de decisões de tradução, as restrições lingüísticas interagem com decisões contextualizadas, respaldadas por restrições pragmáticas. As tomadas de decisão no decorrer do processo de tradução são feitas com base na semelhança interpretativa que funciona como balizadora das restrições pragmáticas entre uma forma proposicional na língua de partida e sua forma proposicional correspondente na língua de chegada.

Para fins de comprovação empírica das reflexões teóricas aqui apresentadas, desenvolver-se-á na seção 3 deste capítulo uma análise respaldada pela metodologia descrita a seguir.

2. Aspectos Metodológicos

Os dados utilizados neste capítulo fazem parte do corpus coletado entre 24 tradutores, quais sejam, 12 informantes brasileiros e outros 12 portugueses, e compõem o material de análise apresentado em sua totalidade em Alves (1995). Estes dados foram coletados através da técnica de protocolos verbais, também conhecidos como protocolos de introspecção. Pediu-se aos informantes que, na medida do possível, verbalizassem todos os pensamentos que lhes ocorressem durante suas traduções. Suas falas foram gravadas por intermédio de um mini-gravador Olympus Pearlcorde S922 e posteriormente transcritas. Os 24 informantes foram escolhidos de acordo com diferentes graus de competência lingüística em língua alemã e também com base em competências tradutórias diferenciadas. Tanto os 12 brasileiros quanto os 12 portugueses dividiram-se respectivamente em quatro subgrupos de quatro membros cada, quais sejam, um primeiro subgrupo de tradutores profissionais; um segundo subgrupo com informantes com alto grau de proficiência em alemão, mas sem qualquer experiência com tradução; um terceiro subgrupo com estudantes do final de sua formação acadêmica em tradução, e, finalmente, um quarto subgrupo com estudantes no início no início de sua trajetória acadêmica em tradução. Obedecendo a um

intervalo máximo de 48 horas entre cada tarefa, os 24 informantes traduziram do alemão para o português dois textos do prospecto *Wasserfreude für Wasserfreunde*¹⁵. Apresenta-se neste capítulo excertos do corpus utilizando em Alves (1995) que evidenciam a busca por semelhança interpretativa entre os tradutores brasileiros e portugueses. Os trechos selecionados são grafados em itálico na forma original como foram transcritos e são numerados no texto de acordo com sua ordem de apresentação. Os indicadores entre parênteses referem-se à inserção dos trechos em Alves (1995).

3. Análise qualitativa: a semelhança interpretativa em pauta

Para fins de análise, optou-se por trabalhar neste capítulo apenas com a tradução de sintagmas nominais do alemão para as variantes brasileira e européia do português. Com o intuito de traçar os parâmetros utilizados da análise do corpus, apresenta-se inicialmente, a título de exemplificação, a análise de alguns substantivos compostos alemães disponíveis no corpus de Alves (1995), observando-se os aspectos processuais referentes às suas traduções para o português.¹⁶

Em uma tentativa de estabelecer uma regra de processamento morfológico para a tradução de substantivos compostos alemães para o português, um dos informantes em Alves (1995:155) apresentou a seguinte verbalização:

(1) *Essas palavras compostas também são um problema.... [...] Xeu ver aqui... Löwenzahnblatt. Xeu me lembrar de uma outra palavra composta aqui... Xeu lembrar... Blatt é folha, zahn é dente e Löwe é leão: folha de dentes de leão. É. Eu vou deixar assim mesmo... Folhas de dente de leão. É. Eu vou deixar... Assim mesmo.*

¹⁵ Em português, “O Prazer na Água para os Amigos da Água”.

¹⁶ Remete-se aqui o leitor a Alves (2000) para uma análise mais detalhada dos dados aqui apresentados.

Percebe-se que, em suas tentativas de determinar as regras de processamento morfológico deste substantivo composto alemão e, conseqüentemente, daquelas válidas para sua tradução para o português, o informante fez uma comparação entre o substantivo alemão *Löwenzahnblatt* e sua forma processual inversa em português, ou seja, folha de dentes de leão. Em função das análises feitas em Alves (1995), sugere-se inicialmente uma regra básica de processamento morfológico representada pelo seguinte algoritmo:

[1 + [2 + [3 + (n)]]] em língua alemã = [(n) + [3 + [2 + 1]]] em língua portuguesa.

Explicitando o processamento morfológico, percebe-se que *Löwenzahnblatt* tem uma estrutura morfológica equivalente a [Löwen (1) + [Zahn (2) + Blatt (3)]] e foi traduzido pelo informante na ordem inversa do alemão para o português como sendo [[(Blatt) (3) + (Zahn) (2)] + (Löwe) (1)], ou seja, como [[Folha (3) + Dente (2)] + Leão (1)]. Contudo, apesar da composição por justaposição ser um processo morfológico muito rico na língua alemã, o mesmo não ocorre em português. Tem-se, portanto, que a tradução de substantivos compostos do alemão para o português, independente da forma seqüencial descrita acima, nem sempre mantém sua forma morfológica original quando traduzida para a língua de chegada, ou seja, para o português. Neste contexto, é necessário ater-se a outros processos de composição morfológica e, na maioria das vezes, resolver problemas de tradução com alternativas outras que o simples processamento morfológico do substantivo composto. Com o objetivo de elucidar o problema, examina-se, a seguir, alguns exemplos de traduções de substantivos compostos alemães para o português:

Schiffsmodellbauclub (Clube de construção de modelos de barco)

(2) *É! Schiffsmodell é, é o mesmo Modell? É aquele, mesma coisa que aeromodelismo, mas é pro barco? A gente fala barco-modelismo? Como se fala isso em português? /// Não existe. Aeromo-*

delismo tem. Tem pra trem também. Como é que se chama em português? Tem até um nome isso. Tem. Ai meu Deus. Modellbauclub. Zugmodellbau. Em Campinas tem um imenso, que era um parque... Era um parque de Darmstadt. Zugmodellbauclub, Bauclub. Aeromodelismo.

(3) *Schiffsmodellbauclub. Como é que pus aqui. Construção de navios em miniatura. O clube de construção de navios em miniatura. Não estou a lembrar de nenhuma designação. Acho que não há! Existe aeromodelismo. Naviomodelismo? Hi, neologismo! Ah, vai ficar assim.*

Nas verbalizações (2) e (3), apesar da tentativa de inversão da ordem vocabular do substantivo composto alemão em português, verifica-se uma dificuldade de contextualização do item lexical no texto de chegada devido à inexistência de uma alternativa convencionalizada em português para o substantivo composto *Schiffs + Modell + Bau + Club*, ou seja, o “*clube de construção de modelos de barco*”. Com base nas transcrições (2) e (3), percebe-se que os informantes pautaram-se por informações contextuais para processar significativamente o substantivo e alcançar, assim, uma decisão de tradução.

Wellenfreibad (Piscina com ondas artificiais ao ar livre)

(4) *Wellenfreibad. É Wellen-Freibad ou Wellenfrei-Bad?*

Observa-se nesta verbalização um rompimento com a regra sugerida em (1). Inicialmente a manutenção da ordem seqüencial inversa geraria, em português, uma forma correspondente a “*piscina ao ar livre com ondas*”. Nota-se, porém, entre os informantes em Alves (1995) uma tendência a preferir a forma “*piscina com ondas ao ar livre*”. Há também necessidade do uso de um adjunto adverbial de lugar (ao ar livre) no lugar do adjetivo (*frei*) alemão e de um indicador instrumental através da preposição “*com*” em português (com ondas), inexistente no alemão, para que seja possível a tradução do substantivo alemão *Wellenfreibad* em português. Alguns outros informantes preferem substituir a localização adverbial “*ao ar livre*” e, em seu lugar,

remeter ao adjetivo “*artificial*” traduzindo o substantivo como “*piscina de ondas artificiais*”. Finalmente, outros informantes, neste caso em menor número, consideram como decisão de tradução apenas “*piscina com ondas*”. Em todas as traduções, parece tratar-se de casos de adequação pragmática que terminam por interferir na regra de ordem vocabular sugerida acima. Resumidamente, as informações contextuais disponíveis nos ambientes cognitivos dos tradutores direcionam o processamento inferencial e levam a traduções individualmente marcadas.

Westufer (Margem oeste)

(5) *Aqui eu realmente não entendi direito o que é esse Westufer. Dividi. Deu Stufe, We-Stufe, não! Não entendi direito.*

Observa-se em (5) acima uma tradução relativamente simples com um alto nível de adequação à regra de inversão na composição morfológica da tradução em português. Contudo, percebe-se também que no nível polissêmico existem duas outras alternativas viáveis para sua tradução, quais sejam, “*margem ocidental*” e “*margem direita*”. Nota-se, portanto, uma necessidade adicional de se definir regras de priorização hierárquica com vistas à ocorrência de polissemia na tradução de substantivos compostos alemães para o português. Como no exemplo da “*piscina com ondas*”, a opção por “*margem direita*” configura-se como mais congruente com o uso lingüístico em português. Nas verbalizações dos tradutores, as informações contextuais disponíveis em seus ambientes cognitivos parecem direcionar o processamento inferencial e levam, conseqüentemente, a traduções marcadas por características relativas ao uso lingüístico. Em outras palavras, as verbalizações parecem indicar que a contextualização pragmática requer dos tradutores, após o processamento morfológico do substantivo composto, um esforço cognitivo adicional para melhor adequá-lo ao texto, à língua e à cultura de chegada.

Freizeitkapitänen (Capitães do lazer)

Abordando com maiores detalhes alguns exemplos da tradução para o português do substantivo composto *Freizeitkapitänen*, percebe-se, através das verbalizações dos informantes, que este SN foi processado retrospectivamente por meio da estrutura [{Frei + Zeit + (Kapitän + en)}], ou seja, [{livre + tempo + (capitão + marcador de plural)}]. Em outras palavras, seguindo a regra de inversão morfológica, tem-se, literalmente, “*capitães de tempos livres*” em português. Como para *Löwenzahnblatt*, analisado anteriormente, a tradução deste substantivo tem como restrição morfológica a necessidade de que ele seja processado através da inversão da ordem original em alemão dos substantivos que compõem este SN. Enquanto que em alemão o padrão de formação morfológica é ESPECIFICADOR + NÚCLEO, em português este padrão é oposto, ou seja, NÚCLEO + ESPECIFICADOR. Trata-se de uma restrição básica para a tradução de tais itens lexicais do alemão para o português. Contudo, ao analisar os dados disponíveis, torna-se claro que a tradução literal, observando esta restrição, foi processada apenas em uma fase preliminar. Os informantes processaram a unidade de tradução desta forma para, a seguir, trabalharem em uma tradução orientada para sua contextualização na língua e na cultura de chegada. Apoiaram-se, sobretudo, em mecanismos inferenciais direcionados por seus respectivos ambientes cognitivos para atingirem a contextualização desejada da unidade de tradução em seus textos de chegada, como ilustram as transcrições a seguir:

(6) ...*capitães amadores. É melhor que capitães dos tempos livres, ou do lazer. Isso não existe. Capitães amadores faz mais sentido.*

(7) *ou... também [em Portugal] se brinca às vezes com as crianças dizendo que são capitães-de-água-doce, que não são capitães assim a sair, que não vão para o mar. Tem as duas conotações.*

Percebe-se, assim, um fator adicional que transcende as características estritamente ligadas ao processamento morfo-sintático do substantivo composto alemão. Em sua segunda fase, o processo de tradução passa a ser direcionado pela contextualização

zação pragmática do item em questão. Neste sentido, o substantivo alemão *Freizeitkapitänen*, pode ser traduzido para o português como “*capitães dos tempos livres*”, “*capitães do lazer*”, “*capitães amadores*” e “*capitães de água doce*”.

Em suas verbalizações, os informantes mostraram ter procurado, a partir das informações contextuais disponíveis em seus ambientes cognitivos, por um efeito contextual entre as línguas de partida e de chegada e somente se deram por satisfeitos quando encontraram uma semelhança interpretativa entre duas formas proposicionais nas bases do que é sugerido por Gutt. As verbalizações abaixo ilustram o funcionamento de seus mecanismos inferenciais:

(8) *Freizeitkapitänen... O que poderia ser? Ah! Capitães do lazer! Ótimo! Isso! Capitães do lazer!*

(9) *Capitães amadores fica melhor que capitães dos tempos livres ou capitães do lazer. Isso não existe! Capitães amadores faz muito mais sentido*

(10) *Esses Freizeitkapitänen... Os capitães... Freizeitkapitänen... Quando alguém não sabe navegar ou só faz por brincadeira, dizemos [em Postugal] que ele é um capitão de água doce. É isso! É exatamente o que eles querem dizer! Fica capitães de água doce!*

Para traduzir *Freizeitkapitänen*, todos os 24 informantes, portugueses e brasileiros, utilizaram-se de processos mentais semelhantes para a decodificação e posterior recodificação desta unidade de tradução, (UT). Contudo, como atestam as transcrições (8) e (10), quase 50% dos informantes portugueses decidiram-se pela expressão “*capitães de água doce*” com a justificativa de que, contextualmente, os *Freizeitkapitänen* em questão navegavam barcos em miniatura ao praticarem modelismo náutico e não eram, portanto, capitães de verdade. Segundo afirmaram em suas verbalizações, em Portugal, quando se quer dizer que alguém é capitão de brincadeira, chama-se a esta pessoa de “*capitão de água doce*”. Esta escolha lexical não foi objeto de consideração por nenhum dos informantes brasileiros. No con-

texto cultural brasileiro, o termo “*capitão de água doce*” não carrega as mesmas conotações semânticas que aquelas mencionadas pelos informantes portugueses. Configura-se, portanto, uma evidência do uso do conceito de semelhança interpretativa dentro de contextos culturalmente marcado. Ao mesmo tempo que justifica a tradução de “*capitães de água doce*” entre os informantes portugueses, a semelhança interpretativa caracteriza-a como inverossímil para seus pares brasileiros.

Wasserraten

Dois outros exemplos de traduções de substantivos compostos revelam esta mesma orientação processual por parte dos informantes. O substantivo alemão *Wasserraten* foi traduzido como “*ratos d’água*”, “*fanáticos nadadores*”, e “*patinhos*”. As verbalizações (11), (12) e (13) mostram, respectivamente, como as decisões de tradução foram tomadas somente após uma segunda etapa na qual o tradutor preocupou-se com a contextualização da UT na língua e na cultura de chegada:

(11) *Wasserraten se parece com Leserraten que são ratos de biblioteca, ou seja, aquelas pessoas que adoram ler. Vou deixar mesmo ratos d’água. São pessoas que gostam muito de brincar na água.*

(12) *Depois, a outra dúvida aqui... Esse foi aqui nessa palavra Wasserraten, eu resolvi traduzir como fanáticos nadadores, sei lá se fosse traduzir ao pé da letra seria rato de água, ratos de água, mas acho melhor traduzir por fanáticos nadadores.*

(13) *Ah, mais ou menos como eu pensava para Wasserraten. Aqui [em Portugal] também se chama um patinho, um peixinho, ou... ou assim. Pelo menos é o que se diz às crianças quando passam o dia na água... quando vão à praia. É um patinho, um peixinho... Pois bem, são patinhos.*

Os resultados da análise parecem indicar, através de análises quantitativas e qualitativas, que o tipo de influência cultural ilustrado pelos exemplos acima é um fato recorrente nas

verbalizações de todos os informantes. Existe um índice de semelhança próximo a 100% na forma de utilização de estratégias cognitivas e meta-cognitivas entre os informantes brasileiros e portugueses. Seus mecanismos inferenciais e seus processos de tomada de decisão são também muito parecidos. Contudo, em termos de tomada de decisão tradutória, a diferença entre os informantes brasileiros e portugueses é nítida quando eles contextualizam esses processos mentais em seus textos de chegada. A quantidade de exemplos semelhantes no corpus analisado ocorre não apenas no nível lexical, mas também nos níveis morfo-sintático, semântico e pragmático tendo as variantes europeia e brasileira do português como línguas de chegada.

Cabe ressaltar que as opções de tradução encontradas em (8) e (10), quais sejam, “*capitães de água doce*”, e em (13), com “*patinhos*”, ocorreram apenas entre os informantes portugueses. São evidências de que as informações contextuais disponíveis nos ambientes cognitivos dos tradutores portugueses atuaram por intermédio de características culturalmente marcadas, resultantes do uso lingüístico específico na variante europeia do português. É interessante enfatizar que o papel desempenhado pela semelhança interpretativa estende-se por todo o texto, em seus níveis macro e micro-textuais; ocorre em processos de contextualização tanto no nível da palavra quanto no da sentença; permeia as decisões dos tradutores em todos os seus níveis e nuances.

Com o intuito de salientar um pouco mais esta argumentação, apresenta-se, a seguir, alguns exemplos de traduções do alemão para o português de combinações de adjetivos e substantivos. São eles *passende Flotte, flotte Rhythmen, beliebste Ausflugsziele, stattliche Wettkampfmasse, brausende Gischt e klirrender Frost*. Nota-se que inexistem correlações semânticas entre as combinações de adjetivo e substantivo na língua alemã e suas possíveis contra-partidas em português. Cabe aos tradutores procurar por soluções que preservem, de alguma forma, as marcas lingüísticas e contextuais veiculadas pelo texto de partida. Observa-se na análise das transcrições que tanto os informantes portugueses quanto os brasileiros pautaram-se por processos

bastante semelhantes àqueles relatados acima para as traduções de substantivos compostos. Apesar de, em uma primeira fase, processarem as unidades de tradução em seus aspectos morfo-sintáticos e semânticos, as decisões de tradução só emergem quanto contrastadas às informações contextuais disponíveis nos ambientes cognitivos dos tradutores. A título de exemplificação, apresenta-se, a seguir, pares de verbalizações dessas combinações de adjetivos e substantivos contidas no corpus de Alves (1995). As verbalizações (14), (16), (18), (20), (22) e (24) referem-se a informantes portugueses, enquanto que as verbalizações (15), (17), (19), (21), (23) e (25) são relativas aos tradutores brasileiros.

Die passende Flotte

(14) [flo:te] Frota, armada. *Que giro! Ah! Como é que não fui me lembrar? [flo:te] é isso mesmo! É armada, é frota. Frota também. É frota! A espe, a respectiva frota... É adequada, passend, é adequada. (P220)*

(15) *Aqui eu resolvi traduzir die [passen'de] [flote]. Essa aqui eu fiquei na dúvida também. Mas no fim eu resolvi chegar nessa diversão oportuna aqui, porque eu também consultei o dicionário. /// Ai no dicionário falava que [flo:te] é, pode ser alegria, prazer, diversão e o [passende] ai, né, tá no partizipl do [passend'] que poderia ser oportuno, propicio e tal. Então resolvi mudar mais ou menos as palavras e colocar [flo:te] como diversão, mas ai tá ligado à alegria, prazer, diversão e o [passen'de] ai oportuno, né, propícia, talvez até uma palavra mais coloquial. Ficou meio formal esse oportuna aqui. (B219)*

Flotte Rhythmen

(16) *Ao som, ao som de ritmos... Floten, flotten... assim também com essas indicações... Não. Flott, ligeiro, apressado, rapidinho. Ai! Tantas palavras, meu Deus! Pois é... (P251)*

(17) *Num, num som dançante. Ai eu fiquei na dúvida se zu flotten Rhythmen, ai eu traduzi por ritmos ágeis, tipo ligeiro, rápido, desembaraçado, ágil. (B252)*

Beliebteste Ausflugsziele

(18) *Beliebtesten... Vamos ver o que é... Mais agradáveis? Talvez... mais agradáveis! Embora acho uma palavra um pouco forte. Tenho a sensação que beliebtsten tem uma carga mais... pois, pronto. Para uma primeira tradução... (P213)*

(19) *É, esse beliebtsten Ausflugsziele, esse aqui eu traduzi como adoráveis passeios... É, eu achei que, é, o Aus-, Ausflugsziele eu resolvi colocar só passeios pra ficar mais leve assim, sei lá, mais comercial, e o beliebtsten eu resolvi colocar adorável assim, pra ficar mais sedutor. (B214)*

Stattliche Wettkampfmaße

(20) *A maioria das piscinas tem, ai, como se diz?, olímpicas? Não, não é olímpicas! Tem medidas oficiais, não! /// Melhor assim, de competição. Com-pe-ti-ção! Há uma expressão que se diz, é de tamanho olímpico, tamanho de competição. (P222)*

(21) *A maioria das piscinas tem consideráveis medidas de competição. Não, impressionantes. /// Vou tirar isso aqui e colocar simplesmente, a maioria das piscinas tem dimensões olímpicas. É a mesma coisa. Acho que até melhor em português. (B225)*

Brausende Gischt

(22) *Tenho que ver o que é brausend... Eu sei o que é brausend, mas não tou lembrando o que era. ... Ai! Brau... É isso! Vamos lá ver... Agora tenho que arranjar um, espuma estrondosa /// Como é que se diz? Hum, ruidosa. Ah, ruqeosa! Espuma ruidosa. Não está mal. Espuma ruidosa. (P244)*

(23) *Aqui tá brausend. Brausend tá ruidosa. É? Tinha que ser a palavra mesmo. Barulhinho...Ruidosa fica feio. Dramático, horroroso. Estrondosa não é. /// Espuma não é estrondosa. Ruidosa. Não gosto. Isso aqui eu procuraria um professor de português e perguntaria pra ele qual que é o barulhinho. Tem uma palavra. Tenho certeza. (B245)*

Klirrender Frost

(24) *Mesmo que lá for a klirrender Frost... Deve ser... Frio de rachar... Ou coisa assim... Klirrender Frost... Frio de rachar? Capaz... Kli, kilr, klirr... Isso não tem aqui. Uma palavra dessas também... (P236)*

(25) *Aqui tem um klirrend aqui que é tilintar. Quando um copo quebra, faz aquele barulho. Eu não sei como eu falo isso em português. Se esse adjetivo. Isso em adjetivo... ??? Mas tilintante, eu não vou colocar isso aqui. Fica horrível! (B239)*

Encerrando a análise aqui desenvolvida, apresenta-se um último exemplo. Sua principal característica diz respeito a aparentes contradições processuais entre os tradutores brasileiros e portugueses.

Die MS Kemnade, ein schmuckes, weißes Fahrgastschiff

(26) *O MS Kemnade, um agradável barco de passeio branco. Não, não gosto. Vou tirar o branco. O barco vai virar incolor. Não faz mal. Não fica bem. (P217)*

(27) *... um schmuckes, weißes Fahrgastschiff... Aqui dá pra fazer uma aliteração que eu gosto, um bonito barco branco, be, be, be. Eu gosto. Um bonito barco branco. (B216)*

Enquanto que o sintagma nominal alemão *ein schmuckes, weißes Fahrgastschiff* foi traduzido por alguns dos informantes brasileiros como “*um bonito barco branco*” numa tentativa explícita de criar em português uma aliteração inexistente no original, um dos informantes portugueses tentou traduzir este mesmo SN como “*um agradável barco de passeio branco*”. Logo a seguir, como desdobramento do seu processamento inferencial e da contextualização da UT no texto de chegada, este informante recusa-se, também de forma explícita, a traduzir o adjetivo *weiß* (branco) com a argumentação de que “*não, não gosto. Vou tirar o branco. O barco vai virar incolor. Não faz mal. Não fica bem*”. Cabe ressaltar que este índice de recusa em traduzir o adjetivo

weiß foi superior a 60% entre os informantes portugueses e nulo entre seus pares brasileiros. As verbalizações (26) e (27) deixam claro como as informações contextuais culturalmente marcadas têm uma “força de verdade” superior àquelas individualmente marcadas que lhes permite, portanto, atuar como direcionadoras dos processos inferenciais dos informantes. Perguntados posteriormente sobre as razões da recusa em traduzir o adjetivo *weiß*, esses mesmos informantes portugueses disseram que “*Não fica bem*”. As evidências aqui apresentadas reforçam que, independentemente da qualidade e adequação das traduções, a força direcionadora do processo tradutório parece residir na busca pela semelhança interpretativa.

4. Conclusão

Conclui-se que, sobretudo no nível pragmático, o contexto e a cultura de chegada são os fatores fundamentais que direcionam as decisões tradutórias. As verbalizações das traduções mostram exatamente o mesmo padrão guiando os processos de tomada de decisão entre os tradutores portugueses e brasileiros. Revelam também que a semelhança interpretativa foi procurada por todos os informantes. Todo o corpus examinado em Alves (1995) é rico em exemplos deste tipo. Parece ser este o padrão fundamental tanto para traduções bem sucedidas quanto para aquelas mal sucedidas. À luz da análise aqui apresentada parece-me ser possível argumentar que semelhança interpretativa foi o fator chave guiando os mecanismos inferenciais e os processos de tomada de decisão de todos os informantes. As tomadas de decisão do tradutor são direcionadas, no nível do produto final, para a contextualização pragmática da UT no texto de chegada revelando uma estreita relação entre linguagem, cultura e cognição.

A partir destes resultados, pode-se, talvez, afirmar que a Teoria de Relevância pode prestar contribuições significativas aos Estudos da Tradução. A TR postula que o efeito contextual gerado através do processamento inferencial das implicaturas presentes nos enunciados, respaldado pelas informações contextuais

disponíveis nos ambientes cognitivos dos tradutores, possibilitará o direcionamento do processo tradutório de forma tal que a conclusão deste processo culmine com o encontro da semelhança interpretativa entre duas formas proposicionais – uma na língua de partida e a outra na língua de chegada. Revelar este movimento é, em suma, a proposta deste capítulo.

5. Referências Bibliográficas

ALVES, F. *Zwischen Schweigen und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke? – eine psycholinguistisch orientierte Untersuchung von Übersetzungsvorgängen zwischen brasilianischen und portugiesischen Übersetzern*. Hamburgo: Dr. Kovac, 1995.

_____. Veio-me um ‘Click’ na Cabeça: the theoretical foundations and the design of a psycholinguistically oriented empirical investigation on German-Portuguese translation processes. *Meta*, Montréal., v.41, n.1, p.33-44, 1996.

_____. Lançando anzóis: uma análise cognitiva de processos mentais em tradução. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p.71-90, jul./dez. 1996.

_____. Tradução e Conscientização: por uma abordagem psicolingüística com enfoque processual na formação de tradutores. *Revista Intercâmbio*, vol.6, n.2, p.674-686, 1997.

_____. A formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino. *Revista TradTerm*, São Paulo, vol.4, n.2, p.19-40, 1997.

_____. As Traduções de Substantivos Compostos do Alemão para o Português: examinando a inter-relação entre o processamento algorítmico e a contextualização pragmática. In: *Anais do XIII Encontro Nacional da ANPOLL*, CD-ROM, 6p., Niterói: ANPOLL, 2000.

BELL, R.T. *Translation and Translating, Theory and Practice*, London: Longman, 1991.

CATFORD, J.C. *A Linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics*, London: Oxford University Press, 1965.

- DANKS, H.H. et al. *Cognitive Processes in Translation and Interpreting*, London: Sage Publications, 1997.
- GRICE, H.P. "Logic and Conversation" in COLE, P. and MORGAN, J. (eds.) *Syntax and semantics 3: Speech acts*, New York, p.41-58, 1975.
- GUTT, E.-A. *Translation and Relevance: Cognition and Context*, London: Blackwell, 1991.
- KÖNIGS, F.G. "Was beim Übersetzen passiert. Theoretische Aspekte, empirische Befunde und praktische Konsequenzen", *Die Neueren Sprachen* 2, pp.162-185, 1987.
- KÖNIGS, F.G. "Wie theoretisch muß die Übersetzungswissenschaft sein? Gedanken zum Theorie-Praxis-Problem", *Taller de Letras* 18, pp.103-120, 1990.
- NEWMARK, P A *Textbook of Translation*, New York: Prentice Hall, 1988.
- NIDA, E.A. & TABER, C. *The Theory and Practice of Translation*, Leiden: Brill, 1969.
- NORD, C. *Textanalyse und Übersetzen. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse*, Heidelberg: Julius Groos. 1988.
- REIß, K. & VERMEER, H.J. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*, Tübingen: Niemeyer, 1984.
- SHANNON, C. & WEAVER, W. , *The Mathematical Theory of Communication*, Urbana, 1949.
- SNELL-HORNBY, M. *Translation Studies: an integrated approach*. 1988.
- SPERBER, D. and WILSON, D. *Relevance: Communication and Cognition*, Oxford: Blackwell, 1986.

Capítulo 5

PROCESSOS INFERENCIAIS RELACIONADOS À PRIORIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES NA TRADUÇÃO DE LEGENDAS DE FILMES: O redundante e o relevante sob a ótica do Princípio de Relevância¹⁷

*José Luiz Vila Real Gonçalves*¹⁸

0. Introdução

Este capítulo apresenta discussões, resultados e conclusões desenvolvidos no trabalho de Mestrado de Gonçalves (1998), que procurou investigar a influência de um tipo de treinamento sobre processos inferenciais empreendidos por tradutores, aprendizes e profissionais, durante a execução de uma tarefa de tradução que simulou algumas características da legendação¹⁹ de filmes, modalidade com a qual nenhum dos informantes havia tido qualquer experiência prévia. Utilizou-se a técnica de Protocolos Verbais (cf. Færch & Kasper, 1987) como principal ferramenta metodológica para a coleta de dados. O suporte teórico desenvolveu-se em tor-

¹⁷ Este capítulo apresenta resultados da Dissertação de Mestrado defendida em 20 de fevereiro de 1998, na Faculdade de Letras da UFMG, sob a orientação do Professor Doutor Fábio Alves da Silva Júnior.

¹⁸ Professor Assistente do Departamento de Letras do ICHS/UFOP e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG.

¹⁹ O termo mais usualmente utilizado é **legendagem**. Entretanto, adotou-se **legendação** uma vez que este é o termo que se encontra dicionarizado.

no da Teoria da Relevância (daqui em diante, TR) formulada por Dan Sperber e Deidre Wilson (1986/1995) e de suas aplicações aos Estudos da Tradução, propostas por Gutt (1991) e Alves (1995 e 1996).

A partir dos resultados obtidos, concluiu-se que o treinamento aplicado ao grupo principal de informantes teve uma influência estatisticamente significativa no seu desempenho na segunda etapa do experimento, contrapondo-se ao desempenho verificado na primeira etapa. Em relação ao desempenho dos dois grupos (principal e de controle), não se observou uma diferença estatisticamente significativa em nenhuma das etapas do experimento, o que levou à reavaliação do desenho metodológico utilizado e que redundou no desenvolvimento de um capítulo com propostas de contribuições didáticas para eventuais cursos de legendação de filmes.

A seguir, serão apresentadas algumas das características da tradução de legendas de filmes que suscitaram vários dos problemas enfocados na pesquisa.

1. Legendação de Filmes: restrições e prioridades

A legendação de filmes estrangeiros é um tipo de tradução que, para resultar em um texto de chegada (TC) adequado e de boa qualidade, deve observar uma série de limites extralingüísticos, às vezes muito mais do que os aspectos intra e interlingüísticos concernentes à atividade tradutória em geral.

É comum encontrarem-se críticas à qualidade de legendas de filmes estrangeiros entre aqueles espectadores que têm um certo nível de proficiência na língua de partida, ou lê-las em seções especializadas de periódicos e até mesmo em trabalhos acadêmicos. Supõe-se que muitas dessas críticas partam da noção de que a boa tradução deve orientar-se, exclusivamente, pela equivalência formal entre os textos de partida (TP) e de chegada (TC), isto é, pela literalidade. Como a legendação é um tipo de tradução que deixa o TP e o TC expostos simultaneamente para eventuais comparações, e a correspondência formal entre eles nem

sempre é possível, classifica-se, precipitadamente, a maioria das legendas como mal traduzidas ou “erradas”. Certamente, existem os desvios de tradução ou aquelas soluções pouco satisfatórias, entretanto, tais desvios não são exclusivos da legendação. Eles podem ocorrer em qualquer outro tipo de tradução, mas, certamente, na legendação, ocorrem em escala menor do que usualmente se divulga. O fato de a legendação ser executada em condições de trabalho bastante adversas ao tradutor, também, deve contribuir para o aumento da taxa de desvios.

Em filmes com densidade verbal muito grande, isto é, naqueles em que ocorrem situações com muitas falas e diálogos inseridos em intervalos de tempo relativamente curtos, o processamento das informações visuais de caráter não-verbal poderá ser seriamente prejudicado caso as legendas absorvam toda a atenção visual do espectador, uma vez que não haverá tempo suficiente para o processamento dos outros estímulos visuais. Estes, certamente, são de grande importância para o estabelecimento da coerência do “texto” cinematográfico e não podem, pois, ser suplantados pelo conteúdo verbal, sob pena de haver perda de informações importantes.

Nessas situações de grande densidade verbal, o espectador do filme legendado estará utilizando o canal visual de forma bastante intensa, processando informações visuais de caráter verbal (legendas) e não-verbal (imagens) alternadamente. É necessário, portanto, que o tradutor, ao produzir as legendas, faça-o de forma extremamente concisa, a fim de que o eventual espectador não despenda todo o tempo só com a recepção de elementos verbais. Uma estratégia para alcançar tal concisão é a eliminação das eventuais redundâncias presentes nas informações verbais do texto de partida e a priorização das informações essenciais para o estabelecimento da coerência “textual”.

Deste modo, é essencial que o tradutor esteja consciente em relação ao fato de que a apresentação espacial da legenda e o seu tempo de exposição são fatores de capital importância para o sucesso e adequação da legendação de filmes. Com relação ao limite espacial, sabe-se que não se podem introduzir legendas por

toda a tela (isto era feito nos filmes mudos, no momento em que se interrompia a apresentação de imagens). Hoje em dia, geralmente, elas são inseridas na parte inferior da tela, em uma ou duas linhas, para que não prejudiquem a apresentação das imagens, que é ininterrupta. Há casos de línguas com escrita vertical (como o japonês, por exemplo) em que a legenda obedecerá a outros padrões espaciais. Com relação ao limite temporal, constata-se que não se pode expor uma legenda em um período de tempo muito curto (isso impediria o espectador de lê-la integralmente), nem em um período muito longo (nesse caso, a sincronia entre as imagens/sons do original e as legendas deixaria de existir, o que também comprometeria o processamento das informações compreendido pelo espectador).

Portanto, a legendação de filmes deverá observar, além dos problemas comuns a qualquer atividade tradutória, fatores como concisão e organização espacial do TC.

1.1. Investigando o Problema da Legendação

Com base nas restrições observadas acima, a pesquisa, em sua fase inicial, levantou as seguintes questões:

- O quê e como o tradutor prioriza/omite na legendação de filmes estrangeiros?
- Que parâmetros lingüísticos e extralingüísticos orientam tais processos?
- Quais as características das informações priorizadas/omitidas?

Como a pesquisa experimental desenvolvida, devido a limites de tempo e de recursos, não pôde contar com a participação de tradutores profissionais da área da legendação de filmes, tais perguntas foram reorientadas para a seguinte:

- Como a competência tradutória geral favorece o desenvolvimento da competência tradutória em legendação?

Deste modo, o experimento desenvolvido foi planejado para informantes que apresentassem algum contato com a tradução (profissional ou acadêmico), mas que não tivessem experiência com a modalidade de tradução estudada, isto é, que apresentassem algum nível de competência tradutória geral, mas nenhuma competência tradutória específica em legendação de filmes. O desenho experimental pretendeu gerar um incremento na competência tradutória em legendação, através de um treinamento dado na fase intermediária apenas para um dos dois grupos de informantes, a fim de comparar o efeito deste treinamento sobre a competência tradutória geral, além de procurar aferir a influência deste último tipo de competência sobre o primeiro. Os desdobramentos teóricos e metodológicos desta questão serão discutidos posteriormente.

1.2. Objetivos específicos

A pesquisa em questão procurou apresentar novas contribuições nos campos teórico, empírico, metodológico e prático, não só para a legendação e para a tradução, como também para a pragmática.

Em relação às contribuições teóricas, objetivou-se: (a) o aprofundamento dos questionamentos sobre a validade da TR para outras situações de comunicação/tradução, neste caso, para a legendação de filmes; (b) a avaliação da aplicabilidade da noção de efeito contextual da TR para processos inferenciais em geral; (c) a verificação da aplicabilidade, para a legendação de filmes, das propostas teóricas feitas para a tradução por Gutt (1991) e Alves (1996); (d) a observação de efeitos do Princípio de Relevância sobre a tomada de decisão e solução de problemas na tradução de legendas; e (e) o aprofundamento dos Estudos da Tradução através de uma investigação baseada em teorias de primeira ordem (cf. Königs 1985, 1987 e 1990, *apud* Alves, 1996).

No tocante às contribuições empíricas, a pesquisa objetivou: (a) a obtenção de informações e dados relativos à legendação de filmes voltados para o aspecto processual da tra-

dução (os poucos trabalhos na área da legendação de filmes lidam essencialmente com a análise de produtos); e (b) a obtenção de dados relativos a processos inferenciais voltados para processos tradutórios.

No plano metodológico, desejava-se fazer a aferição da confiabilidade e aplicabilidade da técnica de protocolos verbais (ou protocolos de introspecção) para estudo de processos inferenciais na tradução de legendas de filmes.

E, finalmente, em relação às contribuições práticas, pretendeu-se desenvolver informações que servissem de subsídio para o ensino de legendação de filmes, eventualmente contribuindo para a melhoria da qualidade deste tipo de tradução e, conseqüentemente, para a valorização do profissional desta área.

2. Quadro Teórico

Nesta seção, apresenta-se a discussão epistemológica desenvolvida por Gonçalves (1998) sobre a condição dos Estudos da Tradução no panorama científico, além de serem discutidas, também, as bases teóricas sobre as quais a pesquisa apoiou-se.

Como importante base epistemológica para o desenvolvimento da pesquisa, serão mencionados alguns aspectos discutidos nos trabalhos de Gutt (1991) e Königs (1985, 1987 e 1990, *apud* Alves, 1996). Para Gutt, o problema da orientação descritivo-classificatória nos Estudos da Tradução é que os fenômenos concernentes à tradução são explicados em termos de classes, não existindo um fenômeno individual como objeto de estudo, o que leva a um poder de generalização bastante reduzido, já que o que existe são diversas teorias para as diversas classes de fenômenos descritos.

Gutt argumenta que o progresso dos Estudos da Tradução torna-se possível com a mudança do domínio de investigação do produto para o processo e do abandono da abordagem descritivo-classificatória através do desenvolvimento da TR, de Sperber e Wilson (1986).

Assim, a pesquisa optou por trilhar a seguinte vertente teórica e epistemológica: focar a tradução como processo e, especialmente, estudar alguns processos inferenciais envolvidos na legendação de filmes sob a ótica da TR. Isto ocorreu observando-se a corrente epistemológica que contrapõe teorias de primeira ordem às de segunda e terceira ordens nos Estudos da Tradução. Segundo Königs (1990), citado por Alves (1996), as teorias de segunda e terceira ordens operam essencialmente no nível do produto (não estudam os processos mentais que ocorrem no momento em que se traduz), são dedutivas e, na maioria das vezes, prescritivas, enquanto as de primeira ordem propõem-se a estudar os processos mentais subjacentes à tradução, trabalhando com fundamentação empírica e apresentando provas de validade intersubjetiva. Neste contexto, os conceitos de equivalência e adequação, utilizados pelas teorias de segunda e terceira ordens no âmbito dos Estudos da Tradução, não se mostraram suficientes para esse intento.

Como fundamento teórico para o estudo da tradução enquanto processo cognitivo, Gonçalves (1998) adotou a noção pragmática de Relevância para a comunicação, proposta inicialmente por Sperber e Wilson (1986) e desenvolvida para a tradução por Gutt (1991) e Alves (1996). O Princípio de Relevância, constituído a partir da fusão do modelo de código (Shannon & Weaver, 1949) com o modelo inferencial (Grice, 1975), propõe, em linhas gerais, que os processos inferenciais envolvidos na comunicação humana ocorrem em função da relação do mínimo dispêndio de esforço cognitivo para o máximo de efeitos — estes efeitos são denominados **efeitos contextuais** pelos autores da TR. Efeitos contextuais são, pois, o resultado dos processos inferenciais, isto é, equivalem às alterações que se processam no sistema cognitivo do indivíduo a partir da interação entre informações novas e velhas.

A partir da noção de **efeito contextual** (o resultado da interação das informações velhas com as novas, isto é, dos conhecimentos prévios do tradutor com o produto da decodificação do texto de partida), percebe-se que o que é contextualmente re-

levante para o processo tradutório não é algo definido *a priori* através de regras e procedimentos técnicos, mas é fruto de processos mentais comuns à atividade tradutória. Estes processos, apesar de semelhantes, resultarão em produtos distintos em função da diversidade das informações novas e velhas de cada tradutor.

Gonçalves (1998) almejou o desenvolvimento de um estudo com base em teorias de primeira ordem, utilizando-se das noções de **relevância**, **efeito contextual** e **semelhança interpretativa**, a fim de investigar o que é recorrente nos processos cognitivos envolvidos no ato tradutório.

Um outro conceito chave para o desenvolvimento da pesquisa é o de **inferência**. Por isto, transcreve-se abaixo o conceito de inferência proposto por Sperber e Wilson. Esta conceituação é de extrema importância, uma vez que é adotada para focar o objeto de estudo.

“Inferência é o processo através do qual uma suposição é aceita como verdadeira, ou provavelmente verdadeira, com base na força de verdade ou provável verdade de outras suposições. Esta é, portanto, uma forma de fixação de crenças. Existem outras formas: a percepção, por exemplo, é um processo pelo qual uma suposição é aceita como verdadeira, ou provavelmente verdadeira, com base na força de uma experiência cognitiva não-conceitual.” (Sperber & Wilson, 1986:68; minha tradução)

Assim como na proposta de Fodor (1983), a TR concebe os processos inferenciais como processos globais, em oposição aos processos modulares ou “locais”.

“Em outras palavras, supomos que o processo de compreensão inferencial é ‘global’, em oposição a ‘local’, sendo que um processo local (e.g. raciocínio dedutivo a partir de premissas fixas ou percepção auditiva) é independente do contexto ou sensível apenas a informações contextuais de algum domínio definido, enquanto processos globais (e.g. raciocínio científico empírico) têm acesso livre a todas as informações conceituais na memória.” (Sperber & Wilson, 1986:65; minha tradução; aspas como no original)

Assim, para a TR, *grosso modo*, a diferença entre processos modulares e processos centrais é que os primeiros são processos relativamente especializados de decodificação, enquanto os últimos são processos inferenciais não especializados.

Sperber e Wilson propõem um construto teórico a fim de descrever e explicar o processamento inferencial. Este é chamado de **dispositivo dedutivo** e opera a partir de **regras dedutivas**, que são também suposições que funcionam como algoritmos que realizam a síntese de novas suposições a partir de suposições dadas, através de processos indutivos e dedutivos.

Para melhor compreender-se o funcionamento do dispositivo dedutivo, é importante atentar para a noção de “força” das suposições. A idéia de que a força de uma suposição seria determinada através de outra representação que indicaria o valor de confirmação dessa suposição (a visão lógica), defendida por alguns estudiosos da pragmática, é refutada pela TR. Esta defende uma visão funcional que afirma que

“[...] quanto maior a quantidade de processamento envolvida na formação de uma suposição e quanto mais ela for acessada, maior a sua acessibilidade. Similarmente, a força inicial de uma suposição deve depender do modo como ela é adquirida.” (Sperber & Wilson, 1986:77; minha tradução)

Com relação à atribuição de maior ou menor força de verdade às suposições envolvidas no processo inferencial, Sperber e Wilson afirmam que o dispositivo dedutivo trabalha essa “força” em termos comparativos, o que, em termos de uma teoria lógica, é falho, mas, em relação a um modelo cognitivo, parece adequado. Chamam também a atenção para o fato de que a força das suposições envolvidas no processo dedutivo contribuirá para a força das suposições resultantes. Propõem, além disto, o modo como os efeitos contextuais alteram o ambiente cognitivo do indivíduo, apresentando os seguintes tipos de efeitos contextuais: implicações contextuais, reforços e contradições (estas últimas podem resultar no apagamento de suposições de um contexto).

O conceito de tradução adotado é o proposto por Alves (1996), que define tradução como o processo de busca e atribuição de **semelhança interpretativa** (cf. capítulo 4, neste livro) entre duas formas proposicionais, uma na língua de partida e outra na língua de chegada, geradas pela mesma representação semântica. Assim, o escopo da tradução proposto nesta definição restringe-se à tradução intrasemiótica e interlingual.

Entre os variados processos envolvidos na legendação de filmes, optou-se pela investigação dos processos de priorização/omissão de informações do texto de partida. A priorização/omissão de uma determinada unidade de tradução (UT) é um processo de tomada de decisão que reflete os efeitos contextuais do processamento inferencial resultante da interação entre os *outputs* da leitura daquela UT e as suposições acessadas pela memória de curto prazo do dispositivo dedutivo. Em termos pragmáticos, uma UT será processada em um contexto e, assim, haverá a geração de informações novas. Quanto mais informações novas ou implicações forem geradas, maior será o efeito contextual e, conseqüentemente, mais relevante será considerada pelo tradutor. Como, segundo a TR, o Princípio de Relevância é o gerenciador dos processos inferenciais, ele direcionará a tomada de decisão em relação à “relevância”/redundância de uma UT (ou de parte dela). A princípio, poder-se-ia pensar que o processo de atribuição de “relevância”/redundância a uma UT restringir-se-ia à fase de processamento daquela UT na língua de partida. Entretanto, observou-se na pesquisa que, em muitos casos, essa atribuição ocorre após a produção do segmento do TC correspondente àquela UT. Assim, a pesquisa em questão focalizou a etapa do processo tradutório em que são avaliados os efeitos contextuais de uma UT e a influência de tal avaliação sobre a decisão de priorização ou de omissão daquela UT ou de parte dela.

Portanto, através da observação de macro-processos decisórios de priorização/omissão de informações de UTs, procurou-se avaliar, a partir do enfoque do Princípio de Relevância, a natureza dos efeitos contextuais resultantes do processamento daquelas UTs e a influência destes efeitos contextuais sobre aque-

les processos decisórios, na legendação de filmes estrangeiros para vídeo, do inglês para o português, empreendida por tradutores sem experiência prévia nesta modalidade de tradução.

Como fatores que poderiam influenciar o processo focado para estudo, foram levantados os seguintes: competência linguística e pragmática nas línguas/culturas de partida e de chegada, competência tradutória geral, competência tradutória específica em legendação. O fator destacado para avaliação nesta pesquisa é a competência tradutória específica em legendação.

É importante mencionar que Gonçalves (1998) entende competência tradutória como sendo uma determinada configuração do ambiente cognitivo cujas suposições permitem a manifestação macro-processual de procedimentos tradutórios. No caso da competência tradutória específica em legendação, há algumas suposições específicas que devem ser acrescentadas à configuração do ambiente cognitivo, a fim de que o processo seja bem sucedido em termos de adequação do produto às exigências técnicas desta modalidade de tradução. Outro aspecto importante relaciona-se à natureza da competência tradutória e da competência específica em legendação, por extensão. Argumentou-se que estes níveis de competência têm caráter essencialmente metacognitivo, isto é, operam principalmente como processamento inferencial demonstrativo, segundo a concepção da TR. Por isto, competências deste tipo não são adquiridas de forma inata e intuitiva, como a competência linguística na língua materna, por exemplo, mas através de treinamento ou de informação sistematizada.

3. Hipóteses

A primeira hipótese da pesquisa em Gonçalves (1998) pressupõe que:

- a competência tradutória específica em legendação é uma extensão da competência tradutória geral. Desta forma, aqueles tradutores que tiverem a competência

tradutória geral mais desenvolvida incorporarão com mais facilidade os conhecimentos relativos à competência tradutória em legendação produzindo um TC mais adequado às especificidades desta modalidade de tradução.

Não se quis afirmar com isto que a competência tradutória em legendação pressupõe a competência tradutória geral. É possível que haja tradutores de legendas sem formação teórica ou prática em tradução. O que se propõe é que os tradutores com maior competência tradutória terão muito mais facilidade de superar os problemas enfrentados na legendação de filmes.

A outra hipótese prevê que:

- a competência tradutória específica em legendação, apesar de ser uma extensão da competência tradutória geral, envolve conhecimentos específicos, sem os quais não é possível solucionar uma série de problemas exclusivos da legendação de filmes. Em termos processuais, tais conhecimentos são suposições que passam a integrar o ambiente cognitivo e são acessadas quando o tradutor está traduzindo as legendas.

Assim, de acordo com a primeira hipótese, quando a competência tradutória geral for maior, as suposições relativas à competência tradutória específica em legendação serão integradas ao sistema cognitivo mais facilmente e sua força de verdade será reforçada pelas suposições relativas à competência tradutória geral. Pela segunda hipótese, propõe-se que o corpo de conhecimentos que gerará as suposições relativas à competência em legendação não pode ser “intuído” a partir da competência tradutória geral, mas deve ser apreendido a partir de informações sistematizadas para esse fim, isto é, a competência tradutória em legendação, assim como a competência tradutória geral, é apreendida através de processos metacognitivos.

4. Quadro Metodológico

Gonçalves (1998) utilizou a técnica de protocolos verbais (também denominados de protocolos de introspecção ou protocolos de pensamento em voz alta, que se incluem entre os métodos de introspecção) como recurso metodológico para a coleta de dados. Este recurso já vem sendo usado há algum tempo por alguns ramos das ciências humanas, principalmente pela Psicologia, e, desde a década de 80, também pela Linguística, apresentando resultados bastante elucidativos no estudo de processos cognitivos. Pamela Gerloff apresenta a seguinte definição para esta técnica: “Um protocolo de pensamento em voz alta é uma descrição passo a passo dos próprios pensamentos e comportamentos que um indivíduo apresenta durante a execução de uma tarefa específica.” (Gerloff, 1987:137; minha tradução).

Esta técnica consiste basicamente em o informante verbalizar todas as suas impressões enquanto executa alguma tarefa, explicitando, assim, tomadas de decisão e estratégias de solução de problemas. O objetivo é tentar inferir alguns mecanismos ou processos cognitivos através das respectivas verbalizações. O fato de o informante comentar e refletir sobre o modo como processa e organiza as informações mostra-se um valioso subsídio para o estudo de processos cognitivos. Assim, os protocolos verbais utilizam-se de manifestações metacognitivas para abordarem processos cognitivos. Essas manifestações metacognitivas, por sua vez, possibilitam a apreensão de algumas importantes características do processo que, certamente, não seriam percebidas através, apenas, da interação da subjetividade do pesquisador com os produtos finais do processo. Portanto, os protocolos verbais permitem uma maior aproximação em relação aos processos do que as abordagens que lidam somente com os produtos, neste caso, TPs e TCs.

Em relação à realização do experimento, Gonçalves (1998) contou com a colaboração de dez informantes, alunos dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e UFOP (Universidade Federal de

Ouro Preto). Eles já haviam tido contato teórico e/ou prático com a tradução, mas nenhum contato com a legendação de filmes.

O experimento constou de duas etapas (pré e pós-testagem). Entre as etapas, alguns dos informantes participaram de uma exposição verbal, em que o pesquisador apresentou algumas informações teóricas e empíricas sobre os limites impostos à tradução de legendas; quatro dos informantes não participaram daquela exposição, ficando como grupo de controle. Foi atribuída a todos os dez informantes a tarefa de traduzir dois pequenos trechos (um em cada etapa) do filme *The Fisher King* (Escrito por Richard LaGravenese, dirigido por Terry Gilliam, produzido por Debra Hill e Linda Obst), utilizando alguns parâmetros que simulavam as condições observadas para a legendação de filmes. Durante a tradução, os informantes implementaram a técnica de protocolos verbais, sendo que suas observações e comentários foram gravados para posterior transcrição e análise. Foram também utilizados como material de análise os textos de chegada produzidos, além de um questionário, que foi preenchido após a realização da segunda etapa.

4.1. Análise Quantitativa

No que diz respeito à análise quantitativa, foram avaliados, essencialmente, parâmetros obtidos a partir do processamento dos dados referentes aos textos de chegada produzidos pelos informantes, além da categorização e quantificação dos dados obtidos a partir das transcrições das verbalizações gravadas. Foram estabelecidos alguns índices para avaliar a adequação das legendas apresentadas, dentre os quais, foram selecionados dois como efetivamente representativos. O primeiro deles estabelece a relação entre o número de caracteres do texto de chegada e do texto de partida (CC/CP). Como não leva em conta o tempo, serve como parâmetro de adequação apenas em termos comparativos entre o desempenho dos informantes no contexto da pesquisa. O segundo índice (TL/TT) serve efetivamente para a avaliação da adequação de legendas, uma vez que se baseia na relação entre o

tempo a ser gasto na leitura da legenda e o tempo total do trecho selecionado para a tradução. Na Tabela 1²⁰, a seguir, são reproduzidos os índices mencionados acima. Esses números encontraram-se, respectivamente, na segunda e quarta colunas da tabela, que estão em destaque. Os outros índices apresentados não se mostraram elucidativos para as análises desenvolvidas.

Tabela 1 - índices de condensação e de sincronia

Inform.	ETAPA 1					ETAPA 2				
	PC/PP	CC/CP	CC/PC	TL/TT	NLi/NLe	PC/PP	CC/CP	CC/PC	TL/TT	NLi/NLe
1	0,919	0,906	5,340	0,884	2,00	0,814	0,919	5,747	1,065	1,70
2	0,758	0,795	5,688	0,776	1,95	0,510	0,572	5,712	0,663	2,00
3	0,877	0,929	5,751	0,907	1,92	0,618	0,605	4,984	0,701	1,75
4	0,863	0,897	5,643	0,875	1,95	0,588	0,682	5,900	0,790	1,86
5	0,735	0,755	5,580	0,737	1,95	0,471	0,551	5,958	0,638	2,00
6	0,588	0,607	5,605	0,592	1,95	0,422	0,513	6,186	0,594	2,00
7	1,009	1,060	5,700	1,035	1,63	0,971	1,119	5,869	1,297	2,00
8	0,796	0,788	5,369	0,769	1,70	0,520	0,545	5,340	0,632	1,30
9	0,905	0,934	5,597	0,911	2,00	0,588	0,669	5,783	0,775	1,56
10	0,815	0,826	5,500	0,806	1,64	0,569	0,657	5,879	0,761	1,25

Como os valores dos dois índices são proporcionais, optou-se por analisar estatisticamente apenas um deles. Assim, foi feito o Teste-T de Student (cf. Woods et al, 1986) para avaliar se havia variações estatisticamente significativas entre as médias relativas ao índice CC/CP. Os resultados encontrados demonstraram que não houve variação significativa entre os desempenhos dos dois grupos, nem na primeira nem na segunda etapa. Entretanto, houve uma variação significativa entre o desempenho do grupo principal (informantes 1 a 6) da primeira para a segunda etapa, o que não aconteceu para o grupo de controle (informantes 7 a 10). Com isto, pôde-se constatar a influência das informações veiculadas na etapa intermediária sobre o desempenho do grupo principal durante a segunda etapa. Como o tempo gasto na tradução tem relação direta com a competência tradutória, fez-se a análise estatística, também, para as médias de tempo observa-

²⁰ cf. Tabela V apresentada na seção 3.2, página 70, da dissertação de Gonçalves 1998.

das. O resultado estatístico encontrado foi o mesmo que para as médias entre os índices de condensação: só houve variação significativa entre os valores das médias do grupo principal da primeira para a segunda etapa. Mais uma vez, verifica-se uma influência da etapa intermediária sobre o desempenho do grupo principal na segunda etapa do experimento.

4.2. Análise Qualitativa

A análise qualitativa foi feita a partir de unidades de análise que não representam, necessariamente, unidades de tradução. Constatou-se que, se fosse feita uma análise a partir de unidades de tradução, a sua sistematização seria difícil, dado que os informantes utilizam níveis de análise bastante distintos durante a tradução. Assim, optou-se por adotar os turnos de fala do texto de partida como unidades de análise. Para que essa análise fosse viável, foi necessário escolher apenas alguns dos informantes, já que a análise exaustiva das verbalizações de todos os dez informantes tornaria o trabalho demasiadamente extenso. Por isso, optou-se por analisar as verbalizações do informante que produziu o texto de chegada mais conciso (com menos caracteres) e daquele que produziu o texto de chegada menos conciso (com mais caracteres), para cada unidade de análise. Esta opção, além de restringir a amplitude do material analisado, pretendeu destacar as características de processamento envolvidas na tradução que favorecem e que desfavorecem a concisão na produção do texto de chegada.

A análise foi feita com base nos pressupostos do Princípio de Relevância. Através das análises, percebe-se como as suposições que orientam para a concisão do texto de chegada estão mais fortemente manifestas nos ambientes cognitivos daqueles informantes que apresentaram os melhores índices de condensação na tradução das legendas. Constatou-se, também, que a dificuldade de processamento no nível lingüístico interfere no processamento inferencial, já que um processo que deveria ocorrer de forma modular (automática) acaba sendo remetido para o

nível metacognitivo, penalizando a geração de implicaturas que poderiam favorecer o nível de adequação do texto de chegada para a respectiva unidade de tradução. Observou-se, ainda, que os informantes que menos consultaram o filme durante a tradução foram aqueles que apresentaram os piores índices de adequação, o que demonstra a grande influência dos elementos extra-lingüísticos para a adequação das legendas traduzidas.

5. Conclusão

Em relação às hipóteses apresentadas em Gonçalves (1998), verifica-se que os resultados obtidos através das análises estatísticas corroboram a segunda hipótese. No que se refere à primeira hipótese, apesar de não confirmada estatisticamente, os valores observados sinalizam favoravelmente para a sua plausibilidade.

Ainda com relação aos resultados, é importante que se discutam algumas questões. Pretendia-se, inicialmente, verificar a influência das informações veiculadas na etapa intermediária para o grupo principal, através da diferenciação entre os desempenhos dos dois grupos no tocante aos índices de condensação apresentados na Tabela 1. Entretanto, não se conseguiu observar esta diferenciação, isto é, estatisticamente, os dois grupos não apresentaram uma diferença significativa entre seus desempenhos. Por outro lado, através da análise estatística das médias entre as duas etapas, observou-se uma variação estatisticamente significativa para o grupo principal, mas não para o grupo de controle. Pode-se argumentar que as informações veiculadas na etapa intermediária tiveram uma “força” relativamente baixa (ou não foram “fortes” o suficiente) para resultarem em uma diferenciação significativa nos desempenhos dos dois grupos. Entretanto, o fator sincronia, introduzido na segunda etapa, somando-se à diferencial que caracterizou o grupo principal, proporcionou um resultado significativo.

Voltando à estruturação do experimento, pode-se observar que a natureza das informações veiculadas na etapa interme-

diária (cf. Gonçalves 1998, Anexo IV) tem muito mais a característica de conhecimento declarativo do que procedimental (cf. Færch & Kasper, 1987), isto é, são apresentadas informações teóricas e empíricas sobre legendação, mas não é feito um treinamento efetivo. O desenvolvimento do conhecimento procedimental ocorre somente nas duas etapas do experimento, muito em função das instruções dadas pelo pesquisador e da interação dos informantes com as tarefas. Dado o limitado tempo disponível para a execução do experimento, poder-se-ia dizer que o tipo de fator utilizado para diferenciar os grupos foi “fraco” no que se refere à alteração do ambiente cognitivo dos informantes. Contudo, por mais reduzida que tenha sido, sua influência é observada, o que confirma a perspectiva do Princípio de Relevância no que se refere à estruturação do ambiente cognitivo dos indivíduos. Esta é orientada pela força das suposições acessadas pelo dispositivo dedutivo para a execução dos processos inferenciais: é preciso que uma suposição apresente uma força relativamente grande (que se manifeste fortemente) no contexto inferencial para que se observe a sua interferência nos efeitos contextuais.

Outra conclusão tirada das análises qualitativas foi que, quando o nível de competência lingüística na língua de partida encontra-se abaixo de um determinado limite, o processo tradutório não se viabiliza, uma vez que não ocorre a produção de uma forma proposicional na língua de partida. O que se observa, em uma situação como essa, é a busca de uma forma proposicional na língua de chegada, através da correspondência lexical (tradução literal) entre TP e TC, não havendo, pois, a busca e a atribuição de semelhança interpretativa entre duas formas proposicionais.

Finalmente, em relação aos objetivos específicos da pesquisa descritos na seção 3 deste capítulo, concluiu-se que:

1. No que se refere ao modelo teórico utilizado, as observações e resultados verificados corroboram os pressupostos do Princípio de Relevância e apontam para a possibilidade de se estudarem processos inferenciais

de forma sistemática. As noções de força das suposições acessadas pelo dispositivo dedutivo, no decorrer de processos inferenciais e de busca do máximo de efeitos contextuais com o mínimo de esforço cognitivo (o Princípio de Relevância propriamente dito), mostraram-se referências promissoras no entendimento dos processos pragmáticos. A mudança do foco da “relevância” variável para um princípio determinado e do contexto dado para um contexto construído a partir da constituição do ambiente cognitivo do indivíduo, proposta pela teoria de Sperber e Wilson, traz soluções para questões que a pragmática tradicional não responde.

2. Em relação ao método de coleta de dados utilizado, a técnica de protocolos verbais mostrou-se uma fonte rica e confiável de informações para o estudo de processos cognitivos. Mesmo que se argumente que os dados obtidos através desta técnica recebem a interferência de diversos processos periféricos, verifica-se que a riqueza dos dados é muito maior do que o estudo exclusivamente de produtos, neste caso, do TP e do TC. Como é discutido em Gonçalves 1998 (cf. pg.45-60), não se postula que os protocolos verbais permitem o acesso aos processos inferenciais, mas defende-se que a sua utilização possibilita uma aproximação maior em relação ao seu entendimento. Observou-se também que esta técnica pode ajudar na avaliação da competência lingüística na língua de partida, já que, toda vez que um problema desta ordem ocorre, este é remetido para o nível de processamento metacognitivo, isto é, para o nível inferencial.
3. Em termos de contribuição empírica, o material coletado e compilado pode ainda ser fonte para outras pesquisas que se interessem por processos cognitivos ou por produtos de tradução, especialmente de legendas. Dados os limites do trabalho e em função das opções

de análise adotadas, verbalizações potencialmente significativas não foram utilizadas. É possível que se estudem outras relações entre os diversos dados. Assim, trabalhos nesta área ou em áreas correlatas, através de outros métodos de análise, eventualmente, poderão utilizar o material coletado para esta pesquisa.

4. As propostas de aplicação didática apresentadas em Gonçalves 1998, sinalizam para a possibilidade de uma maior sistematização no processo de formação do tradutor de legendas e para uma conseqüente melhoria na qualidade das legendas de filmes e maior valorização do profissional desta modalidade de tradução. Espera-se que, com a realização de outros trabalhos nesta área, estas melhorias tornem-se cada vez mais presentes.

6. Referências Bibliográficas

ALVES, F. *Zwischen Schweigen und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke?: eine psycholinguistisch orientierte Untersuchung von Übersetzungsvorgängen zwischen portugiesischen und brasilianischen Übersetzern*. Hamburgo: Dr. Kovac, 1995.

_____. Lançando anzóis: uma análise cognitiva de processos mentais em tradução. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p.77-90, jul./dez. 1996.

_____. D. Sperber & D. Wilson, E.-A. Gutt e F. Alves: A teoria de relevância aplicada aos estudos da tradução. In: VIEIRA, Else R. P. (org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, 1996. p. 184-205.

FÆRCH, C. & KASPER, G. (ed.). *Introspection in second language research*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1987. p. 135-158.

FODOR, J. A. *The modularity of mind*. Cambridge: MIT, 1983.

GERLOFF, Pamela. Identifying the unit of analysis in translation:

some uses of think aloud protocol data. In: FÆRCH, C. & KASPER, G. (ed.). *Introspection in second language research*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1987. p. 135-158.

GONÇALVES, J. L. *Processos inferenciais relacionados à priorização de informações na tradução de legendas de filmes: o redundante e o relevante sob a ótica do princípio de relevância*. Belo Horizonte: 1998. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: MARTINICH, A. P. (ed.). *The philosophy of language*. Oxford: Oxford University Press, 1975. p. 159-170.

GUTT, Ernst-August. *Translation and relevance: cognition and context*. Cambridge: Blackwell, 1991.

KÖNIGS, F. G. Translation teaching and translation in foreign language teaching. Text as a starting point. In: TITFORD, C. & HIEKE, A. E. *Translation in foreign language teaching and testing*. Tübingen: Narr, 1985.

_____. Was beim Übersetzen passiert Theoretische Aspekte, empirische Befunde und praktische Konsequenzen. *Die Neuren Sprachen*, s.l. n. 2, p. 162-185, 1987.

_____. Wie theoretisch muß die Übersetzungswissenschaft sein? Gedanken zum Theorie-Praxis-Problem. *Taller de Letras*, s.l. n. 18, p. 103-120. 1990.

LaGRAVANESE, R. *The Fisher King*. (filme dirigido por Terry Gilliam, produzido por Debra Hill e Linda Obst) s.l. Tri-Star Pictures, s.d.

ROTHE-NEVES, R. Conceitos centrais do tratamento científico da tradução a partir de F. G. Königs. In: VIEIRA, Else R. P. (org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, 1996. p. 263-280.

SHANNON, C. & WEAVER, W. *The mathematical theory of communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

SPERBER, D. & WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. Oxford: Blackwell, 1986/1995.

WOODS, A. et al. *Statistics in language studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 102-3; 300.

Capítulo 6

CODIFICAÇÕES CONCEITUAIS E PROCEDIMENTAIS NA TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DO ROMANCE ALEMÃO *A HONRA PERDIDA DE KATHARINA BLUM:* uma análise à luz da Teoria da Relevância²¹

*Rita de Cássia Vilaça Gonçalves*²²

0. Introdução

Este capítulo apresenta discussões, resultados e conclusões desenvolvidas no trabalho de Mestrado de Gonçalves (2000), que procurou examinar questões relativas à codificação conceitual e procedimental, postuladas pela Teoria da Relevância (daqui em diante, TR), através de uma análise das traduções brasileira e portuguesa do romance alemão *A honra perdida de Katharina Blum*. O texto tem, portanto, o objetivo de discutir e analisar semelhanças e diferenças nos processos de tradução no par lingüístico alemão-português e, como consequência, em seus produtos nas variantes brasileira e européia do português. Para tal fim, utiliza-se como suporte teórico a TR (cf. Sperber & Wilson 1986/1995), uma abordagem cognitiva para a comunicação verbal. Complementarmente, a discussão apoia-se nas propostas de Gutt (1991) e Alves (1995/1997), nas quais a TR é aplicada aos Estu-

²¹ Este capítulo apresenta resultados da Dissertação de Mestrado defendida em 31 de agosto de 2000, na Faculdade de Letras da UFMG, sob a orientação do Professor Doutor Fábio Alves da Silva Júnior.

²² Mestre em Lingüística Aplicada: Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos da FALE-UFMG.

dos da Tradução. Para efeito de análise, enfoca-se os conceitos de **codificação conceitual**, **codificação procedimental**, **efeito contextual** e **semelhança interpretativa**, todos postulados pela TR, observando sua importância e/ou influência em contextos de tradução. O corpus analisado consiste de trechos do romance “A honra perdida de Katharina Blum”²³ publicado por Heinrich Böll em 1974 e de suas respectivas traduções para o português brasileiro, publicada pela Editora Artenova S.A. em 1976, e para o português europeu, publicada pela Editora Europa-América em 1974. A partir da análise, constata-se que a tradução direta revela-se uma boa opção na busca de semelhança interpretativa, conceito esse que, por sua vez, demonstrou ser uma opção mais adequada que os conceitos de equivalência e adequação na formalização de um conceito geral para os Estudos da Tradução.

Gonçalves (2000) não se propõe a investigar os processos mentais envolvidos no ato tradutório. Prioriza, em lugar daqueles, uma análise do produto das traduções brasileira e portuguesa da obra alemã, considerando-se que um de seus objetivos foi exatamente investigar a inter-relação entre o processo e o produto da tradução enquanto inseridos em contextos sócio-culturais específicos.

1. A Teoria da Relevância e sua Aplicação aos Estudos da Tradução

Viu-se em outros capítulos deste livro que a TR surge da insatisfação de modelos anteriores que tentavam explicar sem muito sucesso as trocas comunicativas entre seres humanos. Sendo uma teoria de abordagem cognitiva para a comunicação verbal, a TR acredita que o raciocínio dedutivo representa um importante papel no desenrolar de processos inferenciais. A TR também postula a existência de um Princípio de Relevância, isto é, um princípio inato que consegue diferenciar entre o que é ou não

²³ Título original: *Die verlorene Ehre der Katharina Blum*

é relevante. Segundo a teoria, este princípio direciona/conduz o processo comunicativo de acordo o contexto em que se insere. É importante ressaltar que, para a TR, a relevância é fixa, enquanto é variável o contexto sobre o qual atua. Em suma, a TR propõe um modelo-ostensivo inferencial para a comunicação humana, no qual o Princípio de Relevância manifesta-se através da somatória de fatores que envolvem o comportamento ostensivo do emissor; o comportamento inferencial do receptor; os ambientes cognitivos de ambos; e manifestação mútua congruente entre as partes envolvidas. Juntos, esses fatores geram um efeito contextual, que pode ser forte ou fraco, e é responsável pelo sucesso ou fracasso do processo comunicativo.

Apesar de não ser uma teoria específica sobre a tradução, a TR tem sua aplicação nos Estudos da Tradução através dos trabalhos de Gutt (1991) e Alves (1995). Gutt busca na Teoria da Relevância uma explicação para o ato de traduzir. Para ele, a mudança de foco nos Estudos da Tradução – do produto para o processo – possibilita a evolução desta área do conhecimento. O principal argumento de Gutt é que, em teorias que se ocupam com fenômenos tradutórios, a busca da equivalência, vigente até então, deve ser totalmente descartada, já que a busca da equivalência se dá no nível do produto e não no nível do processo. Gutt defende a idéia de que a tradução não é um processo descritivo, mas sim interpretativo e tenta fugir da dicotomia tradução boa ou ruim através do conceito de **semelhança interpretativa**, qual seja, a semelhança entre formas proposicionais da língua de partida e da língua de chegada que compartilham de propriedades lógicas entre si.

O conceito de semelhança interpretativa também é defendido por Alves (1996), que complementa a proposta de Gutt, definido semelhança interpretativa como sendo: ...”um tipo de semelhança inerente a formas proposicionais distintas, que sendo oriundas de uma mesma representação semântica, têm qualidades lógicas e analíticas similares”. Como Gutt, Alves também acredita que a decisão tradutória caracteriza-se pela noção de semelhança interpretativa, e não pela busca de equivalentes fun-

cionais. As propostas de Gutt (1991) e Alves (1996) são complementares. Alves, porém, avança um pouco mais, já que propõe em seu trabalho um modelo descritivo de processamento inferencial envolvendo as diversas etapas observadas no processo de tradução.

A aplicação do conceito semelhança interpretativa poderá ser vista na seção 4 deste capítulo, bem como a aplicação dos conceitos de efeito contextual, codificação conceitual e codificação procedimental.

Pode-se definir codificação conceitual como sendo um tipo de informação veiculada por uma proposição. Veicula informação sobre as representações a serem manipuladas, ou seja, trata-se de codificação de conteúdo, de significados. A codificação conceitual implica na possibilidade de comportamento inferencial com desdobramento subjetivo tendendo ao infinito. Refere-se às formas lógicas do enunciado, podendo ser recuperada por dedução. Já a codificação procedimental envolve outros tipos de informação apresentadas por uma proposição que estão ligadas às “marcas”, às “pistas” do enunciado. Consiste de um referente com força suficiente para tornar o desdobramento inferencial mais restrito. O esforço de processamento do receptor é reduzido já que as formas proposicionais deste tipo de informação são guiadas por estas “marcas” e “pistas”.

Finalmente, pode-se definir efeito contextual como sendo o resultado da interface entre informação dada e informação nova. Está ligado ao contexto, à situação. Especificamente no caso da tradução, o conceito de efeito contextual está diretamente ligado ao conceito de semelhança interpretativa. Parte-se do princípio de que quanto maior o grau de semelhança interpretativa, maior ou mais forte será o efeito contextual atingido.

A análise apresentada por Gonçalves (2000) e sintetizada na seção 3 deste capítulo vale-se desses quatro conceitos para investigar os parâmetros utilizados tanto pelo tradutor brasileiro quanto pelo tradutor português em suas traduções do romance alemão “A honra perdida de Katharina Blum”.

2. Metodologia de Pesquisa

A pesquisa de Gonçalves (2000) consistiu de um levantamento textual a partir de um corpus previamente delimitado e que foi analisado através de conceitos estabelecidos *a priori*. Desenvolveu-se, a princípio, através da leitura da obra original e de publicações sobre a mesma, bem como das obras traduzidas e do material teórico subjacente, a fim de situar as traduções no contexto em que foram produzidas e cotejá-las em relação ao contexto da produção do texto original.

2.1. Subsídios Metodológicos

Entende-se que os processos mentais envolvidos no ato tradutório têm como meta um produto final, ou seja, um novo texto na língua de chegada. Gonçalves (2000) enfoca, portanto, como produtos finais, as traduções do romance alemão “A honra perdida de Katharina Blum” para o português brasileiro e europeu. É importante ressaltar que, embora se trate de traduções voltadas para uma mesma língua de chegada, os contextos culturais envolvidos são distintos, o que confere à pesquisa um caráter intralingual e intercultural. Acredita-se que essa diferença contextual se faz presente no ato tradutório, contribuindo de forma decisiva para a formação do produto final. A fim de validar a premissa de que contextos diferenciados influenciam a tradução, a pesquisa contou, na análise dos dados, com a colaboração de um falante nativo do português europeu e com as intuições de falante nativo do português brasileiro por parte da autora.

2.2. Objetivos Específicos

A proposta de Gonçalves (2000) surgiu a partir de uma análise desenvolvida em um projeto-piloto e consistiu em buscar nas traduções de uma obra literária traduzida para um mesmo idioma em versões culturalmente diferenciadas, isto é, no português brasileiro e no europeu, os conceitos de semelhança

interpretativa, codificação conceitual e codificação procedimental, e feito contextual de acordo com a TR. Como objetivo geral, a pesquisa pretendeu contribuir para os Estudos da Tradução através de uma abordagem cognitiva, tentando demonstrar a pertinência da TR para a análise de fenômenos tradutórios. Como objetivos específicos, a pesquisa propôs-se a:

- Verificar, à luz da TR, a influência de codificações conceituais e codificações procedimentais na tradução de uma determinada obra, observando a importância e/ou influência do contexto sócio-cultural²⁴.
- Demonstrar e analisar as diferenças e semelhanças entre as codificações conceituais e procedimentais enquanto procedimentos de tradução nos textos de chegada das variantes brasileira e europeia do português.

2.3. Montagem do Corpus

O corpus desta pesquisa apresentada neste capítulo consiste em parágrafos selecionados no texto original e nas traduções – brasileira e portuguesa – do romance alemão “A honra perdida de Katharina Blum” de Heinrich Böll (1974). Nesses parágrafos, alguns sintagmas nominais e verbais foram selecionados como unidades de tradução. Estes trechos serão sempre considerados no contexto da obra, pois não é interesse desta pesquisa fazer uma análise ao nível da palavra ou da sentença. O objetivo deste trabalho é mostrar exatamente a importância e a influência do contexto em situações de tradução. Os trechos foram selecionados de forma aleatória, sendo que a cada 5 (cinco) páginas, um trecho foi escolhido, perfazendo assim, um total de 10% (dez por cento) de toda a obra. Este índice percentual pode ser comprovado através do número de caracteres presentes na obra

²⁴ Entende-se por contexto sócio-cultural o conjunto de fatores que envolve o texto original e sua tradução, levando em consideração as características do país onde este se insere e as relações culturais e aspectos típicos das culturas de partida e de chegada.

e nos trechos anexos.²⁵ Os trechos foram numerados sequencialmente²⁶ e destacados do corpo do texto a fim de facilitar a análise. Apresenta-se na próxima seção alguns exemplos desta análise.

3. Análise das Traduções à luz da TR

Para fins de exemplificação neste capítulo, foram selecionados os parágrafos (3); (5); (9); (16); (18); (21) e (34) do trabalho completo de Gonçalves (2000). Esses excertos serão apresentados ao longo do texto para ilustrar as análises envolvendo casos de codificação conceitual e codificação procedimental:

Trecho (3)

...Die Recherchen über die Aktivitäten der Blum während der fraglichen vier Tage ließen sich für die ersten Tage gut an, stockten erst, als es den Sonntag zu erkunden galt. Blorna selbst hatte Katharina Blum am Mittwochnachmittag zwei volle Wochenlöhne in Höhe von je 280 DM ausgezahlt, einen für die laufende Woche, den zweiten für die folgende Woche, da er selbst am Mittwochnachmittag mit seiner Frau in den Winterurlaub fuhr. (3:19)

As investigações sobre as atividades da Blum durante os quatro dias em questão correram bem quanto aos primeiros dias e só houve dificuldades quando se tratou de elucidar o domingo. Na quarta-feira à tarde, o próprio Blorna pagara o salário integral de duas semanas de trabalho a Katharina Blum, ao todo 280 marcos, um pela semana ainda por findar e outro pela semana seguinte. Nessa quarta-feira à tarde, ele e sua mulher partiram para as férias de inverno. (3B:15)

²⁵ O cálculo de representatividade da amostragem foi feito da seguinte maneira: O número de caracteres estimado no original alemão é de 157500, que é o resultado aproximado de caracteres por linha (35) X o número de linhas por página (25) X o número de páginas do livro (180). O corpus selecionado corresponde a 10% deste número, portanto, 15750 caracteres, aproximadamente.

²⁶ Marcando-se X:xxx para o original, XB:xxx para a versão brasileira e e XP:xxx versão portuguesa, sendo que X indica o número do trecho original, XB seu correspondente na tradução brasileira e XP na tradução portuguesa. Os indicadores xxx, após os dois pontos, indicam as páginas nas respectivas obras.

As investigações sobre as actividades da Blum durante os quatro dias em questão progrediram lindamente ao princípio, mas emperram quando se chegou a domingo. Na quarta-feira à tarde, o próprio Blorna tinha pago a Katharina Blum o correspondente a duas semanas de salário, no montante de 280 marcos, relativo à semana em curso e à semana seguinte, uma vez que se preparava para partir de férias com a mulher na quarta-feira à tarde. (3P:18)

É interessante observar neste trecho que houve uma tradução bastante diferenciada nos sintagmas *lieben sich für die ersten Tage gut an / correram bem quanto aos primeiros dias / progrediram lindamente ao princípio*. Enquanto que na versão brasileira parece haver um efeito contextual maior, na versão portuguesa o conteúdo lexical bastante diferente causa um certo estranhamento, sendo contextualmente questionável no Brasil. Contudo, segundo afirmações de nosso informante, falante nativo do português europeu, esta tradução é perfeitamente aceitável em Portugal, o que ressalta o papel do contexto na forma final do texto de chegada. Para um leitor brasileiro, o estranhamento poderia significar um comportamento ostensivo deficiente por parte do tradutor, que não conseguiu atingir o objetivo da comunicação de gerar no leitor um efeito contextual satisfatório.

Ainda em (3), um outro exemplo diz respeito ao sintagma verbal *hatte...ausgezahlt/pagara / tinha pago*. Neste caso, o tempo verbal no original é o *Plusquamperfekt* que corresponde ao pretérito mais-que-perfeito no português. Pode-se dizer que houve um efeito contextual alto, pois as propriedades lógicas do enunciado são comuns tanto na tradução brasileira quanto européia, pois não apresentam diferenças lexicais, nem semânticas, nem lingüísticas.

Trecho (5)

... "Meine Mutter hatte nach seinem Tode Schwierigkeiten mit der Rente, weil sich das Versorgungsamt und die Knappschaft nicht einigen konnten. Ich musste sofort schon sehr früh im Haushalt arbeiten, weil mein Vater häufig krank war und entsprechenden

Verdienstaussfall hatte und meine Mutter verschiedene Putzstellen annahm. In der Schule hatte ich keinerlei Schwierigkeiten, obwohl ich auch während der Schulzeit viel Hausarbeit machen mußte, nicht nur zu Hause, auch bei Nachbarn und anderen Dorfbewohnern, wo ich beim Backen, Kochen, Einmachen, Schlachten zur Hand ging. Ich tat auch viel Hausarbeit und half bei der Ernte. (5: 29)

Minha mãe teve dificuldades em receber a pensão, depois da morte dele, por causa de divergências entre o instituto da previdência e a corporação dos mineiros. Tive de começar a ajudar em casa quando era muito pequena, meu pai adoecia com frequência e não recebia quando não trabalhava, minha mãe fazia a limpeza de diversas casas. Sempre fui boa aluna, apesar da grande quantidade de serviços caseiros, não só na casa de meus pais, durante a época dos estudos, eu também trabalhava na casa dos vizinhos e de outros moradores da vila, onde eu ajudei no coser, cozinhar, no preparo de conservas, e a abater animais. Também fiz muito serviço de limpeza e ajudei na colheita.. (5B:23)

Depois da morte dele, minha mãe teve dificuldades em conseguir uma pensão de sobrevivência devido à falta de acordo entre o Ministério dos Assuntos Sociais e o corpo dos mineiros. Comecei muito cedo a ajudar na lida doméstica, porque meu pai estava muitas vezes doente, e por isso recebia salário reduzido, e a minha mãe trabalhava como mulher a dias. Na escola não tive quaisquer dificuldades, embora durante o tempo escolar também tivesse de trabalhar, não só em minha casa, mas também em casa de vizinhos e de outros habitantes da aldeia, onde ajudava a fazer o pão, a cozinhar, a fazer conservas e na matança. Também fazia muito trabalho doméstico e ajudava nas colheitas. (5P:24)

No trecho (5), (...) *und meine Mutter verschiedene Putzstellen annahm / minha mãe fazia a limpeza de diversas casas. / minha mãe trabalhava como mulher a dias.*, observa-se que o conceito de semelhança interpretativa se faz presente, embora existam diferenças lexicais. Em ambas as traduções há a idéia de que a mãe trabalhava como “faxineira”, isto é, fazia serviços domésticos. Porém, a diferença lexical considerada em contextos intralinguais e interculturais, como neste caso, o português brasileiro e europeu, poderia causar um efeito contextual não tão satisfatório. No português europeu, a expressão trabalhar como mulher a dias, significa ser uma faxineira/diarista. Por outro lado,

no português brasileiro essa expressão não é pertinente em termos semânticos. Poder-se-ia dizer que um leitor brasileiro não teria um efeito contextual satisfatório, pois embora ele conseguisse entender a expressão, esta não seria semelhante ao original. Especificamente nesse caso, esta expressão poderia ter uma conotação bem diferente do original, já que a expressão “trabalhar como mulher a dias” não é corrente no contexto do português brasileiro, podendo ser confundida ou interpretada como “trabalhar como mulher há dias”, tendo assim, um outro significado, este bastante pejorativo.

Observa-se ainda em (5) que na última frase os verbos *tat* e *half* foram traduzidos em tempos verbais distintos nas versões brasileira e portuguesa. Em (5B:23) optou-se pela utilização do pretérito perfeito “fiz” e “ajudei”, enquanto em (5P:24) utilizou-se o pretérito imperfeito “fazia” e “ajudava”. A mudança de tempo verbal parece ser uma marca de violação de codificação procedimental, que pode mudar a direção do enunciado, influenciando na geração de efeito contextual e no grau de semelhança interpretativa.

Trecho (9)

...Der Pfarrer von Gemmelbroich hatte ausgesagt: "Der traue ich alles zu. Der Vater war ein verkappter Kommunist und ihre Mutter, die ich aus Barmherzigkeit eine Zeitlang als Putzhilfe beschäftigte, hat Meßwein gestohlen und in der Sakristei mit ihren Liebhabern Orgien gefeiert".

"Die Blum erhielt seit zwei Jahren regelmäßig Herrenbesuch. War ihre Wohnung ein Konspirationszentrum, ein Bandentreff, ein Waffenumschlagplatz? Wie kam die erst siebenundzwanzigjährige Hausangestellte an eine Eigentumswohnung im Werte von schätzungsweise 110 000 Mark? War sie an der Beute aus den Bankrauben beteiligt?

Polizei ermittelt weiter. Staatsanwaltschaft arbeitet auf Hochtouren. Morgen mehr. DIE ZEITUNG BLEIBT WIE IMMER AM BALL ! Sämtliche Hintergrundinformationen in der morgigen Wochenendausgabe". (9: 49)

O padre de Gemmelbroich declarou: "Aquela é capaz de tudo. O pai era um comunista inconfesso e a mãe, que por compaixão em-

preguei temporariamente para serviços de limpeza, roubou o vinho da missa e trouxe amantes para fazer orgias na sacristia.”

“Há dois anos a Blum recebia hóspedes regularmente. O que era o apartamento dela? Um antro de conspiradores? Ponto de encontro de bandidos? Depósito de armas roubadas? Como é possível que essa empregada, de apenas vinte e sete anos, seja proprietária de um apartamento avaliado em 110.000 marcos? Recebia parte do despojo do assalto aos bancos? As investigações da polícia prosseguem. Os promotores públicos trabalham sem parar. Leiam mais detalhes amanhã. COMO SEMPRE O JORNAL ESTÁ EM TODAS! As próximas edições publicarão informações completas dos bastidores”. (9B:37)

O pastor de Gemmelbroich declarou o seguinte: “Dela espero tudo. O pai era um comunista encapotado e a mãe, a quem dei emprego por compaixão, roubava o vinho da consagração e entregava-se a orgias na sacristia com os amantes”.

“Há dois anos que a Blum recebe regularmente visitas de cavalheiros. A casa dela terá sido centro de conspiração, ponto de encontro do bando, esconderijo de armas? Como é que uma empregada doméstica de 27 anos terá conseguido comprar uma casa própria com o valor aproximado de 110 000 marcos? Teria parte no saque do bando? A Polícia continua as investigações. O gabinete do ministério público trabalha sem horário. Amanhã mais notícias. O “ZEITUNG“, COMO SEMPRE, EM CIMA DO ACONTECIMENTO. História completa na edição semanal de amanhã. (9P:37)

Em (9), o sintagma verbal *hatte... ausgesagt* é apresentado no original alemão no tempo verbal *Plusquamperfekt*, ou seja, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, cuja tradução em português seria “declarara” ou “tinha declarado”. No entanto, em ambas as versões, brasileira e portuguesa, este sintagma verbal foi traduzido como “declarou”, utilizando-se, portanto, o pretérito perfeito do indicativo. É possível que os tradutores tenham alterado o tempo verbal por acreditarem que esta seria a solução mais adequada, embora haja menção, no texto original, a outras ações no passado. Isto caracterizaria normalmente o uso do tempo verbal pretérito mais-que-perfeito, já que quando se tem duas ações no passado, a ação que aconteceu primeiramente é caracterizada pelo pretérito mais-que-perfeito. Este é mais um exemplo de codificação procedimental de mudança de tempo verbal assim como observáramos no trecho (5:29). Neste sentido, pode-

mos perceber que a mudança do tempo verbal tem implicações diretas para a geração de efeito contextual e também para o grau de semelhança interpretativa, já que com o tempo verbal *Plusquamperfekt* o texto tentou passar uma informação determinada que não foi recuperada pelo tradutor.

Ainda em (9), na tradução do sintagma nominal (...) *ein verkappter Kommunist / um comunista inconfesso / um comunista encapotado*, cabem duas considerações: Uma de caráter morfo-sintático e outra de caráter semântico. O sintagma acima mencionado é composto por um substantivo (*Kommunist / comunista / comunista*) e um adjetivo (*verkappt / inconfesso / encapotado*) que no original alemão antecede o substantivo e aparece declinado, ou seja, o adjetivo é marcado de acordo com o gênero do substantivo. (nesse caso *-er* que corresponde ao masculino). Na língua portuguesa existe a possibilidade do adjetivo ser anteposto ou posposto. A mudança da ordem vocabular do adjetivo em português implica em diferença de valor de verdade, isto é, a anteposição ou posposição do adjetivo muda o conteúdo semântico do sintagma. No entanto, no português optou-se pelo adjetivo posposto que é mais usual dentro desta língua e que corresponde de forma pertinente ao original. Nesse caso não há violação da codificação procedimental, nem mudança de valor de verdade. Também em relação à tradução do adjetivo desse sintagma, as diferenças lexicais não interferem no conteúdo semântico. Contudo, mais uma vez, deve-se atentar para a importância do contexto sócio-cultural. A tradução portuguesa do adjetivo “encapotado” é completamente estranha a um leitor brasileiro. O adjetivo “encapotado” no contexto brasileiro é usado como “coberto” ou “agasalhado” e não “disfarçado” ou “inconfesso”. Entretanto, um leitor português não teria problemas com a versão brasileira, pois o adjetivo “inconfesso” também faz parte do contexto sócio-cultural português. Segundo nosso informante português, o adjetivo “encapotado” significa “enrustido”, “não assumido”. Observa-se que essas considerações têm o mesmo caráter que aquelas tecidas sobre o uso do advérbio “lindamente” em (3).

Para teorias de caráter funcionalista, este procedimento tradutório dar-se-ia respaldado por processos de contextualização pragmática. À luz da TR, porém, esta contextualização pragmática tem uma explicação cognitiva e não apenas funcional. Este posicionamento é relevante no sentido de esclarecer que o texto de partida veicula através das marcas de codificação conceitual e codificação procedimental todas as instruções necessárias para que os ditos processos funcionais possam ser implementados a partir de sua base cognitiva.

Ainda em (9), no trecho(...) *erhielt seit zwei Jahren regelmäßig Herrenbesuch* / (...) *há dois anos a Blum recebia hóspedes regularmente*.(...) / *há dois anos que a Blum recebe regularmente visitas de cavalheiros* observa-se que o verbo *erhielt*, cujo tempo verbal é pretérito imperfeito é traduzido como “recebia” na versão brasileira e como “recebe” na versão portuguesa. Não apresentam, portanto, diferenças lexicais ou semânticas na tradução, mas sim diferenças gramaticais no tempo verbal, sendo esta uma marca de codificação procedimental, pois a mudança de tempo verbal pode implicar em mudança do valor de verdade do enunciado. Neste caso específico, as diferenças entre “recebia” e “recebe” ficam evidentes com relação a uma ação que não acontece mais ou que continua acontecendo. Assim como ocorreu no trecho (5:29), a violação da codificação procedimental implica em efeito contextual mais baixo. Este mesmo tipo de violação foi cometida pelo tradutor brasileiro (5:29) e pelo tradutor português em (9:49).

Embora a tradução brasileira mostre o tempo verbal correspondente ao original, ela omite uma informação importante ao traduzir o substantivo *Herrenbesuch* como “hóspedes”. Acredita-se que o comportamento do tradutor não foi ostensivo o bastante para passar ao leitor o máximo de informações possíveis com o menor esforço do mesmo, ou seja, o substantivo “hóspedes” pode significar uma variedade imensa de tipos de pessoas que fazem a visita, não sendo esse o caso no texto original. Esta é uma marca clara de mudança de valor de verdade do enunciado, através da violação da codificação conceitual. Não são quais-

quer “hóspedes” que fazem visitas regularmente, mas “cavalheiros”. Essa restrição, que é uma marca de codificação conceitual tem também que ser considerada, pois o leitor não seria capaz de deduzir que “hóspedes” são “cavalheiros”. Ressalta-se, neste sentido, que o não respeito à marca de codificação conceitual implica em um efeito contextual fraco e, conseqüentemente, baixa semelhança interpretativa.

Trecho (16)

Um zu klären, wie Götten zum Hausball der Frau Woltersheim hatte kommen können, wurde zuerst Frau Woltersheim selbst vernommen, und es wurde vom ersten Augenblick an klar, dass Frau Woltersheim dem gesammten sie vernehmenden Gremium gegenüber, wenn nicht ausgesprochen feinselig, so doch feindseliger als die Blum gegenüberstand. Sie gab an, 1930 geboren zu sein, also 44 Jahre alt, unverheiratet, von Beruf Wirtschaftlerin, undiplomiert. (16:84)

Para se esclarecer o comparecimento de Gotten na festa, a polícia passou a interrogar a senhora Woltersheim, e a partir do primeiro momento ficou evidente que ela estava revoltada com a equipe investigadora inteira, não mostrando oposição total, mas pelo menos de modo mais acentuado do que a Blum. Ela declarou que nasceu em 1930, portanto tinha 44 anos, que era solteira e exercia a profissão de maitre-d’hotel, sem diploma. (16B:62)

Para tirar a limpo como é que Götten fora à festa de Frau Woltersheim, e logo desde o primeiro momento se tornou óbvio que, relativamente ao conjunto dos funcionários que estavam a interrogá-la, Frau Woltersheim se apresentava, quando não absolutamente hostil, pelo menos mais hostil que Katharina. Declarou ter nascido em 1930, tendo portanto 44 anos, era solteira, de profissão ecónoma não diplomada. (16P:59)

Em (16:84) observa-se, como nos parágrafos anteriores, a presença de elementos lexicais distintos no original e nas traduções. Contudo, ressalta-se que esses elementos possuem propriedades lógicas comuns entre si. Essas diferentes opções não interferem no resultado final do texto. Porém, na última sentença, a tradução do substantivo *Wirtschaftlerin*, parece-nos questio-

nável, pois o mesmo foi traduzido como “maitre-d’hotel” na versão brasileira e como “ecónoma” na versão portuguesa. Observa-se aqui que não há a presença de propriedades lógicas comuns entre elas, ou seja, não há semelhança interpretativa. Poder-se-ia ter optado pelo substantivo “governanta”, que seria o mais pertinente dentro dos dois contextos. A palavra “maitre-d’hotel”, embora faça parte do contexto brasileiro, não é uma palavra muito utilizada. Além disso, há a questão de “maitre-d’hotel” e “ecónoma” não serem palavras sinônimas. Acredita-se, por isso, que ocorreu mudança no valor de verdade do enunciado. Uma vez que a profissão da personagem Katharina era de uma governanta, ela era uma pessoa entendida de economia doméstica e não uma economista relacionada a finanças. Se considerarmos os substantivos femininos em alemão *Wirtschafterin* (governanta) e *Wirtschaftlerin* (economista), poder-se-ia dizer que a semelhança lexical dos dois substantivos pode ter causado uma certa confusão no leitor/tradutor e neste caso o contexto seria responsável por uma tradução mais pertinente. Porém, não é tão simples assim, já que, pelo contexto, seria pertinente o uso dos dois substantivos, embora os substantivos apresentem conteúdos lexicais diferentes. Através desse exemplo pode-se observar que confusões deste tipo mostram que o tradutor não conseguiu obter efeito contextual nem semelhança interpretativa. Observa-se que a confusão do tradutor português é uma prova evidente de que o mesmo não conseguiu obter efeito contextual. Parece que ao traduzir *Wirtschafterin* como “ecónoma”, ele sofreu uma influência cognitiva de uma entrada lexical mais freqüente que foi processada automaticamente. Este é um exemplo do modelo *Bloco Adhoc*, apresentado por Königs (1987), no qual o tradutor, na maioria das vezes, inconscientemente, tem seu desempenho prejudicado por equivalências previamente estabelecidas.

Trecho (18)

Die Aussage von Hertha Scheumel wurde von ihrer Freundin Claudia Stern fast wörtlich bestätigt. Lediglich in einem einzigen, unwesentlichen Punkt ergab sich ein Widerspruch. Sie habe nämlich

nicht zwei-, sondern dreimal mit dem Scheich Karl getantz, weil sie früher von Karl als Hertha von Götten zum Tanz aufgefordert worden sei. Und auch Claudia Sterm zeigte sich erstaunt darüber, wie rasch die als spröde bekannte Katharina Blum mit Götten vertraut, ja fast vertraulich geworden sei. (18: 94)

Claudia Sterm confirmou, quase literalmente, o depoimento de Herta Scheumel. Na verdade só houve contradição num único ponto significativo. Ela não dançara duas vezes com o xeque Karl, mas três, porque Karl havia convidado Claudia para dançar antes de Gotten convidar a Herta. Também Claudia Sterm declarou-se surpresa pela rapidez com que Katharina, notoriamente pudica, se familiarizou, quase intimamente, com Gotten. (18B:69)

As declarações de Hertha Scheumel foram quase textualmente confirmadas pela amiga Claudia Sterm. Só num ponto, aliás não é essencial, é que não houve concordância. É que ela tinha dançado não duas, mas três vezes, com o Karl, o tal vestido de xeque, porque o Karl tinha-a convidado para dançar antes de o Götten convidar a Hertha. E também ela se surpreendera com a rapidez com que a Katharina, geralmente tida na conta de puritana, se familiarizara com Götten, quase se diria com intimidade. (18P:66)

Na primeira frase do trecho (18) observa-se que, na versão portuguesa, a ordem vocabular do original alemão e a opção pela voz passiva não foram alteradas. Contudo, enquanto que no original o substantivo *die Aussage* aparece no singular, na tradução portuguesa utilizou-se o plural “as declarações”. Na versão brasileira, o tradutor optou pela mudança da ordem vocabular e da voz passiva para voz ativa e o sujeito que anteriormente era o substantivo *die Aussage* (depoimento) passa a ser o substantivo próprio *Claudia Sterm*. Esta mudança aconteceu também nos trechos (6:34-35) e (15:79). Acredita-se que essa inversão é um meio utilizado pelo tradutor em sua busca para obter semelhança interpretativa, já que muitas vezes uma tradução que obedece a ordem vocabular, tempo, modo e voz verbais não tem um resultado tão satisfatório, isto é, o efeito contextual gerado pode não ser forte. Nota-se que o substantivo *Freundin* (amiga) foi suprimido da versão brasileira por consequência da inversão da ordem

vocabular. Essa supressão acaba interferindo no conteúdo semântico do enunciado, já que o valor de verdade foi mudado. Não foi qualquer pessoa que confirmou o “depoimento/as declarações de Herta Scheumel, mas sim sua amiga Claudia Sterm”, informação que não deveria ter sido suprimida, pois essa restrição é uma marca importante de codificação conceitual que, neste caso, ao ser suprimida implicará em baixo efeito contextual, apresentando, por conseguinte, uma baixa semelhança interpretativa na tradução.

Trecho (21)

Hatte man nicht Schlimmeres überstanden: das Elend der Kindheit, die Ehe mit diesem miesen Brettloh, die Trunksucht und “milde ausgedrückt Verkommenheit von Mutter, die ja letzten Endes doch auch für Kurts Straucheln verantwortlich ist”. War Götten nicht zunächst in Sicherheit und sein Versprechen, sie zu holen, ernst zu nehmen? War nicht Karneval, und war man nicht finanziell gesichert? Gabs nicht so furchtbar nette Leute wie die Blornas, die Hiepertz, und war nicht auch der “eitle Fatzke”- man scheute sich immer noch, den Herrenbesuch beim Namen zu nennen - im Grunde eine belustigende und keineswegs eine bedrückende Erscheinung? (21:109)

Ora, ela já havia passado por situações mais difíceis: a miséria na infância, o casamento com aquele desprezível Brettloh, o alcoolismo e “sem exagero”, os descaminhos da mãe que, em última análise, também havia motivado os tropeços de Kurt”. Gotten agora não corria perigo, ela podia confiar na promessa de que ele viria buscá-la, não é? Era carnaval, não havia dificuldades financeiras, não é? Havia pessoas tão imensamente gentis como os Blorna, os Hiepertz, e não reconhecia ela que até mesmo pensar a respeito do “bobalhão convencido”- ainda temiam citar o nome do hóspede – no fundo só divertia e não deprimia? (21B:80)

Ela já tinha passado por coisas piores, não é verdade?: a infância miserável, o casamento com aquele patife do Brettloh, o alcoolismo e, “usando linguagem suave, a depravação da mãe, que, a falar a verdade, é responsável pelas faltas de Kurt”. Não estava Götten em segurança e não era de tomar a sério as suas promessas de a vir buscar? Não era Carnaval e não tinha ela uma boa situação

económica? Não é verdade que havia tanta gente simpática como os Blorna e os Hiepertz e que “aquele janota” (continuavam a hesitar em nomear o “visitante masculino”) no fundo não era uma personagem sinistra, mas até divertida? (21P:75)

Em (21) observa-se na primeira frase desse trecho que tanto o tradutor português quanto o brasileiro decidiram traduzir *man* como “ela”, fazendo menção explícita à personagem de Katharina, o que não aparece no original. Esse também parece ser um exemplo de comportamento ostensivo do tradutor para facilitar o processo inferencial do leitor. É também um exemplo de violação tanto da codificação conceitual quanto procedimental, com o objetivo de garantir um comportamento ostensivo que possibilite um comportamento inferencial mais congruente ao efeito contextual desejado. Questiona-se se é pertinente alcançar efeito contextual através deste recurso. A TR e Gutt (1991) acreditam que não, pois postulam que o emissor/tradutor deve ter um comportamento ostensivo, sem, no entanto, violar marcas de codificação conceitual e codificação procedimental dentro do texto de partida. Para eles quanto maior for a violação das marcas, menor será o efeito contextual.

Ainda em (21), na tradução da frase (...) “*eitle Fatzke*”- *man scheute sich immer noch, den Herrenbesuch beim Namen zu nennen (...)* / “bobalhão convencido”- *ainda temiam citar o nome do hóspede / (...)* “aquele janota”(continuaram a hesitar em nomear o “visitante masculino”), observa-se na primeira parte a presença da expressão *eitle Fatzke*, que pode ser entendida como uma pessoa arrogante, e que nas traduções aparece com um conteúdo semântico diferenciado. Para um leitor brasileiro, uma pessoa arrogante parece ser diferente de um “bobalhão convencido”. A mesma expressão foi traduzida em (21P:75) como “aquele janota”, que para um leitor português pode significar...”bonito, elegante, todo bem vestido, bem apresentado, etc.”, que também não significa necessariamente ser uma pessoa arrogante. Isto mostra, mais uma vez, que os tradutores brasileiro e português violaram as marcas de codificação conceitual dando ao texto final uma informação diferente daquela veiculada no texto original. Obser-

va-se que essa violação, à luz da TR, implica num efeito contextual baixo e, conseqüentemente, em baixa semelhança interpretativa.

Trecho (34)

Nicht Bankraub, sondern totale Ausplünderung eines Safes, der den Wehrosold für zwei Regimente und erhebliche Geldreserven enthielt; außerdem Bilanzfälschung, Waffendiebstahl. Nun, man muß auch für ihn mit acht bis zehn Jahren rechnen. Es wäre dann bei seiner Entlassung etwa vierunddreißig, Katharina wäre fünfunddreißig, und sie hat tatsächlich Zukunftspläne: sie rechnet damit, dass sich ihr Kapital bis zu ihrer Entlassung erheblich verzinst und will dann "irgendwo, natürlich nicht hier" ein "Restaurant mit Traiteurservice" aufmachen. (34:174)

Gotten não assaltara um banco, mas saqueara um cofre, contendo dinheiro do soldo de dois regimentos inteiros e um considerável capital de reserva; além disso, ele falsificara documentos na contabilidade e roubara armas. Assim, poder-se-á prever que ele será condenado a uns oito ou dez anos. Desse modo, sua libertação se dará aos trinta e quatro anos de idade, e a de Katharina aos trinta e cinco. Realmente, ela já planeja o futuro: pelos cálculos, o capital dela aumentará bastante com os juros, e, Katharina pretende abrir "um restaurante, com capacidade para recepções e festas, em qualquer lugar, evidentemente não aqui". (34B:127)

O seu crime não foi assalto a banco, mas o roubo de todo o dinheiro de um cofre que continha o soldo de dois regimentos, além de importantes reservas em dinheiro; para além disto, é acusado de falsificação de contas e roubo de uma arma. Enfim, também se conta com uma sentença de oito a dez anos para ele. Quer dizer que, quando for libertado, terá 34 anos e Katharina terá 35 e ela faz realmente planos para o futuro: calcula que, quando for libertada, o seu capital terá aumentado consideravelmente com os juros, e nessa altura abrirá "em qualquer lado, aqui não, evidentemente", um restaurante com refeições para levar para casa. (34P:117)

Em (34) há variações lexicais que são irrelevantes para o conteúdo semântico. Porém, deve-se observar que há diferenças lexicais e semânticas no que se refere à palavra *Traiteurservice*,

na passagem: (...) *dass sich ihr Kapital bis zu ihrer Entlassung erheblich verzinnt und will dann "irgendwo, natürlich nicht hier" ein "Restaurant mit Traiteurservice" aufmachen/ (...) / o capital dela aumentará bastante com os juros, e, Katharina pretende abrir "um restaurante, com capacidade para recepções e festas, em qualquer lugar, evidentemente não aqui" / (...) a seu capital terá aumentado consideravelmente com os juros, e nessa altura abrirá" em qualquer lado, aqui não, evidentemente", um restaurante com refeições para levar para casa.* Parece haver claramente a presença de codificação conceitual, pois as diferenças mudam o valor de verdade do enunciado. Na versão brasileira, *Traiteurservice* é entendido/traduzido como sendo "um restaurante com capacidade para refeições e festas", ou seja, no contexto brasileiro um "buffet", lugar no qual festas podem ser realizadas ou organizadas. No entanto, na versão portuguesa, o substantivo *Traiteurservice* é apresentado como sendo um restaurante com "refeições para levar para casa". Segundo um falante nativo da língua francesa, língua que dá origem ao substantivo em questão), a palavra *Traiteurservice* pode ter os dois significados citados na tradução, o que dificultaria saber qual seria realmente o valor de verdade contido no enunciado. Nesse caso, tanto o tradutor português quanto o brasileiro respeitaram a codificação conceitual veiculada através do original. O efeito contextual, contudo, fica prejudicado. Pode ser que, por um lado, a palavra *Traiteurservice*, por ser uma palavra estrangeira, talvez não faça parte do ambiente cognitivo dos tradutores. Por outro lado, pode revelar opções específicas dos contextos sócio-culturais envolvidos.

3.1. Considerações sobre a Análise das Traduções Brasileira e Portuguesa

Ao desenvolvermos nossas considerações sobre as traduções brasileira e portuguesa, é importante ressaltar que, embora tenham sido analisados de forma isolada, os trechos não se encontram descontextualizados. Esta pesquisa considera o contex-

to um fator determinante para a realização de uma tradução, não sendo possível ignorar sua importância. Deve-se ressaltar que um tradutor deve possuir não só um nível elevado de proficiência das línguas de partida e de chegada, como também estar inteirado dos fatores sócio-culturais que as envolvem. Neste contexto, poderíamos dizer que, a luz da TR, a análise desenvolvida constatou-se que:

As diferenças lexicais são inúmeras, mas, quase sempre, processualmente irrelevantes.

Na maioria dos trechos não houve mudança nas condições de verdade veiculadas por estes itens lexicais. Este fato reforça a idéia de que o respeito às marcas de codificação conceitual e codificação procedimental influencia diretamente o texto de chegada, ou seja, a tradução. Constatou-se, portanto, que na maioria dos trechos, apesar das diferenças lexicais, as propriedades lógicas entre língua de partida e de chegada são congruentes entre si, havendo, por conseguinte, semelhança interpretativa significativa e efeito contextual de alto grau no que se refere ao *corpus* como um todo.

As diferenças nas traduções entre as duas línguas existem não só no nível pragmático, mas também no lingüístico:

Algumas categorias como voz (ativa e passiva); modo, tempo e aspecto verbais; inversão de ordem vocabular; e anteposição e posposição de adjetivos foram categorias sistematizadas com o objetivo de facilitar a análise. É importante ressaltar que essas categorias serviram apenas de instrumento para a análise, uma vez que cada língua tem suas características lingüísticas próprias, como se pode ver, entre outros, pelos seguintes exemplos:

- No idioma alemão usa-se voz passiva mais frequentemente que no português brasileiro e europeu;
- português brasileiro e europeu têm padrões bastante diferenciados de marcação aspectual;
- Em muitos trechos o uso de determinadas palavras ou expressões difere de uma língua para outra sem, no en-

tanto, ter o seu conteúdo semântico modificado. A esse uso diferenciado dá-se o nome de contextualização cultural, que confere ao texto de chegada a informação veiculada pelo texto original de maneira acessível e próxima da língua/cultura em questão. A importância de se contextualizar culturalmente não implica necessariamente em violação de marcas de codificação conceitual e codificação procedimental.

- A violação de marcas de codificação conceitual e procedimental ocorrem nas traduções brasileira e portuguesa.

Segundo Gonçalves (2000), as marcas de codificação conceitual e procedimental foram violadas em maior número na versão portuguesa, atingindo, por conseguinte, um menor grau de semelhança interpretativa e também um efeito contextual mais baixo. No entanto, outros leitores acreditaram que a versão brasileira apresenta um efeito contextual menor. Isso parece reforçar a premissa da TR de que os contextos são variáveis e dependentes do ambiente cognitivo de cada leitor/interlocutor.

- A tradução direta mostra que os conceitos de equivalência e adequação podem ser melhor substituídos pelo conceito de semelhança interpretativa.

Dá-se o nome de uso interpretativo interlingual à busca de semelhança interpretativa entre duas formas proposicionais derivadas de dois sistemas lingüísticos distintos. Esse uso interpretativo, especificamente neste trabalho, inclui também o conceito de tradução direta. Gutt (1991) propõe que a tradução direta pressupõe um entendimento do original e esse entendimento se dá através do respeito às marcas de codificação conceitual e procedimental existentes no texto de partida. Dessa forma, é possível prescindir de conceitos como equivalência, defendido por Catford (1965) e Nida (1964), e adequação, postulado por Reiß & Vermeer (1984), em favor da semelhança interpretativa que

funciona como direcionadora de restrições lingüísticas e pragmáticas entre uma forma proposicional na língua de partida e sua forma proposicional correspondente na língua de chegada.

4. Conclusão:

Um dos fatores que motivou a realização desta pesquisa foi a constatação de que os Estudos da Tradução, embora bastante aprofundados, ainda revelam-se bastante incipientes, pois não se chegou à formalização de uma Teoria Geral de Tradução. A procura por um conceito geral que fundamentasse uma tal teoria deu origem à diferenciação entre a tradução enquanto produto, cujo objeto de estudo consiste, basicamente, em textos de chegada, e a tradução enquanto processo, associada às características processuais do ato de traduzir. O que se propôs nesta pesquisa não foi a análise de processos mentais envolvidos no ato tradutório. Seu objeto de estudo foram produtos finais, que nesta pesquisa são traduções de um mesmo texto para uma mesma língua, porém, em contextos culturalmente diferenciados, tendo-se, portanto, uma pesquisa de caráter intralingual e intercultural.

Este trabalho foi desenvolvido através de uma análise textual das traduções do romance alemão “A honra perdida de Katharina Blum” de Heinrich Böll (1974) para o português brasileiro e europeu. Através dessa análise, pôde-se comprovar que contextos diferenciados influenciam a tradução, uma vez que os tradutores encontram-se sujeitos “cognitivamente” a influências contextuais. Através das propostas de Gutt (1991) e Alves (1995/1997), nas quais o Princípio de Relevância é aplicado a processos de tradução, é possível investigar a busca de semelhança interpretativa como sendo o resultado de um efeito contextual entre duas formas proposicionais distintas lingüisticamente e que compartilhem de algumas propriedades lógicas entre si. Como afirmamos várias vezes ao longo deste capítulo, o efeito contextual é atingido através da manipulação de marcas de codificação conceitual e procedimental existentes no texto de partida. Argumenta-se através dos trechos analisados que: a) quan-

to maior o respeito às marcas de codificação conceitual e procedimental, maior será o efeito contextual gerado, e b) conseqüentemente, maior será a congruência em termos de semelhança interpretativa entre as formas proposicionais de dois sistemas lingüísticos distintos.

À luz da TR, pode-se dizer que o Princípio de Relevância revelou-se uma característica mental inerente ao trabalho dos tradutores. Este princípio atua em contextos diferenciados, direcionando os mecanismos inferenciais do ser humano e, especificamente em processos de tradução, buscando um maior efeito contextual com o menor esforço cognitivo na busca de semelhança interpretativa. O Princípio de Relevância atua também na contextualização do texto de chegada, congregando, ao mesmo tempo, o contexto do texto de partida e as particularidades da língua e da cultura de chegada.

Finalmente, em relação aos objetivos específicos desta pesquisa, constata-se que: (1) o respeito ou a violação de marcas de codificação conceitual e codificação procedimental implica diretamente no resultado do texto de chegada. Na maioria das vezes, a violação dessas marcas tende a gerar um efeito contextual mais baixo/fraco e, conseqüentemente, semelhança interpretativa com baixa congruência, e (2) as características dos trabalhos do tradutor brasileiro e do tradutor português são semelhantes no que se refere à busca de semelhança interpretativa através da manipulação de marcas de codificação conceitual e codificação procedimental. Ambos priorizam os dois tipos de codificação, mas também muitas vezes as violam. Ressalta-se, para efeitos da análise aqui desenvolvida que, a nosso ver, o tradutor português violou em maior número de vezes as marcas de codificação conceitual e procedimental, conferindo ao texto de chegada um grau menor de semelhança interpretativa.

5. Referências Bibliográficas

ALVES, F. Zwischen Schweigen und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke? Hamburg: Dr. Kovac, 1995.

_____. Lançando Anzóis: uma análise cognitiva de processos mentais em tradução. Revista de Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 1996, páginas 77-90 n° 2/4

_____. A formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino. Revista TradTerm, 4(2), 2° semestre de 1997, p.19-40

_____. A semelhança interpretativa como a base cognitiva dos padrões de tomada de

decisão no decorrer do processo tradutório, 2000 no prelo

_____. In Search for a Definition of Translation Competence, Proceedings of the

XXIII AILA Congress, Tokyo: Aila Committee, 5pp, 2000 a, no prelo

BÖLL, H. A honra perdida de Katharina Blum 2.ed. Trad. Maria Helena Rodrigues de Carvalho. Publicações Europa-América, 1974

_____. A honra perdida de Katharina Blum ou possíveis origens e caminhos da violência. Trad. Klaus Schell. Editora Artenova S.A, 1976.

_____. Die verlorene Ehre von Katharina Blum mit Materialien und einem Nachwort des Autors Kiepenheuer & Witsch, Köln, 1974.

CATFORD, J.C. A linguistic theory of translation. Oxford: Oxford University, 1965

GUTT, E. A. Translation and Relevance: Cognition and context Oxford: Blackwell, 1991.

_____. Communication across cultures: Translation theory and Contrastive text linguistics. Exeter: The University of Exeter Press, 1997.

KÖNIGS, F.G. Was beim Übersetzen passiert. Theoretische Aspekte, empirische Befunde Und praktische Konsequenzen. Die neueren Sprachen, 2 1987, p.162-185.

_____. Wie theoretisch muss die Übersetzungswissenschaft sein? Gedanken und Theorie-Praxis Problem, Taller de Letras, 18, 1990

NIDA, E. Toward a science of translating. Leiden: E.J.Brill, 1964.

REIß, K.& VERMEER, H.J. Grundlegung einer allgemein
Translationstheorie. Tübingen: M. Niemeyer,1984.

SPERBER, D.& WILSON, D. Relevance: Communication and
Cognition. Oxford: Blackwell, 1986/1995.

WILSON, D. & SPERBER, D. Linguistic Form and relevance.
In: Lingua- International Review of General Linguistics.
Amsterdam, 1993.

Capítulo 7

TRADUÇÃO E TEORIA DA RELEVÂNCIA: a semelhança interpretativa na tradução d’Os Cadernos de Malte Laurids Brigge²⁷

Mércia Elena de Souza Costa²⁸

0. Introdução

Este capítulo apresenta discussões, resultados e conclusões desenvolvidas no trabalho de Mestrado de Costa (2000) intitulado *Weltinnenraum* e Teoria da Relevância: a semelhança interpretativa na tradução d’*Os cadernos de Malte Laurids Brigge*. A pesquisa partiu de uma proposta de análise de tradução literária com base nos estudos desenvolvidos pela Teoria da Relevância (daqui em diante, TR). O resultado da análise da tradução demonstrou que, a partir dos conceitos de **efeito contextual** e **semelhança interpretativa**, tem-se uma melhor compreensão e identificação mais eficiente das diversas estratégias utilizadas pela tradutora.

1. Quadro Teórico: cognição e contextualização

Já se viu ao longo deste livro que a TR não é uma teoria específica da tradução. Ela tenta explicar a inter-relação entre comunicação e cognição, tomando como ponto de partida a relação entre texto e contexto, relação esta evidenciada em qualquer

²⁷ Este capítulo apresenta resultados da Dissertação de Mestrado defendida em 31 de agosto de 2000, na Faculdade de Letras da UFMG, sob a orientação do Professor Doutor Fábio Alves da Silva Júnior.

²⁸ Mestre em Linguística Aplicada: Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Linguísticos da FALE-UFMG.

ato de comunicação, inclusive a tradução. Sperber e Wilson, os formuladores da TR, chamam a atenção para o caráter ostensivo-inferencial da comunicação, através do qual é possível detectar como e quais suposições contextuais são evidenciadas em e derivadas de um enunciado, que reproduz, mesmo que não completamente, uma intenção de comunicação por parte do emissor. A compreensão do enunciado é uma tarefa inferencial na medida em que implica, da parte do receptor, na construção e confirmação de uma hipótese sobre a intenção do emissor, buscando modificar e melhorar uma determinada representação de mundo. O Princípio de Relevância dita que tanto cognição quanto comunicação tendem a ser orientadas em termos de maximização de relevância, a qual é tomada como uma relação (P) e um leque de suposições contextuais (C), onde são gerados os efeitos contextuais. Segundo a TR, o Princípio de Relevância é o propulsor tanto da comunicação quanto da cognição dos seres humanos, possibilitando-os selecionar as diferentes configurações de contexto na interpretação não apenas de um enunciado ou de uma obra, mas de suas inter-relações com o mundo.

Sperber e Wilson apresentam vários aspectos que devem ser levados em conta na interpretação de um enunciado, já que esses evidenciam a competência lingüística do falante/ouvinte em manipular e acessar informações através de inferências sobre as intenções envolvidas. Neste sentido, a relevância de um enunciado varia de acordo como a informação disponibilizada para a audiência. Complementarmente, um enunciado expressa instruções do tipo conceitual ou procedimental: as primeiras referem-se à sua forma lógica, recuperada por dedução; as últimas à sua forma proposicional, obtida pelo enriquecimento inferencial da forma lógica do enunciado.

1.2. Semelhança interpretativa e efeito contextual

Afirma-se na TR, que dois enunciados têm semelhança interpretativa quando compartilham explicaturas e implicaturas (cf. Alves no capítulo 4 deste livro). Qualquer suposição comu-

nicada não-explicitamente pelo enunciado e derivada da interação entre a informação codificada por ele e as suposições contextuais é uma implicatura (cf. Rouchota 1992). Por outro lado, o desenvolvimento de uma forma lógica codificada num enunciado é denominado explicatura, derivada de inferências a partir da combinação de representações conceituais de codificação lingüística e suposições contextuais (cf. Wilson & Sperber 1993). Um enunciado é, assim, um conjunto de instruções de como processar as informações que estão sendo comunicadas de maneira explícita ou não. Se o que se evidencia é o significado mais elementar, o contexto mais básico, é este que será acessado pelo ouvinte mais facilmente; o Princípio de Relevância garante que o emissor produza, ainda, suficiente efeito contextual para atrair a atenção do receptor.

Segundo a TR, um efeito contextual é obtido a partir da modificação de contexto, caracterizado por fortalecimento, eliminação ou combinação das suposições contextuais existentes. Esta operação demanda esforço de processamento, medido a partir da complexidade lingüística do enunciado, da acessibilidade do contexto e do esforço inferencial na computação dos efeitos contextuais no contexto escolhido (cf. Smith & Wilson, 1992). Assim, cada enunciado consta de diferentes instruções, na medida em que evidencie este ou aquele aspecto da intenção do falante. A abordagem defendida pela TR aponta-nos para a linguagem como refletindo mais ou menos literalmente uma determinada representação, como expressão da atitude do falante frente a um pensamento qualquer. O pensamento e conseqüentemente a linguagem são utilizados, segundo esta abordagem, de forma descritiva ou interpretativa, sendo um enunciado uma descrição de uma determinada situação real ou desejada, ou ainda uma interpretação mais ou menos literal de uma determinada representação ou de um pensamento.

1.3. Aplicação da TR aos Estudos da Tradução

Enquanto objeto de estudo, a tradução constitui-se num material rico e atraente, dado a complexidade de seu campo de

atuação. Ela ilustra muito bem as mudanças de contexto, que são postas em evidência pela ordenação diversa numa e noutra língua. Estas modificações direcionam o modo como um enunciado é processado e entendido (cf. Trotter 1992:14). Neste contexto, o Princípio de Relevância aparece como o elo de ligação entre diferentes traduções, nas quais pode-se entrever que suposições contextuais são evidenciadas no texto de partida e geradas no texto de chegada (ou seja, o que é relevante para autor e tradutor). Autores e tradutores fazem escolhas que melhor sirvam a seus propósitos comunicativos, determinando o contexto com uma certa relação com a língua na qual a obra é produzida. Estas escolhas determinam as modificações, evidenciadas por diferenças lingüístico-culturais, ou, ainda, por diferenças de estilo. Para Gutt (1991), que primeiramente aplicou a TR aos Estudos da Tradução, estilo refere-se ao modo como o escritor expressa seus pensamentos. Afirma que a tradução é um tipo de uso interpretativo da língua: a tradução indireta porque dá indicação do que se intenciona dizer e não do que é dito; a tradução direta porque utiliza-se de algo para representar, não o que ele descreve, mas aquilo com o qual ele se assemelha.

2. Aspectos Metodológicos

Neste capítulo, utiliza-se como *corpus* a edição brasileira d'*Os cadernos de Malte Laurids Brigge*, de Rainer Maria Rilke para fins de uma análise à luz da TR sobre a tradução feita por Lia Luft. A escolha de um texto literário se deu devido à riqueza do material de comparação, já que os escritores oferecem diferentes tipos de relevância ao aumentarem o esforço de processamento em busca de um maior efeito contextual (cf. Trotter, 1992). Nesta análise contrastiva entre texto de partida e texto de chegada são apontadas algumas estratégias executadas na tradução de diferentes categorias ou unidades de tradução (daqui em diante, UT). As UTs são aqui tomadas como elementos variáveis, sendo ampliadas e diminuídas de acordo com o comportamento ostensivo do tradutor (cf. Alves 1995). Para fins de análise, utiliza-se

os conceitos de efeito contextual e semelhança interpretativa, com o objetivo de se demonstrar em que medida texto de partida e texto de chegada compartilham similaridades e em que medida se diferenciam. Ambos os resultados são alcançados a partir da atuação do Princípio de Relevância, configurando a competência da tradutora em reproduzir/recrutar uma obra de arte em outra língua, em outra cultura.

3. Análise: identificação das estratégias da tradutora

Inicialmente, a análise desenvolvida procurou identificar ao longo da tradução as estratégias utilizadas por Lia Luft para a elaboração do texto de chegada em português. Identificaram-se duas estratégias principais, quais sejam, tradução direta; tradução indireta; e cinco subestratégias, a saber, omissões; acréscimos; substituição de UTs; mudanças de atitude; e efeitos poéticos. Essas estratégias e subestratégias encontram-se exemplificadas a seguir e são comentadas, em detalhes, na seção 4 deste capítulo.

3.1. Tradução direta

A tradução direta aparece na TR como a tentativa de fazer coincidir a interpretação de um enunciado com aquela pretendida pelo autor. Segundo Gutt (1991), constitui uso interpretivo da língua, e exemplifica um tipo de tradução que preserva todas as propriedades lingüísticas do original, como no exemplo abaixo.²⁹

Ich lerne sehen. (710) → “Estou aprendendo a ver.” (6)

Neste exemplo de tradução direta, não há o acréscimo ou a omissão de nenhum termo. Segundo a TR, a identificação da

²⁹ Todos os exemplos em alemão foram retirados de Rilke 1966; os em português, de Rilke 1979. Os números entre parênteses indicam as respectivas páginas nestas edições.

semelhança entre duas formas proposicionais também é guiada pelo Princípio de Relevância, não constituindo a tradução direta nem uma norma nem um modelo, mas apenas um aspecto da compreensão como qualquer outro. A literalidade evidencia nada mais que uma intenção do tradutor, a saber, a de ser relevante. Ela alcança maior relevância à medida que demanda menor esforço. Caso contrário, não alcançará o efeito contextual desejado. Muitas vezes, é justamente o menor esforço o que se busca, quando se traduz algo de maneira direta, já que desta forma são geradas explicaturas ou implicaturas fortes. Uma implicatura forte demanda conseqüentemente menor esforço, e eventualmente diminuição do efeito contextual. Aí se encontra a razão da dificuldade ou não-necessidade de se traduzir sempre de maneira direta, a saber, a busca por maiores efeitos contextuais. Na tradução direta pode-se detectar diferentes marcas lingüísticas. Algumas diferenças encontradas para o par de línguas alemão-português foram: omissão ou presença do sujeito; forma verbal distinta (presente simples vs presente contínuo; ocorrência ou não de preposição; a posição do adjetivo em relação ao substantivo; etc).

Há vários graus de literalidade, tanto quanto de relevância. O fenômeno da interferência pode ser interpretado como um caso extremo de tradução direta, ou seja, de semelhança com o pensamento do autor. Na tradução de palavras compostas, da língua alemã para a língua portuguesa, ocorre esse fenômeno. N' *Os cadernos*, Lia Luft traduz *ein goldbeiniger Tisch* (716) por "uma mesa de pernas douradas" (10). Esse exemplo pode ser tomado como um caso claro de interferência da língua de partida na elaboração do texto de chegada. Isto gera em português um menor efeito contextual e requer maior esforço processual, já que neste contexto o usado é pé da mesa e não pernas. No texto, outros exemplos de transferência ocorrem não apenas com adjetivos compostos, mas também com substantivos e verbos, e ainda na combinação de advérbios, de adjetivos, de substantivos e adjetivos.

3.2. Tradução indireta

Na tradução indireta, a modificação de contexto ocorre não devido a uma imposição lingüística, mas a uma escolha pessoal, caracterizando o estilo do escritor e do tradutor. Propomos em termos gerais a análise e listagem destas estratégias através das seguintes subcategorias da tradução: omissão, acréscimo e substituição de Uts; mudanças de atitude e efeitos poéticos.

3.2.1. Omissões

Em várias passagens, a tradutora optou por excluir uma determinada unidade de tradução, por motivos os mais diferentes. Esta atitude não reflete necessariamente uma incompetência por parte da tradutora, mas simplesmente uma estratégia. Alguns tipos de omissão podem acarretar mudanças significativas.

Ao traduzir

bei so enormer Produktion (713) → “e numa produção destas” (8)

Lia Luft consegue menor efeito contextual, já que a omissão do adjetivo *enormer* (enorme) significa menos implicaturas e, conseqüentemente, menos participação do leitor. Uma omissão pode tanto enfraquecer quanto fortalecer uma implicatura, conseguindo maior ou menor efeito contextual, com maior ou menor esforço.

3.2.2. Acréscimos

Uma outra estratégia utilizada pela tradutora é o acréscimo de elementos ao texto. Nesse caso, a intenção parece ser, na maioria das vezes, explicitar aquilo que o autor deixa implícito. No exemplo seguinte isso fica claro:

Diese Frauen, die sehr alt und klein wurden. (720) → “As mulheres, que iam envelhecendo e diminuindo de tamanho.” (12)

Neste exemplo, observa-se a explicitação do verbo diminuir ao se acrescentar “de tamanho” em português. Embora este significado esteja explícito no texto de partida, o resultado no texto de chegada soa como explicitação a mais. Há também casos onde um determinado significado está implícito, como no exemplo a seguir:

Der Dritte, ist das Leichte der Aufgabe, ihn konnten sie alle. (725)
→ “O terceiro, é o lado fácil desta tarefa, todos conseguem executá-lo.” (15)

Também neste caso, trata-se de explicitação, optando a tradutora por evidenciar cada detalhe, não deixando muito espaço para ser completado pelo leitor. Na TR, uma implicatura será mais forte se ela traz pouca possibilidade de escolha, e, do mesmo modo, será mais fraca se apresenta ao receptor/leitor um amplo leque de possibilidades de recuperá-la. Sendo assim, a explicitação é um caso de implicatura forte e conseqüentemente colabora para a relevância enquanto demanda menor esforço; resulta, entretanto, em menor efeito contextual. Como afirma Gutt (1996: 248), “a explicação de uma informação implícita muda o significado do texto traduzido.”

3.2.3. Substituição de UTs

Um outro exemplo claro de implicatura forte acontece quando a tradutora opta por traduzir uma determinada unidade diferentemente ao longo do texto. O verbo *sein* (ser/estar) parece nunca ser/estar explícito o suficiente para a tradutora, que o traduz ora como um, ora como outro verbo, dependendo do contexto em que aparece, como no exemplo abaixo:

Neben dem Eingang waren die Preise. (709) → “Ao lado da entrada, os preços expostos.” (5)

Como se pode observar, trata-se de acréscimo do adjetivo “expostos” e de omissão, neste caso, do verbo “estar”. Am-

bos os casos constituem diferenças estilísticas, governadas pelo Princípio de Relevância, diferindo apenas no modo como a relevância é alcançada (cf. Serber & Wilson 1986/95).

3.2.4. Mudanças de atitude

Uma outra estratégia da tradutora pode ser observada no exemplo a seguir:

Unterschiede macht ihr keine, ich weiss. (745) → “Não, vocês não fazem distinção, sei disto.” (26)

Diferentemente dos exemplos acima mencionados, aqui não se trata de acréscimo ou omissão de um conceito. A diferença está na ordem da frase, alterada no texto de partida, direta no texto de chegada. O deslocamento evidente de um termo da frase contribui para a interpretação do enunciado, na medida em que chama a atenção não necessariamente para este termo, mas sim para o falante que se utiliza desta estratégia. Também a estrutura do enunciado pode ser tomada como evidência de uma intenção qualquer do falante. Ela reflete, pois, um procedimento num enunciado. Há outras marcas de codificação procedimental num enunciado. As *Partikeln* (partículas) da língua alemã constituem exemplos deste tipo de codificação. Neste tipo de situação, a tradutora optou por omiti-las ou por traduzi-las, evidenciando um diferente tipo de instrução, como no exemplo abaixo:

Wenn ich mich verändere, bleibe ich ja doch nicht, der, der ich war. (711) → “Se me modifico, já não sou aquele que fui.” (7)

Ultrapassa o objetivo deste trabalho analisar as diferenças contextuais entre *ja doch*, em alemão, e “já”, em português. Há vários estudos sobre as implicaturas contextuais de determinadas marcas lingüísticas do enunciado (cf. Ariel 1988; Blakemore 1996). Interessa-nos, entretanto, que ambos os termos codificam não apenas um determinado conceito, refletem mais um posicionamento frente ao enunciado. O mesmo pode ser dito de

alguns advérbios, conjunções e pronomes (cf. Wilson & Sperber 1993; Ariel 1988; Carston 1993). Todos esses exemplos representam marcas de codificação procedimental e são analisados no presente trabalho.

3.2.5. Efeitos poéticos

Finalmente, um outro modo de observar a estratégia utilizada, revelando a intenção por trás dela, é analisar a tradução de uma determinada unidade de tradução ao longo do texto, como vimos acima o caso do verbo *sein* (ser/estar). Na TR, este processo configura uma operação de refinamento/enriquecimento do item lexical.

Vejamos outro exemplo:

Verlangte Freunde zu sehen, Frauen und Verstobene, und verlangte, selber zu sterben: verlangte. (718) → “Queria ver amigos, mulheres, mortos, pedia para morrer também: exigia.” (11)

Num único período a tradutora traduziu o mesmo verbo por três diferentes. Não se trata de tradução inadequada, como pretendem uns, ou livre, como querem outros, mas simplesmente uma estratégia de evitar a repetição. Isto exemplifica mais um caso de tradução indireta, onde a intenção da tradutora fica evidente. No entanto, outro aspecto deve ser observado nesta passagem, a saber, que implicaturas são incentivadas pela repetição acima, e que conseqüentemente foram negligenciadas na tradução. A repetição, na abordagem da TR, constitui um caso de interpretação ecóica. Interpretação ecóica, (cf. Sperber & Wilson, 1986/95: 238), é aquela que alcança relevância informando-se o ouvinte de que o falante tem em mente o que um outro falou e que tem também uma atitude frente ao dito, de confirmação ou rejeição. A repetição traz, como a inversão de ordem da frase, um efeito poético e, conseqüentemente, marca do estilo do autor.

A TR possibilita uma melhor compreensão da relação existente entre texto e contexto, sendo este um conceito cognitivo

e aquele uma representação deste. A partir do enfoque da TR é possível visualizar a inter-relação existente entre dois textos, complexidade que se mostra não apenas nos possíveis desdobramentos de um texto, ou seja, no seu efeito contextual, mas também no próprio ato de criar, ou de transformar uma obra, submetendo-a a outro contexto. A tradução, nesta teoria, aparece como exemplo da capacidade humana, não de reproduzir e copiar, mas de modificar e criar.

4. Análise das estratégias

Far-se-á, a seguir, uma análise das categorias mencionadas acima e identificadas por nós no contraste entre o original alemão e o texto de Lia Luft em português.

4.1. Interferência

Diferentemente da teoria tradicional da tradução, na TR, a literalidade é determinada pelo grau de semelhança com o texto de partida, e é determinada pela busca de relevância. Pode acontecer que o grau máximo de semelhança acarrete diminuição da relevância por demandar maior esforço de processamento. Os casos de interferência, como no exemplo das “pernas da mesa” em 3.1., são um exemplo extremo de literalidade. Consideremos mais um caso de interferência, no sentido de fazer coincidir ao máximo a intenção do autor. Vejamos o próximo exemplo:

In der Kommode seines Schlafzimmers [...] (746) → “Na cômoda do seu quarto de dormir [...]” (27)

De novo, trata-se de um caso de menor efeito contextual, já que não ocorre contextualizado desta forma na língua de chegada. Quando neste contexto se menciona o quarto de alguém, já está implícito que é o quarto onde esta pessoa dorme. Trata-se, assim, de explicitação desnecessária, acarretando menor efeito contextual e também maior esforço processual. Neste trabalho, chamamos de interferência o fenômeno no qual marcas da lín-

gua de partida manifestam-se na língua de chegada, ou vice-versa, como no exemplo a seguir:

Ja die Kinder hatten nicht irgendeinen Kindertod (721) → “Sim, até as crianças, não tinham qualquer mortezinha infantil.” (12)

No exemplo acima, aparece mais um caso de interferência diferente, na medida em que a tradutora transfere uma determinada marca da língua de chegada no texto. A intenção é enfatizar um determinado aspecto do enunciado. Ao colocar a palavra morte no diminutivo, a tradutora insere um elemento a mais, talvez em busca ou de um efeito poético ou de maior contextualização. Mesmo sendo um sucesso em termos de efeitos contextuais, não se pode dizer o mesmo em termos de semelhança interpretativa, pois no trecho transcrito acima Rilke afirma ser a morte uma só, seja a de homens, mulheres e crianças. Já na tradução, pode-se inferir que a morte de crianças é diferente da do adulto, já que o diminutivo é comumente associado à infância. Se nos lembramos de toda a carga afetiva que o diminutivo carrega, então fica claro que se trata de fortalecimento de implicatura. Se o exemplo do “quarto de dormir” é um caso de literalidade extrema, o exemplo da “mortezinha” é um acréscimo. Em ambos os casos, a estratégia da tradutora é explicitar determinados aspectos do enunciado.

Cada enunciado diz muito mais do que a soma das palavras isoladas. Nos dois exemplos acima vimos diferentes modos pelos quais determinadas representações semânticas foram selecionadas, completadas e enriquecidas para se chegar a determinada forma proposicional expressa pelo enunciado, através da qual se pôde inferir um determinado contexto. Em outras palavras, os exemplos mencionados constituem tentativas de recuperar as implicaturas evidenciadas de maneira forte ou fraca pelos enunciados. Na maioria dos exemplos, trata-se de fortalecimento de implicatura, já que se acrescenta um elemento de explicitação, ou seja, constrói-se um novo conceito, com maior ou menor efeito contextual. O exemplo do “quarto de dormir”, semelhante ao das

“pernas da mesa” configura um caso de implicatura fraca por acarretar menor efeito contextual e maior esforço processual. Esses exemplos são evidência de que não se trata simplesmente de enfraquecer ou fortalecer a implicatura para se chegar a uma interpretação mais relevante. Como já afirmado, relevância é a conjugação entre contexto e implicatura, efeito e esforço, ostensão e inferência.

4.2. Omissões

Diferentemente dos acréscimos, as omissões parecem, a princípio, não evidenciar a explicitação, mas sim deixar implícito algo explícito, como já exemplificado anteriormente com a omissão do adjetivo alemão *enormer* (enorme). Alguns tipos de omissão caracterizam simplesmente um conceito a menos, como pode ser observado no exemplo a seguir:

Und man hat niemand und nichts. (721). → “E não se tem ninguém.” (13)

Com certeza, a omissão significa uma simplificação do enunciado, já que a tradução não recupera todo seu conceito. Nesta omissão fica evidente que a intenção de dizer coisa diferente do que está no texto de partida. Não se trata de omissão de algo que possa ser imediatamente recuperado pelo contexto, nem tampouco de um conceito que não exista na língua de chegada, mas simplesmente a recusa de um termo considerado não-relevante. Esta recusa também é dirigida em termos de relevância; não merece contudo maior atenção, já que recupera apenas parcialmente a intenção do autor. Importante, porém, é o caso em que a omissão compreende uma mudança não de conceito, mas no procedimento comunicado pelo enunciado, como exemplificado no tópico 4.4.

4.3. Acréscimos

Ich bin ausgewesen. Ich habe gesehen: Hospitaler’ (709) → “Hoje saí de casa. E vi: Hospitais.” (5)

Na tradução, nota-se o acréscimo dos advérbios *heute* e *zu Hause* e da conjunção *und*. Mais do que simples unidades lingüísticas, estes termos, na TR, refletem processos cognitivos, ou a parte recuperável deles. Sob esta perspectiva, pode-se notar que a tradução constitui enriquecimento da forma proposicional, na medida em que acrescenta elementos que definem certas circunstâncias (tempo e origem) que o texto de partida optou por deixar implícito. Como já mencionado anteriormente, o elemento de explicitação fortalece a implicatura e, conseqüentemente, diminui o efeito contextual. Na maioria das vezes, o acréscimo de elementos acarreta, de maneira diversificada, modificação na forma proposicional ou no ato de fala desempenhado pelo falante. Observemos o seguinte exemplo:

Sie tun es so im Vorbeigehen; es wäre ein Leichtes. (782) → “Pois fazem-no casualmente; seria tão fácil.” (48)

Ao usar a estrutura do subjuntivo, Rilke evidencia a dificuldade de um estado de coisas (*x* não é fácil), e também uma postura frente a este determinado estado de coisas (*A* acredita que *x* não é fácil). A comparação implícita evidencia ainda a existência de outro pensamento sobre este determinado estado de coisas, isto é, uma representação que se tem dele (existe um pensamento *z* que acredita que *x* é fácil). Aqui não se trata da representação de um desejo frente a um determinado estado de coisas, como na tradução “seria tão fácil”, nitidamente exclamativa, pela presença do termo “tão” (*A* deseja que *p*). No texto de partida, Rilke revela outro tipo de relação. Trata-se, antes, de uma representação pretendida da relação entre o pensamento do falante e determinado pensamento sobre um determinado estado de coisas (*A* acredita que *p* tem semelhança interpretativa com *P* – sendo *P* a representação de pensamentos sobre um determinado estado de coisas). Isto seria explicitado da seguinte forma: *A* pretende deixar manifesto que tem em consideração outro pensamento sobre um determinado estado de coisas e acredita que seu pensamento não repete aquele pensamento sobre este estado de coisas, mas o interpreta, refletindo, assim, um outro pensamen-

to. Este tipo de interpretação é denominada interpretação de segundo grau, e faz eco, como observado acima, a um determinado pensamento, sendo também denominada interpretação ecóica. Mais adiante analisar-se-ão outros exemplos deste tipo de interpretação. Por ora, cabe salientar que o acréscimo de “tão” muda o ato de fala, destacando a representação de um desejo frente a um determinado estado de coisas, ao passo que o texto de partida evidenciava um pensamento frente a um outro pensamento.

Como se pode notar, a TR postula que o código, mesmo não recuperando todas as implicaturas de um enunciado/pensamento, apresenta-nos, de qualquer forma, instruções que dirigem as implicaturas/explicaturas a serem recuperadas. No próximo exemplo, pretende-se deixar claro este aspecto.

Früher wubte man, daß man den Tod in sich hatte wie die Frucht den Kern. (715) → “Antigamente sabíamos que contínhamos a morte em nós como a fruta contém sua semente. “(9)

Este exemplo mostra os acréscimos feitos pela tradutora. No primeiro caso tem-se o pronome pessoal “nós” em itálico, e, no segundo, a tradutora explicita o que está implícito com os termos “contém” e “sua”. Rilke, ao utilizar o itálico na preposição *in* pretende deixar manifesto que a morte era algo interior, íntimo. Podemos dizer que a tradução, embora não reproduza literalmente a passagem, consegue o mesmo efeito, no primeiro caso; no segundo, porém, diminui sensivelmente o efeito ao repetir o verbo “conter”. Há outras passagens em que a tradutora se utiliza do itálico por conta própria, isto é, acrescenta o itálico onde ele não está presente no texto de partida. Trata-se de um outro tipo de acréscimo, como nos mostra o exemplo seguinte:

[...] daß ihr mit einem Male aus der Wand eine andere Hand entgegenkamm. (795) → “[...] que de repente outra mão viria ao seu encontro.” (56)

O itálico na tradução evidenciava algo que o texto de partida, apesar de o estar destacando de alguma forma pela estrutura

da frase, apenas sugere. A ênfase dada pela tradutora, ao acrescentar o itálico, constitui também uma explicatura. Até agora estivemos mostrando exemplos de acréscimo, que contribuem, como proposto acima, na maioria das vezes, para a explicitação de algum termo. O objetivo aqui não é analisar detalhadamente todos os casos identificados. Estes poucos exemplos servem, contudo, a título de ilustração dos parâmetros de acréscimo por nós observados.

4.4. Substituições de UTs: codificação procedimental

A TR argumenta que uma marca do emissor é a estruturação da frase. A substituição da UT original, pode ser vista como uma modificação nas marcas de codificação procedimental. Neste sentido, a inversão de qualquer elemento pode significar um sinal da intenção informativa do emissor em guiar a direção na qual a relevância deve ser procurada. Observemos o exemplo abaixo:

Und Ernstliches war es ja nichts. (798) → “E não havia nada sério.”
(58)

Wilson e Sperber (1993) afirmam que a ordem da frase não codifica um conceito, mas sim um procedimento. Ela não acarreta mudança na proposição, mas indica uma restrição às explicaturas de alto nível. Uma explicatura de alto nível é uma representação conceitual de um determinado estado de coisas. Ela é codificada lingüisticamente, e é recuperada a partir da combinação de decodificação e inferência. Ao modificar a estrutura, o autor pretende chamar a atenção para sua intenção de tornar evidente determinada atitude frente a um estado de coisas. Desta forma, a inversão comunica principalmente uma atitude do falante, é essa a relevância da inversão. Ela constitui, assim, um uso interpretativo da língua, não descritivo, uma vez que reflete um pensamento acerca de um outro pensamento. Tal comportamento ostensivo é modificado na medida em que a tradutora não reproduz a inversão no texto de chegada, caracterizando o enunciado

como mera descrição de um estado de coisas. Levando-se em conta que esta estratégia indica um estilo do autor, neste caso a tradutora opta, mais uma vez, pela omissão.

O exemplo seguinte mostra uma outra estratégia da tradutora para explicitar o que está implícito no texto de partida, revelando com isto atitude diferente daquela expressa no enunciado do texto de partida:

Aber was war da ein Wille. (773) → “Mas o que significava, neste caso, a vontade?” (43)

Ao interpretar o enunciado acima como uma interrogativa, a tradutora modifica, mais uma vez, o ato de fala realizado, o que significa uma explicitação, na medida em que no texto de partida não está claro se se trata de uma afirmativa, exclamativa ou interrogativa, é algo que fica em aberto. Qualquer escolha por um destes três tipos de enunciado configura, conseqüentemente limitação do pretendido pelo autor. Como no exemplo abaixo, também trata-se de substituição de marcas de codificação procedimental e conseqüente mudança no ato de fala declarado.

Sie tun es so im Vorbeigehen; es wäre ein Leichtes. (782) → “Pois fazem-no casualmente; seria tão fácil.” (48)

Como já mencionado anteriormente, o acréscimo do termo “tão” indica um desejo do falante frente a um estado de coisas, desejo este não explicitado no texto original. A forma proposicional da tradução pode ser explicitada nos seguintes termos:

⟨ A acredita que y pensa que x seria fácil, com o que A concorda.

No texto de partida, a forma proposicional é a seguinte:

⟨ A acredita que y pensa que x talvez fosse fácil, com o que A não concorda.

Chegou-se a estas duas formas proposicionais também através do tempo verbal utilizado, que constitui marca da atitude sugerida. Este tipo de construção, ao revelar um comportamento, configura marca de codificação procedimental. Como se pode observar, a atitude do emissor se modifica, não a partir de um conceito, mas sim de um procedimento, o que também acontece no exemplo seguinte, quando a tradutora opta por mudar o tempo verbal:

Man möchte meinen, es wäre allen bisher zu schwer gewesen [...]
(725) → “Dir-se-ia que até agora foi difícil demais, para todos [...]”
(15)

A diferença dos enunciados acima está em que, no primeiro, evidencia-se algo que continua, ao passo que a tradução parece sugerir algo que já não é mais de uma determinada forma. A utilização da forma do subjuntivo no texto de partida caracteriza marca de discurso indireto, através da qual o falante quer deixar claro que o seu pensamento é outro.

Há casos onde o termo não somente determina uma atitude do emissor em guiar a interpretação numa dada direção, mas também relaciona o enunciado com outras passagens do texto, como, acontece, por exemplo, com os conectivos, ou elementos de coesão. Blakemore (1996) afirma que a produção e interpretação de discurso dependem das conexões existentes entre seus seguimentos, conexões evidenciadas por determinados termos. Segundo Blakemore, estes termos também não contribuem para a condição de verdade de um enunciado, codificam, sim, restrições às implicaturas a serem recuperadas, o que também caracteriza codificação procedimental.

No exemplo a seguir, pretende-se esclarecer este ponto:

[...] mit einem Satze, auf den ich [...] nicht achtgab und der lautete [...] (736) → “[...] algo a que eu [...] não dei atenção, mas que significava [...]” (21)

No primeiro caso, o conetivo *und* mostra uma ligação entre duas características do dito (A não prestou atenção a ele e

A lembra-se do seu significado – enfoque no dito). No segundo caso, relaciona-se contrastivamente com o anteriormente dito (A não prestou atenção a ele, mas se lembra do significado – enfoque na atitude do falante frente ao dito). Os dois conetivos refletem, assim, diferentes relações entre os enunciados, constituindo marcas de processos cognitivos que, de acordo com Carston (1993:39), ‘indicam que a proposição é posta numa certa relação inferencial com uma outra, normalmente com a anterior’. Desta forma, os conetivos codificam restrições às implicaturas.

Também as repetições exemplificam restrições às implicaturas de um enunciado, o que se pretende deixar claro com o período abaixo:

Und von Zeit zu Zeit fiel etwas, fiel verhüllt auf Teppich, fiel hell auf das harte Parkett’. (717) → “De vez em quando, alguma coisa despencava, tombando discretamente num tapete, ou caindo com ruído estridente no soalho duro.” (10)

Interessa-nos, sobretudo, a tradução do verbo *fallen* (cair), em que a tradutora opta por evitar a repetição do original, sem conseguir entretanto efeito contextual semelhante. Neste período, fica evidente que não se trata de diferença semântica, nem tampouco desvio de forma, mas antes de comportamentos ostensivos diferentes. Rilke repete, ao passo que a tradutora evita a repetição. A repetição do verbo *fallen* (cair) reforça a ação, como se essa acontecesse aos poucos e repetidamente. É um chamado de atenção para o ocorrido. A ausência de repetição na tradução neutraliza a ação, diminuindo o efeito alcançado, mesmo que se trate de enriquecimento da forma proposicional. Segundo Sperber e Wilson, repetições contêm mais implicaturas, exigindo expansão do contexto pelo leitor. Elas são exemplos de efeitos poéticos. Este efeito é anulado quando a tradutora opta por diversificar o verbo, o que torna o enunciado mais explícito. Os pronomes também são utilizados para indicar como interpretar o enunciado. Codificam, assim, obstáculos procedimentais, limitando a fase inferencial da compreensão ao indicar o tipo de processo inferencial que é esperado do ouvinte na recuperação da interpre-

tação pretendida. Para a TR, os pronomes impõem limites às explicaturas, pois eles guiam a procura pelo referente pretendido, o qual é parte da proposição expressa. Assim, mesmo sendo exemplos de codificação procedimental, os pronomes contribuem para a condição de verdade de um enunciado, já que apontam para um referente.

Comparemos os exemplos abaixo:

Wenn arme Leute nachdenken, soll man sie nicht stören. (712) →
“Quando as pessoas infelizes refletem, não devemos perturbá-las.” (7)

Man kommt, man findet ein Leben, fertig, man hat es nur anzuziehen.
(714) → “A gente chega, encontra a vida pronta, basta vesti-la.” (9)

[...] die Spaziergänge, von denen man französisch erzählen mußte.
(801) → “[...] os passeios que depois eu tinha de contar em francês.”
(60)

Observa-se que o pronome indefinido *man*, que na tradução aparece ora como terceira pessoa (há também ocorrência de terceira do plural), ora primeira. Se interpretamos o pronome *man* como uma generalização, de alguma forma o falante se distancia do enunciado. Essa distância não é mostrada nas traduções, onde os termos “nós”, “a gente” e “eu” indicam envolvimento do emissor com o enunciado. Generalizações são exemplos típicos de uso interpretativo da língua, pois reportam um determinado pensamento existente, que poderia ser explicitado nos seguintes termos: A deixa manifesto que existe uma representação R de uma suposição S sobre um determinado estado de coisas. As generalizações são, desta forma, exemplos de uso ecóico da língua, pois o falante tem em mente um determinado pensamento (neste caso, de pessoas em geral, o que caracteriza senso comum) e que o falante tem uma atitude frente a este pensamento (neste caso uma postura crítica). Esta atitude está, entretanto, implícita no texto de partida, e só a recuperamos por outras passagens do texto. Na tradução, a atitude do falante está explícita, e esta é de concordância com o exposto no enunciado, na medida em que o falante se inclui no senso-comum. O que se pode concluir é que Rilke

utiliza as generalizações através do termo *man*, como forma de se posicionar criticamente contra o senso comum. Ao repetir essas generalizações, ele o faz de maneira irônica. A ironia é, por sinal, um das marcas do estilo do autor, acarretando assim um efeito poético.

4.5. Mudança de atitude

Observemos o próximo exemplo, que, embora acarrete uma omissão, muda o ato de fala desempenhado:

Das hat natürlich seine Tragik. (712) → “Essa descoberta tem seu lado trágico.” (7)

Em que diferem os enunciados acima? Na TR, uma afirmação do tipo A diz *p* (onde *p* é a forma proposicional), constitui uma relação descritiva entre o pensamento do falante e um determinado estado de coisas. Assim, A diz *p*, no exemplo acima, pode ser interpretado como A acredita que ‘algo tem seu lado trágico, naturalmente’. Esta seria a tradução literal do pensamento de A sobre um determinado estado de coisas. Na tradução, Luft omite o advérbio, e conseqüentemente o falante deixa claro seu total envolvimento com o enunciado. O que se pretende ressaltar aqui é que um determinado enunciado pode ser interpretado de diferentes formas, mas que sempre estará indicando uma determinada relação com o pensamento do falante. No exemplo acima, pode-se dizer que, embora tanto o texto de partida quanto o de chegada compartilhem de semelhança interpretativa, cada um revela aspectos diferentes, sendo por isso mesmo relevantes naquilo que pretendem comunicar. O advérbio *natürlich* (naturalmente) implica um conceito a mais, na medida em que modifica o ato de fala realizado não como descrição de um estado de coisas, mas uma posição do falante frente a este estado. Este termo evidencia uma relação de concordância à distância do emissor com o enunciado. Mais importante, assim, do que o conceito omitido, a tradutora modifica também a atitude do falante, que

no caso da omissão significa total responsabilidade do falante pelo enunciado, ao passo que o uso do advérbio *natürlich* (naturalmente) divide a responsabilidade da implicatura com a audiência. Ariel (1988) acredita que a falta de marca num enunciado indica completa lealdade, enquanto que a marca sugere ou falta de envolvimento ou envolvimento parcial com a verdade. Segundo Ariel (op. cit.), advérbios inferenciais são, assim, marcas desta distância da verdade expressa pelo enunciado. Wilson e Sperber (1993) afirmam que estes advérbios, os quais eles denominam ilocucionários, não contribuem para a condição de verdade de um enunciado, mas se referem à atitude do falante. Existem outras destas marcas num enunciado. Vejamos um outro exemplo:

Als ich eben einen Bissen in den Mund steckte. (736) → “Quando levava um bocado de comida à boca.” (21)

Também como no exemplo anterior, a tradutora opta por omitir a instrução evidenciada por *eben*, ou seja, uma determinada atitude do falante frente a um determinado estado de coisas. Este termo não contribui para o conteúdo do significado expresso pelo enunciado, na medida em que não modifica a proposição; codifica, entretanto, um conceito que pode ser recuperado pela explicatura de alto nível. Acreditamos que as partículas *doch*, *wohl*, *eben*, *ja*, etc. também representam, como os advérbios, marcas de atitude do falante e modificam o ato de fala desempenhado. O resultado da omissão desta marca constitui uma simplificação, na qual uma estrutura complexa (conceito + atitude) é substituída por uma simples (apenas um conceito). Em termos de relevância, isto significa a substituição de um uso interpretativo por um descritivo, o que acarreta fortalecimento da explicatura, na medida em que torna evidente o que está explícito no enunciado. Como no caso do acréscimo, esta estratégia obtém menor efeito, já que demanda menor esforço. Nem sempre, entretanto, a tradutora escolhe omitir estas marcas na tradução, como nos exemplos abaixo:

Der Großvater antwortete dann mit einem Satz, der etwa lautete. (736) → “Meu avô respondeu algo que significava qualquer coisa como...” (21-2)

Und er besaß gewiß auch alle diese Würden (733) → “Certamente tinha todas essas dignidades” (20)

Nos exemplos acima, a tradutora não negligencia a postura do autor, mas reflete a atitude do emissor, evidenciando assim um exemplo de tradução mais direta. Neste caso, a análise a ser feita seria em que medida a tradução escolhida assemelha-se interpretativamente ao texto de partida, o que poderia ser observado na tradução de um determinado termo ao longo da obra. No entanto, este procedimento ultrapassa o objetivo do presente trabalho. Mais relevante é o fato de que se determinados termos (as partículas ou os advérbios) codificam atitudes do falante, a omissão deles modifica a atitude expressa pelo enunciado, o que também pode ocorrer na tradução destes termos.

4.6. Efeitos poéticos

Dos exemplos até agora mencionados, podemos afirmar que omissões, mudanças na estrutura, repetições e generalizações representam marcas de estilo do autor e, conseqüentemente, de efeitos poéticos. O próximo exemplo de repetição também ilustra o estilo do autor:

Und suchte, nach etwas Bekanntem suchte, nach etwas schon einmal Gesehenem suchte. (755) → “À procura de algo conhecido, algo já visto uma vez.” (32)

Segundo a TR, a repetição deve ser tomada diferentemente, dependendo do ambiente cognitivo mútuo no qual aparece. Assim, ela pode descrever o estado mental ou emocional do falante, pode ainda enriquecer a forma proposicional ou fortalecer a implicatura. Pode também encorajar o ouvinte a ser criativo e a dividir com o falante a responsabilidade da interpretação da

repetição. Ela traz, neste caso, um efeito poético, que segundo os formuladores da TR, é aquele efeito que alcança sua maior relevância através de um amplo leque de implicaturas fracas. Neste sentido, a repetição do verbo *suchen* (procurar) contém mais destas implicaturas do que a omissão da repetição na tradução, cujas implicaturas fortes diminuem o efeito alcançado. Sendo assim, evitando repetir o verbo “procurar” ou “cair”, a tradutora consegue o mesmo resultado como no caso do acréscimo: o fortalecimento da implicatura. Por outro lado, repetições são exemplos de indeterminação. A repetição utilizada por Rilke significa não somente repetição de um estado de coisas, nem apenas um desejo frente a este estado, mas, mais ainda, uma interpretação, ou seja, uma postura frente a um determinado e, ao mesmo tempo, desejado estado de coisas. Como mencionamos anteriormente, as repetições são exemplos de interpretação ecóica e alcançam relevância na medida em que demandam maior participação do ouvinte na recuperação das implicaturas fracas que estão implicitamente comunicadas pelo enunciado. No entanto, um outro aspecto merece atenção: o fato de que a repetição também ocorre no nível fonético, caracterizando aliteração e, às vezes, mudança no ritmo da narrativa. Esse também é um tema da Teoria da Literatura que poderia ser analisado à luz da TR.

Na TR, a indefinição é marca de uso interpretativo da linguagem. A maior ou menor indefinição em comunicar certa suposição é guiada em termos de relevância e o comunicador escolhe o que deseja determinar ou deixar em aberto. A forma escolhida pelo autor para comunicar determinado enunciado contribui assim para a relevância deste. Segundo Rouchota (1994), uma descrição indefinida deveria ser analisada como contribuição para o conteúdo comunicado implicitamente pelo enunciado. A tradutora opta pela semelhança no nível apenas semântico, o que torna o enunciado no texto de chegada uma descrição definida, já que evidencia um simples acesso a uma determinada informação.

Um efeito poético se revela, assim, uma estratégia criativa de uso interpretativo da língua, não um desvio no uso da lín-

gua, como bem observam Sperber e Wilson. Lia Luft traduz *wie etwas sehr Schweres* (741) por “como se fosse chumbo” (24). Por um lado, a tradutora consegue maior efeito contextual, na medida em que metaforiza o adjetivo *schwer* (pesado/difícil). Por outro, parece restringi-lo a uma única interpretação, a saber, a de ter peso. O texto original mantém a ambigüidade entre as duas interpretações. O acréscimo do verbo ser (fosse), no subjuntivo, causa fortalecimento de implicatura, como já indicado anteriormente. Nesse caso, o resultado parece demandar menor esforço, mas também gerar menor efeito. Como já foi sugerido, qualquer elemento de indefinição acarreta enfraquecimento na implicatura, aumentando o efeito contextual e conseqüentemente o esforço processual. Por outro lado, as explicitações significam fortalecimento de implicatura com conseqüente diminuição do efeito contextual e do esforço.

4.7. Considerações finais: síntese das categorias e estratégias

Na breve análise realizada acima, focalizaram-se algumas estratégias utilizadas na tradução de determinadas categorias. Mencionou-se a tradução direta, com enfoque no caso da interferência; analisaram-se também acréscimos e omissões; identificaram-se marcas de codificação procedimental, quando foram analisadas mudanças na estrutura, no ato de fala, na relação com outras passagens do texto e no referente pretendido; por último, chamou-se a atenção para determinadas marcas que trazem efeitos poéticos, como por exemplo repetição, generalização, aliteração, ironia e metáfora. A análise aqui proposta não pretendeu abarcar todas as estratégias utilizadas pela tradutora, mas sim apresentar uma pequena amostra da possibilidade de análise da tradução de um ponto de vista cognitivo.

4.8. Considerações da síntese à luz da TR

Após análise e seleção dos exemplos, confirma-se a dificuldade em decompor um enunciado em unidades de tradução,

razão pela qual a classificação das categorias pode parecer insuficiente. Segundo a TR, isso só vem ilustrar a complexidade das relações entre forma lingüística e interpretação pragmática. Pelos exemplos pode-se perceber que diferentes categorias são passíveis de uma mesma análise, como, por exemplo, no caso de uma mudança do ato de fala ser determinado pela omissão ou acréscimo de um determinado elemento de coesão. Vários outros exemplos de interposição de categorias podem ser observados. No entanto, mais do que categorizar as manifestações lingüísticas do texto de partida ou do texto de chegada, pretendeu-se focar, neste capítulo, como determinadas marcas lingüísticas põem em evidência diferentes informações, isto é, como um indivíduo, através de decodificação e inferências, formula e reformula hipóteses na formação de sua apreensão de mundo e sua postura frente a ele. Postula-se, na TR, que um indivíduo escolhe apenas aqueles aspectos do enunciado que lhe são relevantes sob determinadas circunstâncias. Mudam-se estas, outros são os aspectos relevantes. Daí a possibilidade renovada de interpretação, de posicionamento. Trata-se antes de abertura do que de convenções ou regras, abertura esta revelada nas diferentes situações vivenciadas e comunicadas pelo indivíduo. Esperamos que tenha ficado claro que o mais importante, se entendemos bem a abordagem da TR, não é se a tradutora é bem-sucedida em reproduzir fielmente ou não a intenção do autor, mas que, ao traduzi-la, deixa evidente a sua busca por uma semelhança interpretativa entre o texto original e a tarefa que executa.

5. Conclusão

Certamente é difícil conseguir que uma tradução tenha semelhança interpretativa em todos os seus níveis. Este capítulo procura deixar claro que não é esta a questão, mas, sim, que se consiga efeito contextual com a utilização de uma ou outra estratégia de tradução. Como afirmado anteriormente, os escritores utilizam-se de vários recursos em busca de maiores efeitos. Um tradutor não tem que, necessariamente, utilizar-se dos mes-

mos recursos (já que a diferença entre as línguas muitas vezes não o permite), mas sim alcançar a relevância pretendida junto a sua audiência, exigindo dela o mínimo esforço e conseguindo o maior efeito contextual possível. Aqui cabe, entretanto, uma comparação entre o trabalho do autor e o do tradutor. Se o primeiro busca maior relevância através de certos efeitos poéticos, não há por que não se valer destes efeitos na tradução de uma obra literária, que explora exatamente esta possibilidade da língua. Isto não significa que um tradutor deva reproduzir o estilo do autor, mas de revelar um estilo próprio que se assemelhe interpretativamente ao estilo do autor. A tradução tem, desta forma, não a dimensão de cópia, mas de transformação, de contextualização.

Esta dimensão da tradução é percebida pela TR, que aborda a tradução não simplesmente como algo independente, mas sim relacionada a outras esferas da produção do ser humano. Nesta abordagem, tradução é um ato de comunicação, que nos possibilita a compreensão de como o ser humano se utiliza da linguagem. A TR, demonstra que este processo é passível de investigação científica. Tenta mostrar que este uso é direcionado pelo Princípio de Relevância, o qual determina as decisões comunicativas em termos de busca de maior efeito contextual e menor esforço cognitivo. Procurou-se, ao longo deste capítulo, exemplificar a aplicação dos conceitos desta teoria na análise da tradução, e ainda mostrar o como e o porquê das estratégias utilizadas por Lia Luft. Esperamos que este breve estudo venha ajudar outros estudantes de tradução tanto na análise de traduções quanto na aplicação da TR como base para as análises das traduções.

6. Referências Bibliográficas

- ALVES, F. *Zwischen Schweigen und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke?* Hamburg: Dr. Kovac, 1995.
- ARIEL, M. Retrieving propositions from context: why and how. *Journal of Pragmatics*, v. 12, p. 567-600, 1988.
- BLAKEMORE, D. Are apposition markers discourse markers? *Journal of Linguistics*, v. 32, p. 325-347, 1996.

CARSTON, R. Conjunction, explanation and relevance. *Lingua*, v. 90, p. 27-48, 1993.

GUTT, E. A. Implicit information in literary translation: A relevance-theoretic perspective. *Target*, v. 8, n. 2, p. 239-256, 1996.

_____. *Translation and relevance - Cognition and context*. Basil Blackwell: Oxford/Cambridge, 1991.

RILKE, R. M. *Os cadernos de Malte Laurids Brigge*. Trad. de Lia Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

_____. *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge*. In: RILKE, R. M. *Sämtliche Werke*. Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1966

ROUCHOTA, V. On the referential/attributive distinction. *Lingua*, v. 87, p. 137-167, 1992.

_____. On indefinite descriptions. *Journal of Linguistics*, v. 30, p. 441-475, 1994.

SMITH, N. e WILSON, D. Introduction to the special issue on relevance theory. *Lingua*, v. 87, p. 1-10, 1992.

SPERBER, D. & WILSON, D. *Relevance, communication & cognition*. London: Blackwell, 1986/95.

TROTTER, D. Analysing literary prosa: The relevance of relevance theory. *Lingua*, v. 87, p. 11-27, 1992.

WILSON, D. & SPERBER, D. Linguistic form and relevance. *Lingua*, v. 90, n. 2, p. 1-25, 1993.

Estudos Lingüísticos é uma série que tem por objetivo divulgar trabalhos de pesquisa científica na área dos estudos da linguagem. Editada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, esta série publica trabalhos sobre a linguagem humana e suas inúmeras interfaces, tanto sob uma perspectiva teórica quanto aplicada.

ISBN 85-87470-21-3



9 788587 470218



PosLin